

INSTITUTO CAUSA

Informar para formar

Fascículo -

São Paulo, SP

IDEOLOGIA MARXISTA VISÃO GERAL E CRÍTICA

IDEOLOGIA MARXISTA: VISÃO GERAL E CRÍTICA

PARTE I

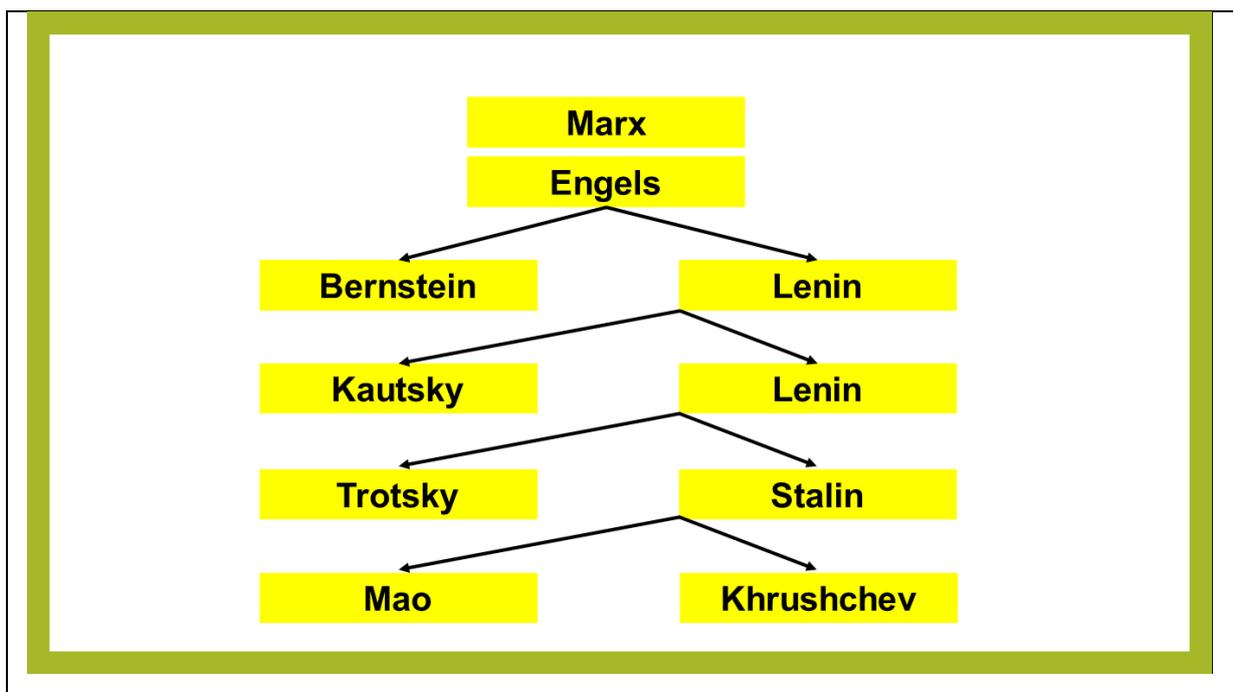
Quando falamos do marxismo hoje, devemos ter em mente que há numerosas divisões na "árvore genealógica" do marxismo, particularmente desde a morte do mais próximo seguidor de Marx, Friedrich Engels, em 1895. Naquele tempo havia uma disputa entre o marxista alemão Eduard Bernstein e o russo Vladimir Ulyanov (Lenin). Bernstein criticava as teorias econômicas de Marx e defendia reformas não violentas que levassem ao socialismo, ao passo que Lenin defendia a economia de Marx, enquanto reescrevia outras doutrinas marxistas. Ele também afirmou que o estágio do capitalismo deve ser ultrapassado de uma vez.

Karl Kaustsky, que havia apoiado Lenin na disputa com Bernstein,

mais tarde discordou dele sobre o assunto de fúiação ao partido. (Lenin favorecera um partido de profissionais revolucionários).

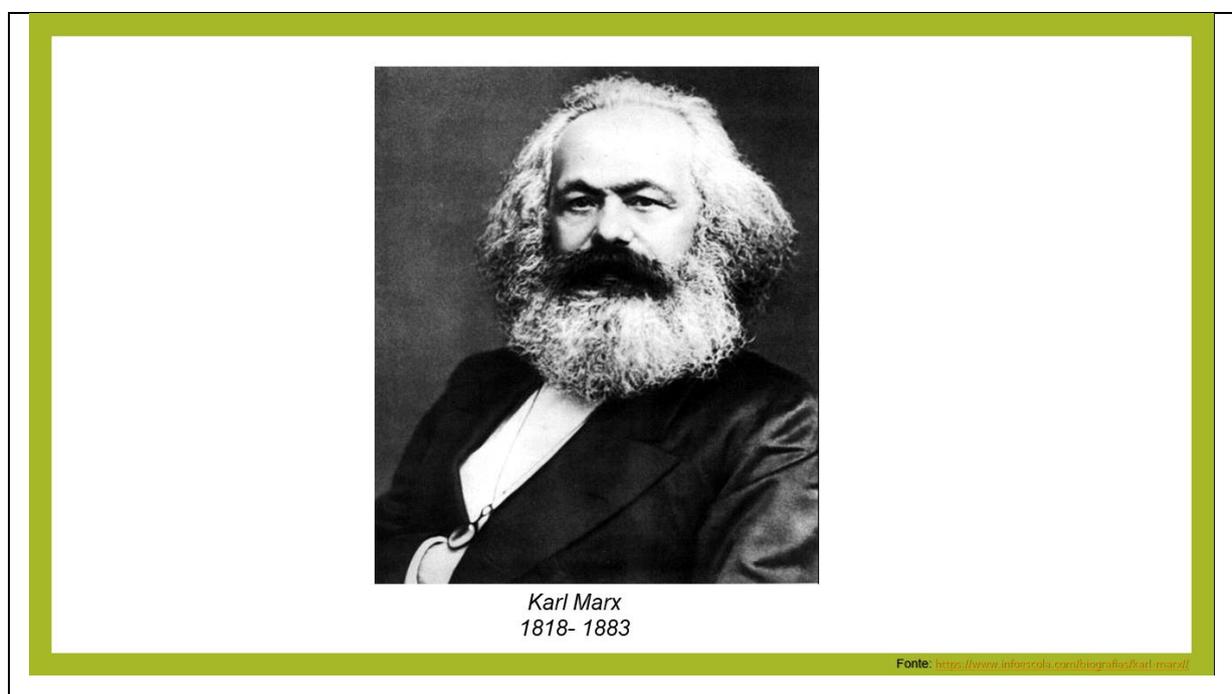
Lenin prevaleceu sobre Kautsky, mas após a morte de Lenin houve outra divisão entre Trotsky, que apoiava uma revolução mundial, e Stalin que era de opinião que a URSS devia ser reforçada e o comunismo transformado num baluarte que pudesse se expandir. Stalin venceu e Trotsky foi assassinado enquanto estava no exílio.

Quando Stalin morreu, houve uma divisão entre Mao Tsé-tung e Nikita Khrushchev. Como uma figura mundial, Mao teria sido o sucessor natural de Stalin como líder proeminente do comunismo. Mao era o "irmão mais velho" do mundo comunista e havia trazido a China para o campo comunista. Ele foi repellido por Khrushchev, e isto foi em parte responsável pela divisão sino-soviética.



Esta não é, de modo algum, uma lista exaustiva de divisões dentro do

comunismo, mas serve para ilustrar porque existe um número de diferentes interpretações da ideologia marxista hoje. As diferenças entre elas são primeiramente táticas, portanto, referentes à como alcançar mais efetivamente a transformação revolucionária do mundo. Todas as formas de marxismo são baseadas nas teorias de Marx, (1818-1883), que juntamente com Friedrich Engels escreveu o Manifesto Comunista em 1848. Nenhum estudioso ou ideólogo marxista negará os aspectos fundamentais de suas teorias. Marx é o primeiro pai de todos os marxismos, e quem quiser entendê-los deve começar com Marx.



Como visão geral e crítica do marxismo básico, este capítulo examina:

- I) A pessoa Karl Marx, seu ambiente e tendências de pensamento que influenciaram o desenvolvimento de suas teorias.
- II) As doutrinas marxistas básicas, incluindo a teoria da alienação humana.

III) O desenvolvimento cronológico inicial do marxismo, a partir da publicação do Manifesto Comunista.

IV) A falha do comunismo para resolver os problemas da alienação humana, isto é, o comunismo como falha social.

V) Os erros da doutrina marxista sob a luz da Cosmvisão da CAUSA.

VI) A ideologia na prática: o marxismo e a Cosmvisão da CAUSA.

Conteúdo

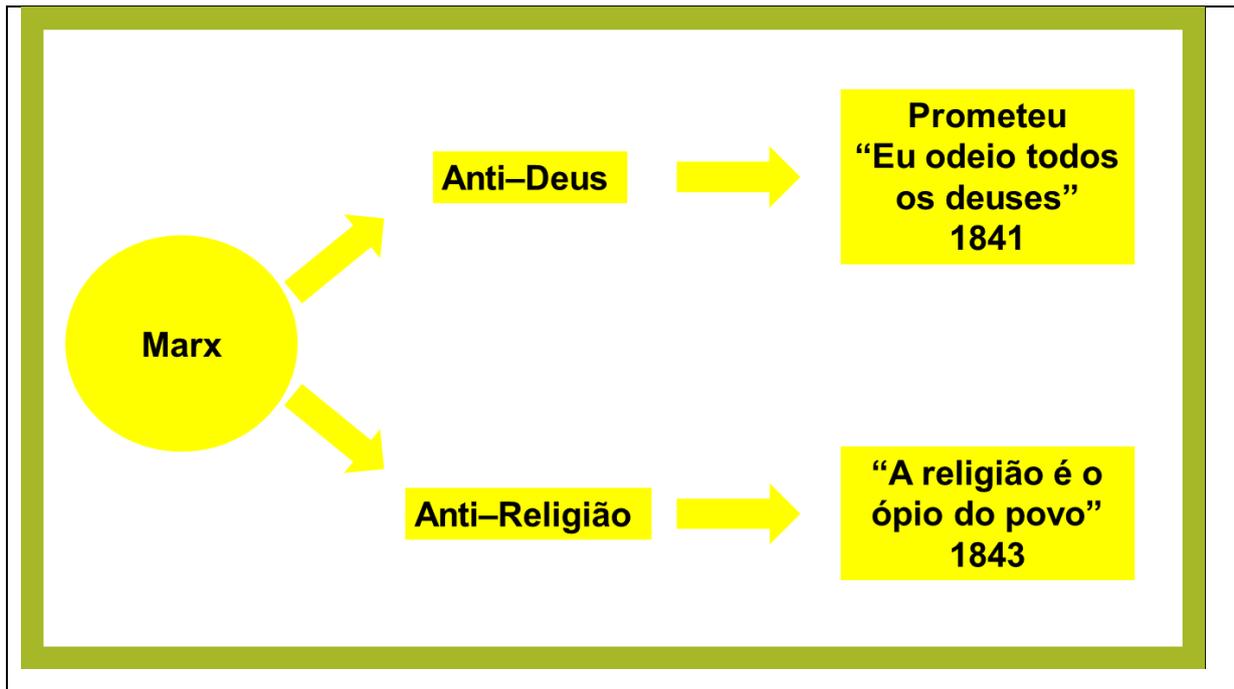
- 1. Influências sobre o pensamento de Marx**
- 2. A teoria marxista da alienação humana**
- 3. O marxismo e o manifesto comunista**
- 4. Comunismo: um fracasso total**
- 5. Os erros do marxismo**
- 6. Ideologia na prática: Marxismo e Cosmvisão da CAUSA**

A PESSOA DE KARL MARX E SEU AMBIENTE

Encontramos na obra de Marx, o espírito óbvio de rebelião contra a autoridade, particularmente contra a autoridade religiosa. Na introdução de sua tese doutoral, Marx louva Prometeu como o "santo e mártir mais iminente do calendário filosófico".

Prometeu, evidentemente, é a figura mitológica que roubou o fogo dos deuses e o deu à humanidade. Como punição ele foi acorrentado à uma rocha e uma águia era enviada todos os dias para devorar seu fígado, que voltava a crescer durante a noite. Zeus ordenou-lhe que se arrependesse, no que recebeu como resposta: “Odeio todos os deuses,” e bradou que preferiria permanecer acorrentado à rocha do que servir a deuses injustos. Marx repetiu estas mesmas palavras em sua dissertação doutoral.

Marx adotou Prometeu como modelo de filósofo em seu desafio contra os deuses, e mais tarde escreveria que a religião é o ópio do povo. Vamos nos aprofundar nas condições e experiências que levaram Marx a adotar esta perspectiva anti-religiosa.



A. INFLUÊNCIAS SOBRE O PENSAMENTO DE MARX

1- O SURGIMENTO E SUPRESSÃO DO LIBERALISMO

A Revolução Francesa de 1789 e as guerras napoleônicas que em seguida introduziram um novo liberalismo na Europa. Após um quarto de século de tumulto, Napoleão foi finalmente derrotado em 1814. Quando representantes das nações vitoriosas se reuniram em Viena, estavam determinados a restaurar a ordem que existia antes de 1789.

Com base neste Concílio de Viena (1814-1815), a Aliança Quádrupla da Inglaterra, Prússia, Áustria e Rússia foi capaz, por certo tempo, de reconstruir a ordem da velha Europa, mas levantes liberais a destruíam com frequência crescente. A reação era severa frequentemente. O Parlamento Britânico aprovou os severos Seis Atos em 1819 contra atividades radicais, e na França, a aristocracia inaugurou o "Terror Branco" contra os republicanos. Na confederação alemã, Metternich da Áustria persuadiu a Dieta a aceitar os decretos Carlsbad, impondo rígida censura na imprensa e cortando a liberdade acadêmica em agosto de 1819.

Em 1832, em resposta a atividades radicais de organizações estudantis, conhecidas como Burschenschaften, Metternich introduziu na Dieta federal, seis artigos reafirmando que todo o poder estava nas mãos dos príncipes e que os parlamentares não tinham poder para impedir o julgamento dos príncipes.

Com participação no governo e livre expressão negadas, a aspiração liberal e nacional irromperam em forma de revoluções na Europa em

1820 (Espanha, Portugal, Itália), 1821 (Grécia), 1825 (Rússia) e 1830 (França, Bélgica e Polônia). Estas foram seguidas por outras ondas de revolução em 1848-1849 na França, Itália e Áustria.

Influências sobre o pensamento de Marx



"A Liberdade Liderando o Povo" por Eugène Delacroix

Fonte: <https://artshistory.com/essay/analise-de-arte-da-tematica-o-heroismo-da-liberdade-querendo-a-voz/>

2- A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

A Inglaterra foi o primeiro Estado comercial do início do século XIX e foi lá que a revolução comercial começou, movendo-se depois para a Bélgica, norte da França e em direção oeste. Como resultado da industrialização, a maioria das pessoas nos séculos XVIII e XIX podia viver melhor do que aquelas dos séculos XV e XVI. Entretanto, havia ainda grande sofrimento humano. Indivíduos e famílias deixavam suas vilas, fazendas e estados feudais para concentrarem-se nas áreas urbanas. As condições de trabalho nas fábricas e usinas eram sofríveis e os salários baixos. Mulheres e crianças eram empregadas em fábricas, minas, lojas e campos. Baixas condições de saúde levavam ao aumento de doenças e alto índice de mortalidade infantil entre mães operárias. Como a indústria de tecelagem substituiu o trabalho no lar, a unidade familiar sofria, com o agravante do trabalho extra, tanto de homens como de mulheres.

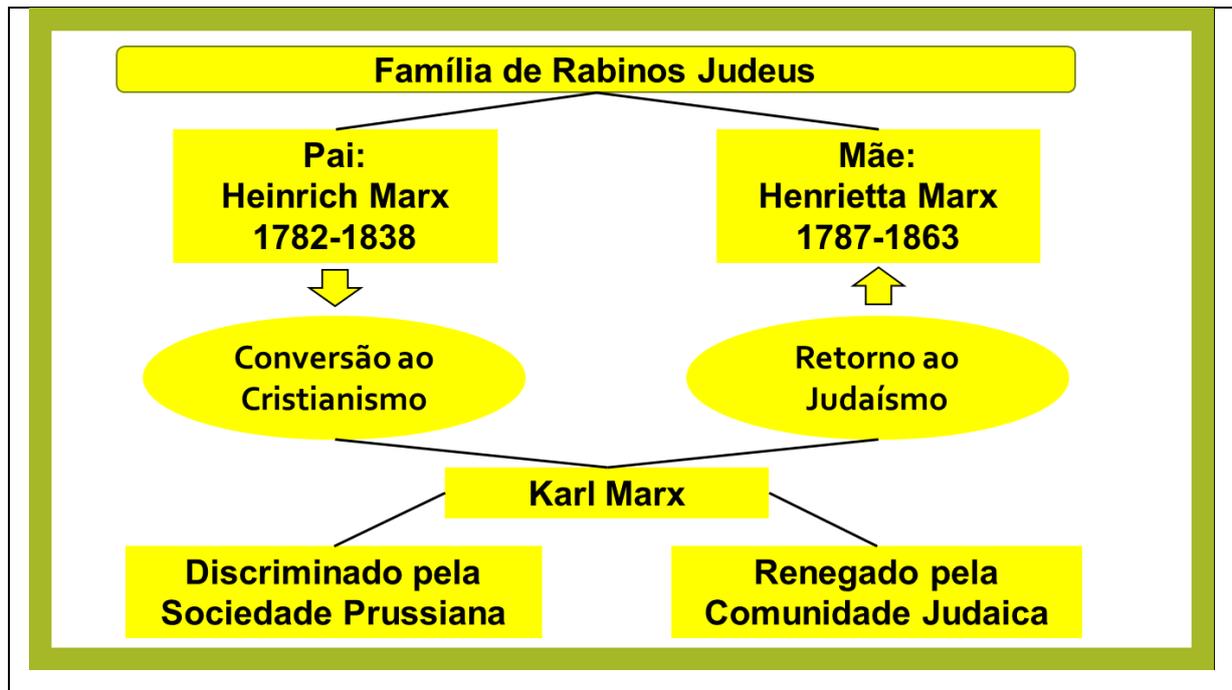
Crime e prostituição cresciam. O rápido crescimento industrial causava flutuações no emprego e um conseqüente aumento de desemprego e insegurança no trabalho. O historiador Harold Perkins afirmou que:

Em muitas cidades de grande porte da nova era, a angústia era mais concentrada, mais visível, mais clamorosa, e conforme afetava maior número de pessoas descontentes, era mais temida como detonador de explosões revolucionárias do que na antiga sociedade, onde tal condição era menos provável de gerar descontentamento político. Na primeira metade do século XIX cada colapso maior provocava uma onda de protestos políticos e cada crise política coincidia com um período de crise no mercado. (1)

Com mobilidade econômica melhorada para muitos, ocorrem perceptível crescimento do abismo entre os elementos mais pobres e os mais ricos da sociedade. Além disso, como Perkins observa:

Havia a crescente segregação da sociedade urbana nas ruas, bairros ou subúrbios diferentes, de acordo com a renda e status, o que formava classes isoladas e mutuamente hostis.
(2)

Em nenhuma parte havia uma deslocação de classe e um sentido de incerteza mais evidente do que na Alemanha, onde reformas nos anos 1807 até 1821 haviam alterado a estrutura política e econômica, sem, contudo terem sido capazes de estabelecer uma tradição de governo liberal e lealdade nacional. A base da consciência burguesa e prosperidade material sobre a qual Inglaterra e França haviam construído suas instituições representativas, ainda não existiam na confederação germânica no tempo da tremenda expansão da indústria entre 1789 e 1848.



3- CONFLITO NA FAMÍLIA DE MARX

Marx nasceu em 5 de maio de 1818 em Trier, na Alemanha Renana, uma área que havia sido anexada -pela França e mantida de 1795 até 1814. Durante este período, a região renana passou por reformas econômicas, administrativas e políticas, e foi ocupada pela Prússia como resultado do Concílio de Viena.

Seria difícil encontrar uma linhagem mais tradicional do que a de Marx, entretanto, seu pai, Heinrich Marx (1782-1838), converteu-se ao Cristianismo em 1816, provavelmente para facilitar sua carreira. Em 1824, ele converteu seus filhos, inclusive Marx, entretanto, a mãe de Marx, Henrietta (1787-1836), resistiu à conversão. Na verdade, ela converteu-se em 1825, mas retornou ao judaísmo após a morte de seu marido.

A família de Marx deve ter passado por dupla discriminação. Por um

lado, eram discriminados pela sociedade prussiana por serem judeus, e de outro, eram vistos como renegados pela comunidade judaica. **(3)** Nesta situação, Marx deve ter sentido fortes sentimentos de solidão, alienação, inferioridade, humilhação e derrota. Talvez esta falta de identidade e autoafirmação tenha contribuído para sua transformação em uma pessoa extremamente rebelde e militante, amargurada com a sociedade ao seu redor.

Estes sentimentos teriam se intensificado pelas ações opressivas da Prússia, entretanto, poucos líderes radicais intelectuais desse tempo sofreram seriamente nas mãos das autoridades europeias e a maioria deles (inclusive Marx) parecem nunca ter estado dentro de uma fábrica. Uma nova visão, mais do que antiga injustiça, era a força por trás de sua revolta.

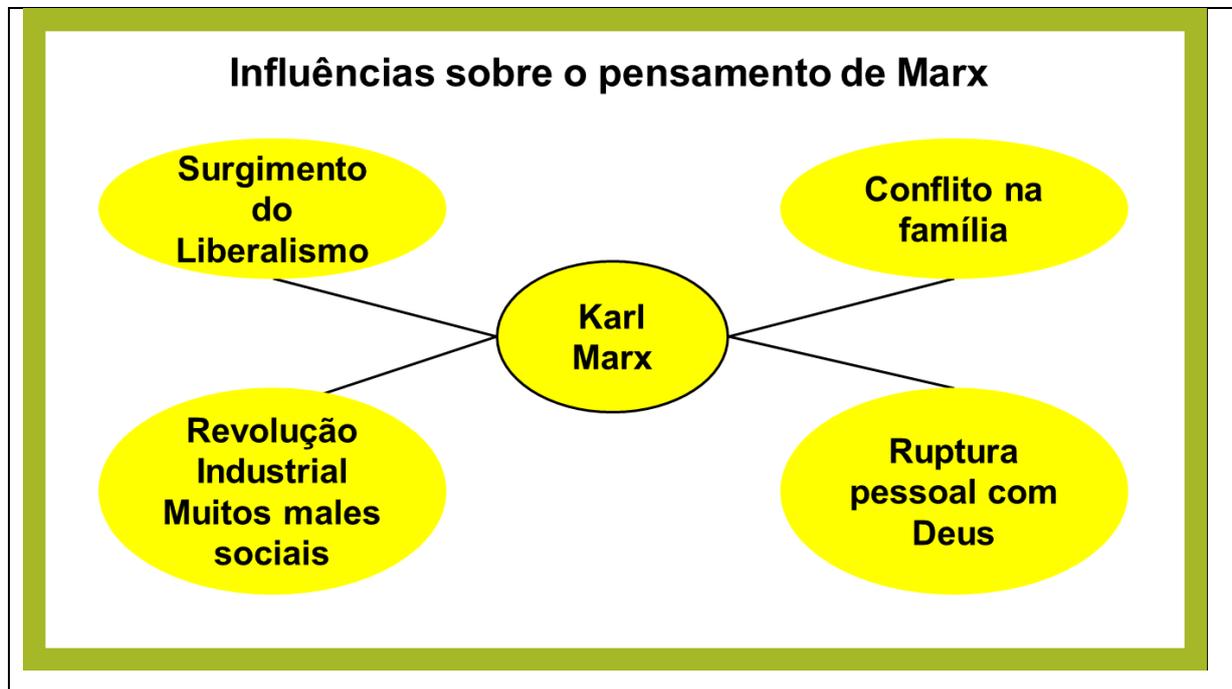
4 - MARX: SEU DISTANCIAMENTO PESSOAL DE DEUS

Bem cedo em sua juventude, Marx parecia partilhar da visão deística de seus pais, tanto que encontramos expressões de fervoroso sentimento cristão. Ele escreveu em seu exame de admissão ao ginásio:

O homem, o único ser que não atingiu sua finalidade, o único membro de toda a criação que é indigno do que Deus criou. Mas o Criador benigno não poderia odiar Seu trabalho; Ele queria erguer o homem até Ele e enviou Seu filho, através do qual nos proclamou: “Agora estais purificados pela palavra que vos falei”.

Assim, quando em união com Cristo um sol mais belo nos apareceu, quando sentimos toda nossa iniquidade, mas ao

mesmo tempo sentimos regozijo por nossa redenção, podemos pela primeira vez amar a Deus que apareceu previamente e nos ofereceu direção e aparece agora como um pai bondoso, como um professor gentil. (5)



Talvez tenha sido um evento particular trágico ou vergonhoso que quebrou esta comunhão que o jovem Marx partilhava com Deus. Deve ter sido algo mais abrupto ou severo do que uma gradual diminuição do fervor religioso ou progressivo distanciamento de Deus, algo mais terrível e pavoroso do que a dúvida. O escritor francês Maurice fala de uma "contra conversão" sentida por Marx. No poema "The Pale Maiden", Marx escreve sobre alguém que havia "perdido o céu, isto eu sei. Minha alma temente a Deus foi marcada para o inferno". (6)

Outro poema sugere que após sua separação de Deus, Marx sentiu-se amaldiçoado pela eternidade:

Como um deus que de pouco em pouco me tem atirado à maldição e tormentos do destino. Todo o seu mundo está

indo além da destituição. Para mim resta apenas a revanche!
(7)

Isto mostra que Marx foi incapaz de participar do arrependimento da experiência cristã. Eventualmente ele viu Deus como um inimigo do progresso humano e comprometeu-se a realizar a eliminação da religião. Mais tarde tornar-se-ia um extremado ateu militante, considerando a religião cristã como "uma das mais imorais já existentes".

B. AS TENDÊNCIAS DE PENSAMENTO QUE EXERCERAM INFLUÊNCIA

1 - A INFLUÊNCIA DE HEGEL

Durante o seu período de universidade, Marx foi muito influenciado pelo trabalho de Georg Hegel (1770- 1831), o filósofo alemão mais venerado naquela época. Marx utilizou os principais temas do pensamento de Hegel, incluindo o desenvolvimento através da contradição (a dialética), o estabelecimento final de uma nova sociedade ideal, e a realização da liberdade. Além disso, adotou a descrição do homem feita por Hegel, como "alienado" e a solução do problema da alienação veio a ser a motivação aparente do trabalho de Marx.

Georg Hegel (1770-1831)

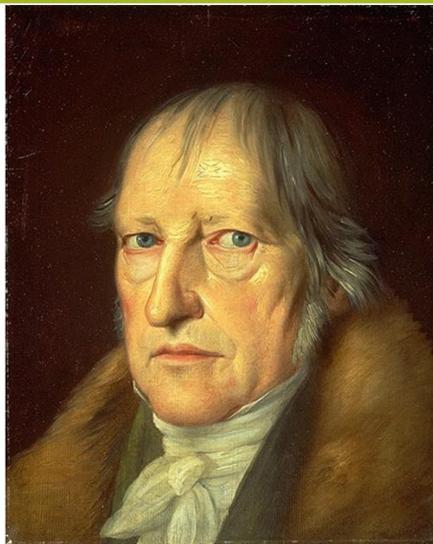
Filósofo do Idealismo Absoluto

Deus – Espírito Absoluto

**História – O Espírito se realizando
O Espírito se aliena**

**Meta da história – Liberdade: o fim da
alienação**

Dinâmica do Progresso – Dialética



Georg Wilhelm Friedrich Hegel

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel

a. O IDEALISMO ABSOLUTO

A posição de Hegel sobre a natureza última da realidade é conhecida como "idealismo absoluto". Este termo não tem relacionamento com ideais elevados ou luta para ser perfeito moralmente. Refere-se à posição

filosófica que afirma serem as ideias, ou mais amplamente nossa mente, ou pensamentos, o que constitui a realidade última. (A visão oposta é o materialismo, o qual afirma que a realidade última é a matéria; enquanto que o dualismo afirma que ambos, mente e matéria são reais).

b. DEUS: O ESPIRITO ABSOLUTO

Hegel fala do Absoluter Geist, ou Espírito Absoluto. Esta é sua descrição de Deus. Certamente não é uma visão cristã ortodoxa, embora Hegel fosse um luterano praticante. Hegel via Deus não como um "Ser" eterno e imutável, mas como uma essência, a qual necessita manifestar-se no mundo, e, tendo feito a sua própria manifestação, aperfeiçoou o mundo a fim de aperfeiçoar a si própria. Obviamente esta visão coloca uma grande ênfase na necessidade de progresso para o movimento progressivo da história que é o caminho o qual Deus deve tomar para alcançar a perfeição.

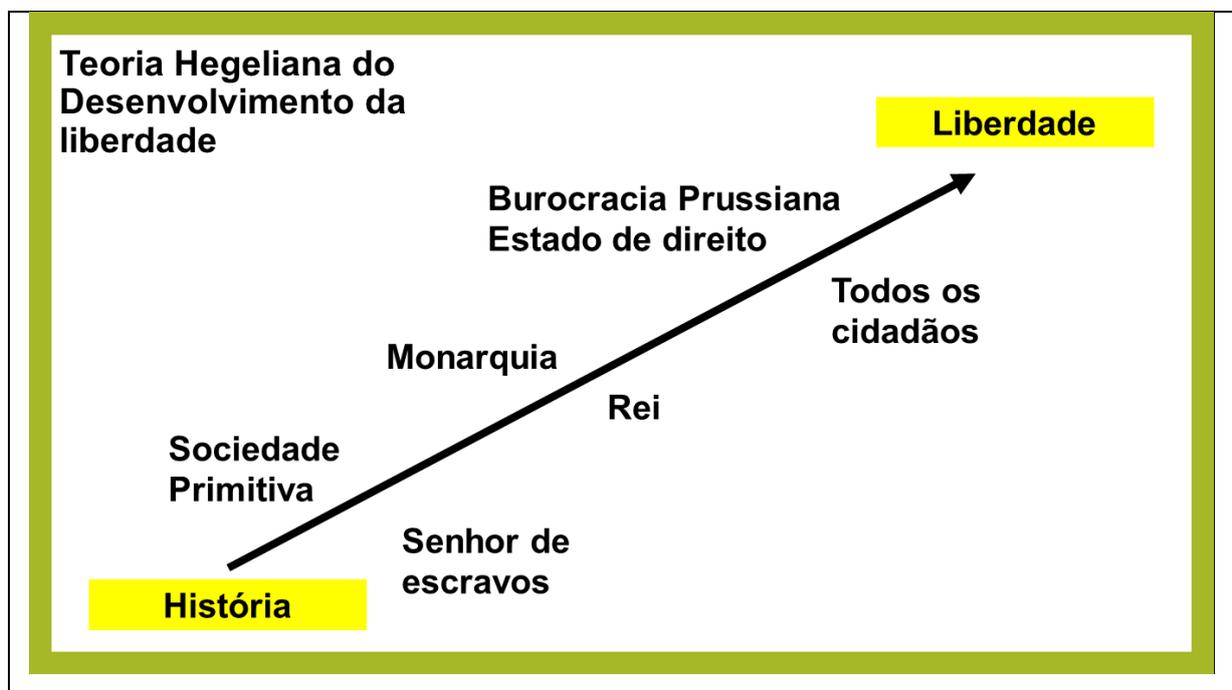
c. A VISÃO DA HISTÓRIA DE HEGEL: O PROGRESSO EM DIREÇÃO À LIBERDADE

Qual é o objetivo que Deus procura alcançar, e como Deus toma providências para realizá-lo? Hegel escreve, "Aquilo que o Espírito quer realizar é a sua própria concepção". Isto significa que Deus é semelhante a uma grande inteligência que procura pensar por si própria, uma mente que procura conhecer-se. Isto pode ser realizado através da própria

projeção no mundo criado, e conhecendo-se através da criação.

O ponto final ou a culminação deste processo apenas pode ser alcançado quando um ser racional e pensante é criado e através do qual o Absoluto pode conhecer-se completamente. Para Hegel, isto é possível através da mente humana. Contudo, há necessidade de uma mente totalmente livre dentro de um meio ambiente totalmente racional.

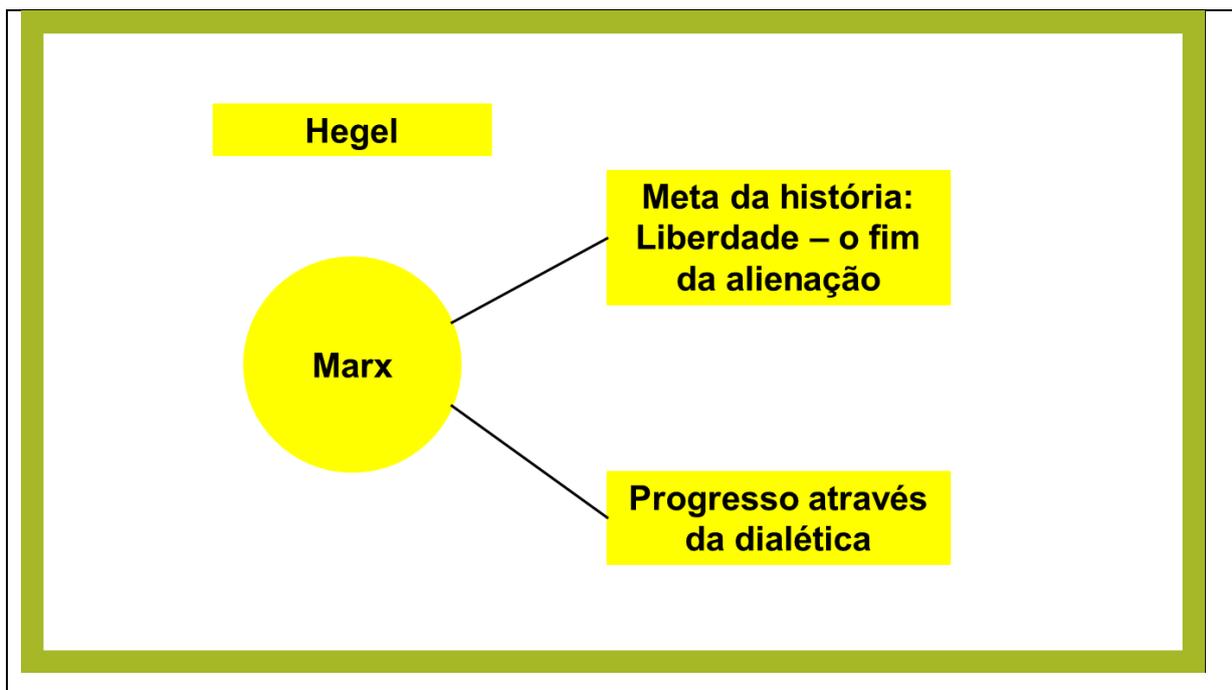
Ao elaborar sua teoria da História, Hegel introduziu a noção de alienação. Para Hegel, a alienação ocorre quando o Espírito Absoluto externiza-se no mundo criado. Isto é, o Espírito torna-se alienado temporariamente no processo da criação. Esta alienação é resolvida, quando a história e o processo de criação atingem o seu objetivo.



d. O OBJETIVO DA HISTÓRIA

Hegel afirmou que durante toda a história, a humanidade trilhou o

caminho em direção à solução da alienação e ao objetivo da liberdade. Em Filosofia da História, ele determina o progresso da humanidade em direção à realização da liberdade e razão. Hegel fala da "tirania oriental" tal como a do imperador da Pérsia, que experimenta a liberdade enquanto assegura o domínio sobre o povo no seu império. Isto abre caminho para as cidades-estados da Grécia, onde alguns possuíam liberdade enquanto mantinham outros como escravos.



Na visão de Hegel, o Cristianismo era importante porque ele conscientizava os homens de sua natureza espiritual, e a Reforma era essencial porque ela acentuava que o indivíduo poderia alcançar a salvação. A Revolução Francesa falhou em libertar o homem, mas Napoleão, muito admirado por Hegel, trouxe os conceitos de liberdade pessoal e o código de direitos para a Prússia, onde o meio ambiente

estava preparado para recebê-los. No solo prussiano, a liberdade total do homem poderia ser alcançada. Os meios para esta realização seriam o Estado Racional, onde a contradição entre os interesses individuais e os interesses coletivos seria resolvida, trazendo a verdadeira liberdade para cada um.

e. A DIALÉTICA DE HEGEL

Também deveríamos fazer uma referência para nossa época sobre a visão de Hegel da natureza dialética de operação do Espírito Absoluto. Segundo Hegel, o movimento dialético começa com a tese. A tese mostra-se incompleta ou inconsistente e divide-se. Ela é conduzida para um segundo estágio, a antítese.

O segundo estágio também se mostra inadequado. Tanto a tese quanto a antítese são muito parciais. Em outras palavras, elas necessitam-se mutuamente. Deste modo, ambas se unem para preservarem-se num terceiro estágio, a síntese.

Posteriormente mostraremos que a dialética de Hegel é diferente da dialética marxista. Hegel não exige a destruição de um elemento pelo outro.

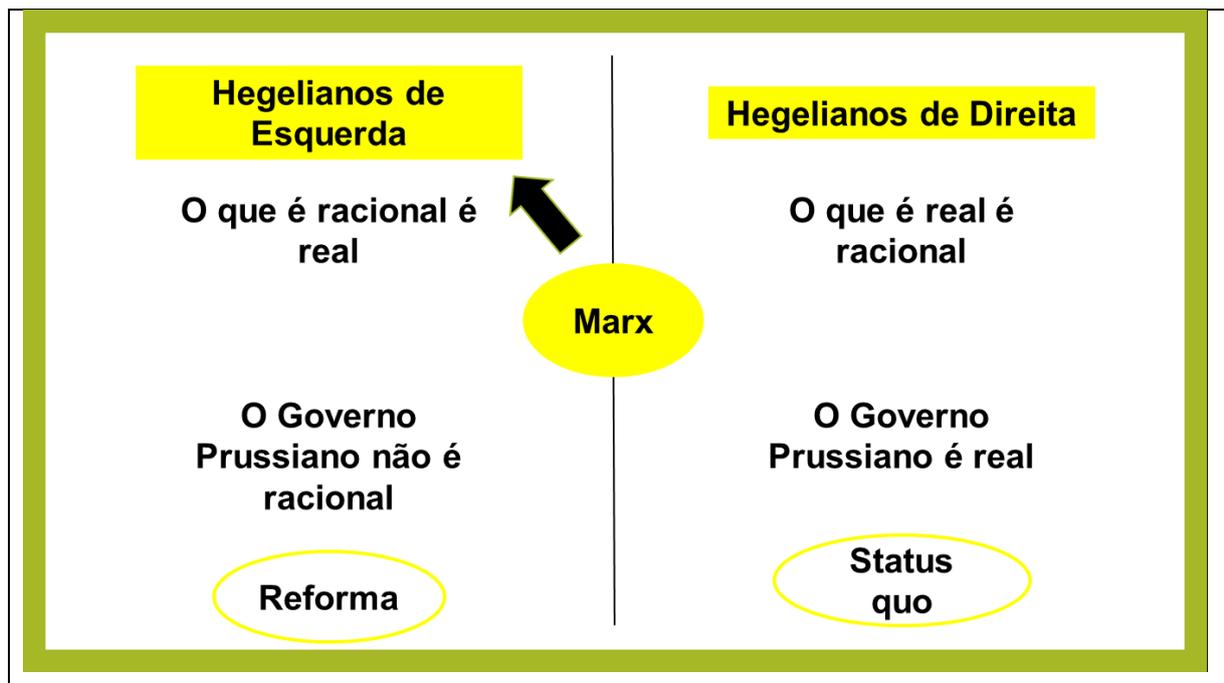
2- APÓS HEGEL: A DIVISÃO ENTRE DIREITA E ESQUERDA

No prefácio de seu livro, **A Filosofia da Lei**, Hegel declarou: "O que

é racional é real e o que é real é racional". Após a morte de Hegel, aqueles que se consideravam seus seguidores dividiram-se em dois grupos. Os conservadores ou hegelianos de direita que punham grande ênfase na última parte de sua declaração: "O que é real é racional". Eles harmonizaram suas visões religiosas com o protestantismo cristão, e aceitaram e apoiaram a visão do Estado Prussiano. Para eles, desde-que o governo prussiano fosse real, era racional.

“ O que é racional é real, e o que é real é racional.”

Georg Hegel
A Filosofia da Lei



Esta escola ortodoxa do hegelianismo não produziu maiores pensadores, e após manter por alguns anos o *status* de filosofia semi-oficial em Berlim, declinou tão rapidamente que por volta de 1860 a filosofia de Hegel estava totalmente fora de moda na Alemanha.

Os hegelianos de esquerda, no entanto, consistiam-se de jovens de tendências radicais. Eles afirmavam que por tentar mostrar demais que a história combinava com seu esquema racional, Hegel falhou em reconhecer as implicações de suas ideias básicas. Ao fazê-lo, ele apenas produziu uma justificação do atual estado de coisas. Eles sentiam que a tarefa não é *interpretar a história de modo racional*, mas antes disso, fazer racional a história, por exemplo, criando novas instituições que seriam mais racionais do que as já existentes.

Analisando a Prússia, descobriram uma sociedade cheia de contradição e injustiça. Eles rejeitaram a ideia de que isto pudesse ser a

consumação da ideia de Hegel. Em lugar da atitude teórica e predominantemente especulativa referente à história e à vida social, eles sentiram que uma atitude prática e revolucionária era necessária.

Alguns filósofos, como o italiano Benedetto Croce (1866-1952), sugeriram que a filosofia de Hegel representava uma séria ameaça à religião, não porque buscasse destruí-la, mas por colocar-se em seu lugar. Os hegelianos de esquerdas mais proeminentes eram Ludwig Feuerbach (1804-1872), Arnold Ruge (1802-1880), David Strauss (1808-1882) e, naturalmente, Karl Marx.

Marx veio da Universidade de Berlim uns seis anos após a morte de Hegel. Ele logo se uniu aos jovens hegelianos (como ficaram conhecidos os hegelianos de esquerda) e aderiu à prevalente crítica da religião. Bruno Bauer, um jovem hegeliano, conferencista de teologia, aderiu à ideia C3 que os Evangelhos Cristãos não eram historicamente exatos, mas fantasia relatada para a necessidade dos homens. Ele ensinava que um novo cataclismo social “mais tremendo” do que o advento do Cristianismo estava sendo forjado. Em determinado ponto, Marx e Bauer pretenderam colaborar na produção de um periódico intitulado “O Arquivo do Ateísmo”. Este plano foi abandonado quando o ativismo político de Bauer excedeu a tolerância oficial da universidade. Foi demitido de seu posto em 1839.

Hegel: Deus libertará o homem
Marx: Deus não existe

Marx necessitava desacreditar a religião



Ludwig Feuerbach

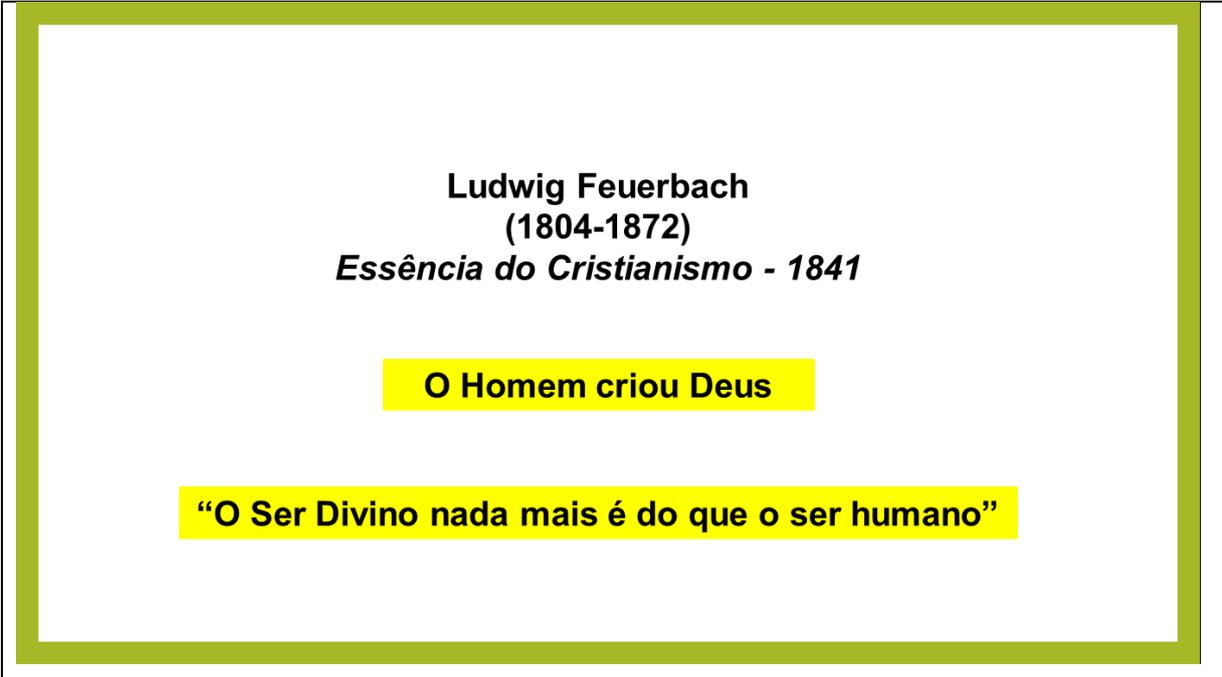
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ludwig_Arnolds_Feuerbach.jpg

3- A CRÍTICA DE FEUERBACH A HEGEL

A essência do marxismo é a transformação da filosofia de Hegel do idealismo para o materialismo. Isto é, a filosofia marxista é o esquema hegeliano da história reafirmado em termos ateístas, explicitamente

materialistas. Marx disse que encontrou Hegel "acima de sua cabeça" e colocou-o sob seus pés.

Esta transformação deve-se, em grande parte, à tendência antirreligiosa, antideus, que se reforçou com o iluminismo e atingiu alto ponto de expressão no pensamento de Ludwig Feurbach.



Ludwig Feuerbach
(1804-1872)
Essência do Cristianismo - 1841

O Homem criou Deus

“O Ser Divino nada mais é do que o ser humano”

Os filósofos franceses do iluminismo desafiaram tanto a religião como instituição social, como a visão tradicional de Deus como um ser pessoal capaz de interferir na vida do homem, realizar milagres e guiar a história da providência.

Pierre Bayle, um dos pioneiros do iluminismo, dirigiu seus ataques contra os dogmas e repressões religiosas. Em seu **Dicionário Crítico e Histórico**, usado pelos filósofos do século XVIII, ele elaborou uma lista sistemática de todos os erros e crimes cometidos na história da

cristandade ocidental.

A crítica de Voltaire contra a religião era virulenta e algumas vezes vulgar. Para ele a religião levava automaticamente ao fanatismo. Ao invés de se concentrarem nas coisas do outro mundo, as pessoas deviam buscar a felicidade aqui mesmo.

A filosofia de Diderot era materialista e ateísta. Para ele, se Deus existisse, o mal não existiria. Em sua visão hedonista, moralidade nada tinha a ver com religião. O bem era associado com os prazeres físicos e o mal com o sofrimento. D'Holbach era um inimigo fanático da religião. Ele via na religião — e especialmente no Cristianismo — a fonte das misérias humanas.

Vejam como o pensamento antideus foi usado para transformar a filosofia de Hegei em marxismo.

Hegel acreditava que apesar de haver constantes conflitos entre os indivíduos na sociedade civil, o Estado oferece a possibilidade de resolvê-los através de uma forma de unidade mais elevada. Em outras palavras, o Estado está apto a mediar as disputas que possam surgir entre os indivíduos na sociedade, convocando-se à participação no reino político.

Em última análise, esta mediação é o resultado da ação do Absoluto, realizando-se dialeticamente na história. Isto quer dizer que, de acordo com Hegel, a liberdade completa do homem e a solução dos conflitos egoístas humanos aconteceriam, através do trabalho de Deus, usando o Estado como meio.

Para os hegelianos de esquerda, entretanto, Deus não existe. Deve haver, então, um método diferente de alcançar a liberdade humana.

Tentando solucionar este problema, a crítica mais eficiente contra Hegel foi a de Ludwig Feuerbach. Feuerbach havia escrito *On Philosophy and Christianity* (Sobre Filosofia e o Cristianismo) (1839) e *The Essence of Christianity* (A Essência do Cristianismo) (1841), nos quais criticava a visão cristã de Deus e a visão de Hegel do relacionamento entre o pensamento e o ser.

Feuerbach preparou o caminho para o ateísmo revolucionário explicando a religião, especialmente a religião cristã, em termos filosóficos. Ele inverteu a noção hegeliana de que Deus criara o homem para sua necessidade espiritual para sobrepular a al-enação divina. Feuerbach sugeriu que, ao contrário, o homem havia criado Deus fora das suas necessidades materiais para vencer a alienação humana. Isto é, a fé em Deus deve sua existência à necessidade, miserabilidade e estado exaurido da psique humana. Nos primeiros estágios de desenvolvimento, os seres humanos viram-se tão pequenos e desamparados em comparação com as forças incontrolláveis da natureza, que nesta situação criaram um mito de poder benevolente por trás do universo: Deus.

Feuerbach defendia que o Deus do Cristianismo era uma ilusão. Afirmava que Deus não é o criador do homem e sim o homem o criador de "Deus" Para criar Deus, o homem havia projetado sua própria natureza em um ser imaginário O espírito, de acordo com Feuerbach, é produto da matéria, e Deus é simplesmente a objetiva- ção da essência do homem.

**Feuerbach ensinou a
Marx como criticar
Hegel**



**Hegel: O pensamento é sujeito
 O ser (matéria) é predicado**

**Feuerbach: O ser (matéria) é sujeito
 O pensamento é predicado**

A respeito de Deus, Feuerbach escreveu:

(Deus) [...] é a natureza humana (razão, sentimento, amor e vontade) purificada, libertada dos limites do homem individual, feito objetivo [...] O ser divino nada mais é do que o divino humano. (8)

Tendo criado Deus, o homem é então oprimido por sua criação:

A religião é a separação do homem de si próprio: o homem põe Deus contra si mesmo como um rival. (9)

Feuerbach salientava que a confusão da sociedade pode ser resolvida negando-se Deus e melhorando os relacionamentos humanos. Ele exaltava as virtudes humanas, tais como o amor, a amizade e a compaixão, e não defendia a violência.

Além disso, em *Preliminary Theses for a Reform of Christianity* (1843), Feuerbach elaborou uma crítica geral do idealismo de Hegel.

Feuerbach disse que lidando com o "pensamento" e "ser", Hegel havia revertido o processo de sujeito e predicado. Para corrigir isto, é necessário induzir o sujeito de Hegel para dentro do predicado e o predicado de Hegel dentro do sujeito. Para Hegel, o pensamento é o sujeito e o ser é o predicado. Para Feuerbach, "o ser deve ser o sujeito e o pensamento, o predicado".

Ler Feuerbach deu grande satisfação e esperança a Marx. Concernente ao júbilo de Marx por encontrar Feuerbach, mais tarde, Engels escreveu:

É preciso ler este livro para sentir seu efeito libertador para se ter uma ideia do mesmo. O entusiasmo foi geral e todos nos tornamos feuerbachianos de uma vez. Quão entusiasticamente Marx recebeu a nova concepção e o quanto ele foi influenciado a despeito das limitações críticas pode ser notado em *The Holy Family*. (10)

O próprio Marx confessou mais tarde um "amor de Feuerbach", um sentimento raramente expressado, e ele estava tão entusiasmado que seu caminho filosófico foi clareado. (11)

Na verdade, Feuerbach permitiu a Marx substituir o materialismo por idealismo, enquanto mantinha uma visão monista e determinista da história. (Monismo é a visão de que toda a realidade é composta de uma só substância. Para Hegel essa substância era "ideia". Para os marxistas, essa substância era "matéria").

Feuerbach pode ser relacionado filosoficamente como ateuista e materialista. Marx utilizou estes elementos da crítica de Feuerbach sobre Hegel, mas, mais tarde, criticou o humanismo de Feuerbach. Feuerbach acreditava que as pessoas poderiam ser exortadas a serem boas, e que

poderiam ser inspiradas a mudar-se. Marx dizia que as pessoas e as circunstâncias somente poderiam ser mudadas pela revolução.

Em sua Tese sobre *Feuerbach* (1845), Marx escreveria: "Ele não entendeu o significado de 'revolucionário', da atividade crítico-prática".

4. HESS E OS SOCIALISTAS

Durante esse tempo, muitos pensadores conscienciosos expressaram profunda simpatia pelos trabalhadores e criticaram os magnatas negociantes que pareciam estar interessados apenas em ganho material. Ressaltando a imoralidade da exploração e supressão, eles apelavam para a consciência e sentimentos humanitários daqueles em posição de poder. Robert Owen (1771-1858), Claude- Henri Saint-Simon (1760-1835) e Charles Fourier (1772- 1837) estavam entre os que tomaram esta atitude, acreditando que a mudança poderia vir pela força da razão e moralidade.

A influência destas ideias sobre Marx pode ter sido considerável. A cidade natal de Marx, Trier, havia sido um centro do ensinamento de Saint-Simon. (12) Marx, em particular, enxertou certas chaves da crença de Saint-Simon em sua visão hegeliana da história: o potencial libertador da revolução industrial, a necessidade de uma análise "científica" da sociedade pelas classes e o destino histórico "da mais numerosa e mais pobre das classes".

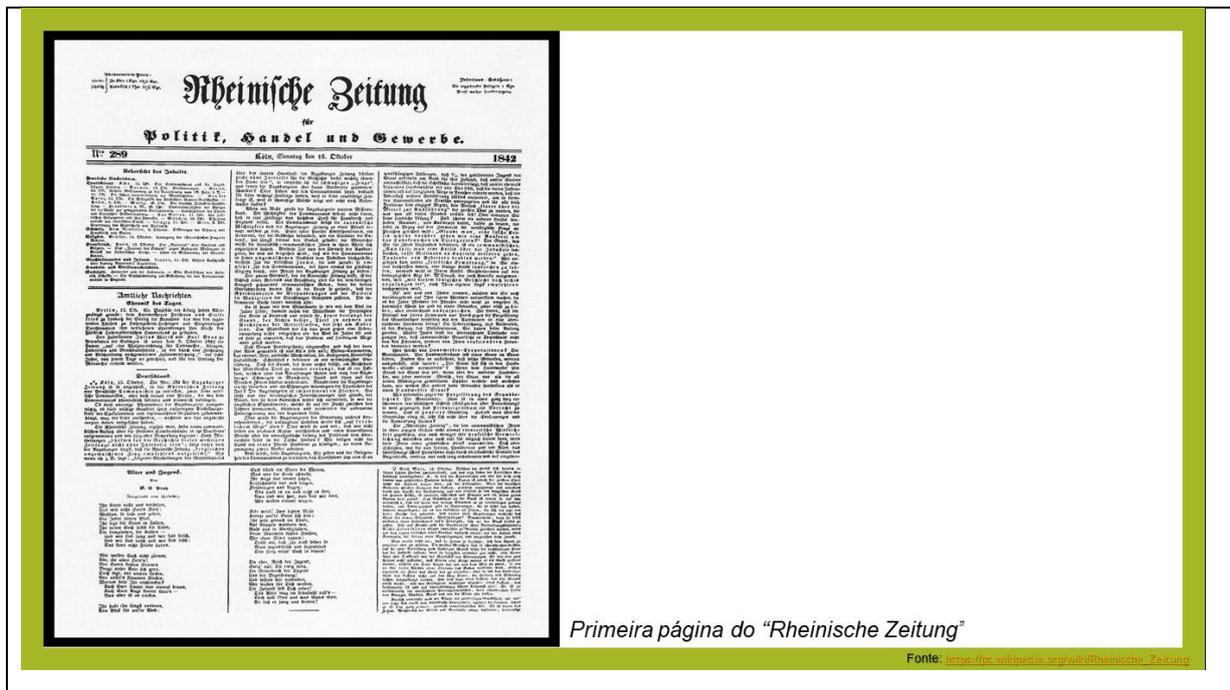
Outra importante influência no desenvolvimento do marxismo é Moses Hess, um membro mais velho dos jovens hegelianos que se tornou conhecido em seu círculo como o "rabino comunista". Hess foi a origem do comunismo filosófico alemão que Engels descreveu em um

artigo em 1843 como a consequência inevitável do desenvolvimento filosófico alemão. Engels reconheceu expressamente que Hess foi o primeiro de seu grupo a chegar ao comunismo pela "senda filosófica".

Hess era um correspondente do **Rheinische Zeitung** quando Marx era editor. Ele era um discípulo entusiasta de Feuerbach, e construiu a doutrina do comunismo filosófico como uma extensão do "humanismo" de Feuerbach, ampliando o tema de que a "atividade produtiva" é o atributo essencial da espécie humana.

Hess estudou extensivamente a literatura contemporânea sobre socialismo e comunismo, da qual a França naqueles dias era a fonte primeira. Ele estava particularmente impressionado pelo **What is Property** (O Que é a Propriedade?) de Proudhon, publicado em 1840. Proudhon antecipou Marx em denominar a relação capital-trabalho de exploração do homem pelo homem e apregoou contra o direito do detentor de capital de bens de empregar o trabalho de outros para aumentar sua própria riqueza. Isto ele chamou de "propriedade" em seu conhecido aforisma, "propriedade é roubo".

Provavelmente devido a Proudhon ter resumido vagamente a ideia do comunismo de incorporação da filosofia de Hegel sobre a história, Hess relacionou Proudhon como o mais filosófico de todos os escritores comunistas franceses. Marx e Engels vieram a partilhar da mesma opinião. Antes que Marx mudasse para Paris, Hess era o elo principal entre Marx e os franceses (socialistas e comunistas).



II. OS PRIMEIROS ESCRITOS DE MARX E A TEORIA DA ALIENAÇÃO

A.A TESE DE DOUTORAMENTO DE MARX E SEUS PRIMEIROS ESCRITOS

Em 1841, Marx submeteu-se a uma tese de doutoramento na Universidade de Jena. Seu tema era a diferença entre o materialismo de Epicuro e o de Demócrito. Neste estudo ele favoreceu o primeiro porque permitia um princípio energizante na matéria. Se a matéria fosse autodinâmica, ela atuaria independente da necessidade de um Criador. Na introdução desta tese, Marx escreveu:

A filosofia não se faz secreta. A proclamação de Prometeu — em uma palavra, eu detesto todos os deuses — é sua própria profissão, seu próprio slogan contra todos os deuses do céu e

da terra que não reconhecem a autoconsciência do homem como a mais alta divindade. Nada deve haver, além disto.
(13)

B.MARX COMO EDITOR DO RHEINISCHE ZEITUNG



Quando Marx concluiu seus estudos na Universidade de Jena em 1841, foi forçado a abandonar suas esperanças de uma carreira acadêmica devido sua associação com Bauer e outros. Esperando casar-se, começou a escrever para o jornal liberal conhecido como Rheinische Zeitung. Este jornal havia sido criado naquele ano por seguidores de Ruge como um desafio direto ao conservador Kolnische Zeitung. Quando o editor renunciou em 1842, Marx assumiu a posição e envolveu consistentemente o jornal em várias causas sociais e políticas.

Vários incidentes são dignos de nota. Em uma controvérsia com o

Allgemeine Ausberger Zeitung, Marx mostrou que ele ainda não havia se subscrito à causa comunista. Ele declarou editorialmente que o comunismo era "apenas uma abstração dogmática [...] uma aplicação particularmente unilateral do princípio socialista". Escreveu também que o The *Rheinische Zeitung* [...] não admite as ideias comunistas em sua forma presente, mesmo a realidade teórica e [...] ainda menos [...] a realização prática". (14) Mais tarde, Marx admitiria que sabia muito pouco sobre o assunto, escrevendo "[...] meus estudos anteriores não me permitiam nem mesmo aventurar qualquer julgamento sobre o conteúdo das teorias francesas". (15)

Marx também entrou na disputa a respeito de deliberações do *Rheinisch Landtag* (Assembleia Renana) sobre roubo de madeira das florestas. Em outubro de 1842, a Assembleia prometeu revisar a lei, mas ao final apenas protegeu o interesse dos proprietários das florestas. Indignado, Marx escreveu que os direitos das árvores estavam colocados acima dos direitos dos camponeses.

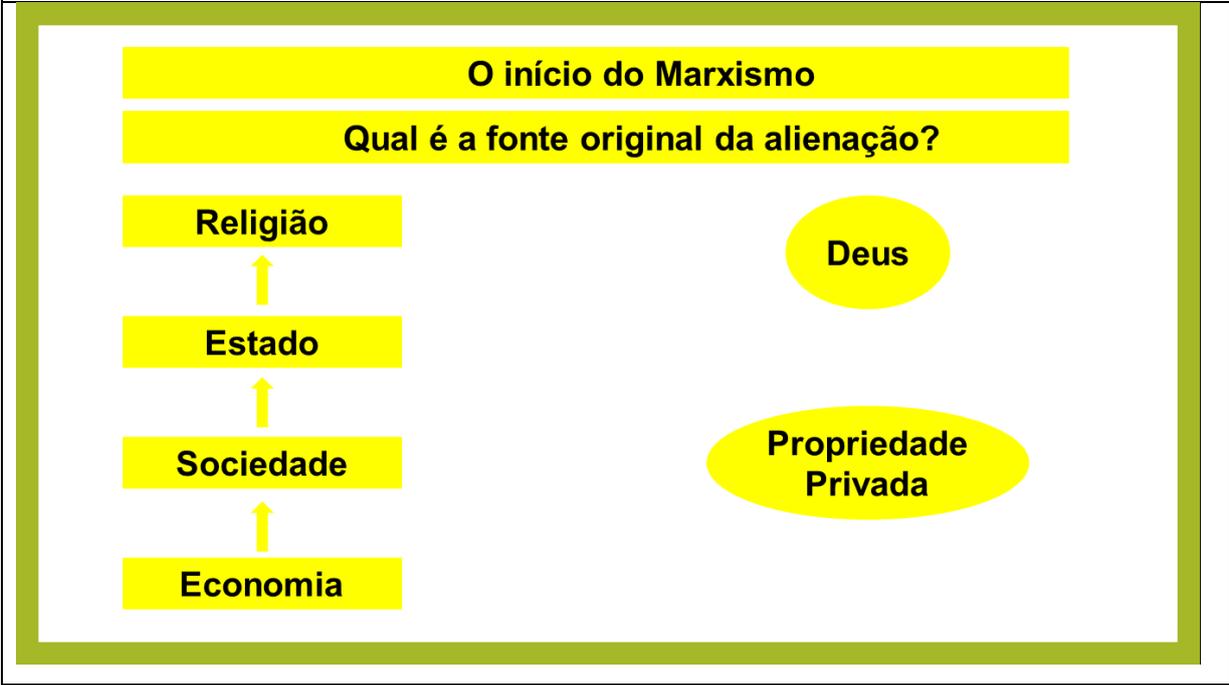
Nos últimos meses do ano de 1842, Marx começou a investigar a literatura contemporânea francesa sobre o socialismo e o comunismo. Com exceção de Proudhon, os escritores sobre esse assunto estavam grandemente relacionados com o projeto de futuras organizações comunistas da sociedade. Marx rejeitava-os como "utópicos". Ele rejeitava a noção de que o futuro pudesse ser desenhado, e, ao invés, defendia que um novo mundo poderia ser descoberto através da crítica impiedosa de tudo o que existe.

Em 1843, Marx renunciou de seu posto no *Rheinische Zeitung* em face à crescente pressão governamental. Casou-se com Jenny von

Wes'phalen (1814-1881) em junho, e retirou-se para a casa de sua sogra em Bad Kreuznach para elaborar a base de sua filosofia. Foi aqui que ele escreveu muitas páginas de sua crítica de Hegel (compiladas como "Contribuição para uma Crítica da Lei da Filosofia de Hegel"), e começou a formular dois artigos intitulados "Sobre a Questão Judaica", e "Contribuição para uma Crítica da Lei da Filosofia de Hegel, Introdução”.

Em outubro viajou para Paris com Jenny, que estava grávida de três meses, para colaborar com Ruge na publicação de um periódico revolucionário chamado "Anais Franco-Germânicos" (*Deutsche-Französische Jahrbücher*).

Jenny Marx auxiliou seu esposo com extraordinária devoção até o fim de sua vida. Parece que Marx, contudo, nunca assumiu as responsabilidades que um esposo normalmente assume como chefe de uma família. Sua esposa e filhos viviam em constante pobreza e muitos de seus filhos pereceram em seus primeiros anos de vida.





C. AS DOCTRINAS FUNDAMENTAIS DO MARXISMO

O INICIO DO MARXISMO

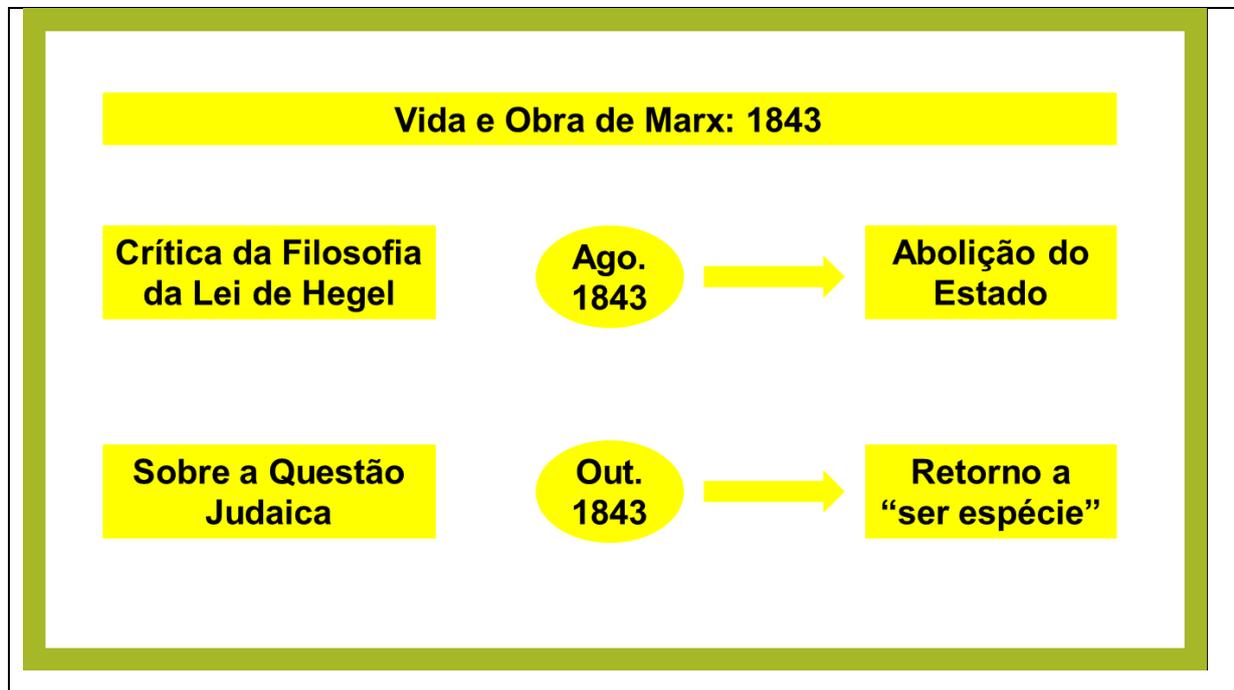
a. Alienação e libertação definidas

Nos primeiros escritos de Marx, notamos que ele redefine o uso hegeliano de "alienação" e "libertação". Para Hegel, a alienação foi um período no desenvolvimento do Espírito Absoluto no qual o Espírito falhou em admitir o mundo externo como parte de si mesmo. Para Marx, seguindo a linha de Feuerbach, alienação significa que o homem é cortado da realidade, e, portanto, desenvolve a religião como substituto das relações com o mundo real.

Ela (religião) é a fantástica realização do ser humano, visto

que como ser humano não possui realidade verdadeira. (16)

O homem libertado, então, é o homem cortado do "Deus" fictício e voltado para a relação com a realidade.



b. A fonte final da alienação

Marx afirma, entretanto, que a alienação religiosa não é a forma fundamental de alienação. Abaixo da religião está o estado e abaixo do estado está a sociedade. Finalmente, Marx veio a defender que a base da própria sociedade é a estrutura econômica.

Mais tarde, Marx defenderia que é a alienação econômica, especialmente na forma de sua manifestação como propriedade privada, o que dá margem ao surgimento da noção de Deus e alienação religiosa. A libertação deve começar com a destruição da propriedade privada. Destruindo a base da alienação, de acordo com Marx, elimina r-se-á

também a crença em Deus.

A medida que estudamos a primeira formulação do pensamento de Marx, concluímos que pelo fim de 1843, ele já havia chegado à sua conclusão básica concernente à situação humana. Contrário a Hegel, que considerava que os problemas devidos ao individualismo egoísta na sociedade civil seriam resolvidos pelo estado, Marx considerava que o estado estava depravando o homem em sua natureza original.

Alienação	
A natureza humana original perdeu a (essência da espécie)	
A alienação aconteceu	
Visão Religiosa:	Visão marxista:
Queda do homem	Alienação
Espiritual	Material
(separação de Deus)	(essência da espécie perdida através do processo econômico)

D. VIDA E OBRA DE MARX: 1843

Podemos observar o desenvolvimento da crítica de Marx sobre a filosofia de Hegel na segunda metade de 1843. Na coleção de escritos intitulados *Uma Crítica Sobre a Lei da Filosofia de Hegel* (agosto de 1843), ele defendeu a abolição do Estado. Dois meses mais tarde, no texto Sobre a *Questão Judaica* (outubro de 1843), afirmava

que a desordem da sociedade civil seria sobrepujada quando os homens restaurassem seu *status* original de "ser autônomo".

Neste texto, Marx descreve o homem como é encontrado na realidade atual, como segue:

... O homem em sua forma antissocial e bárbara, em sua existência fortuita, o homem exatamente como é, o homem corrompido por toda organização de nossa sociedade que o desviou e alienou e sendo dirigido por elementos e condições desumanas — em resumo, o homem que ainda não é um verdadeiro "ser autônomo". (Grifo nosso) (17)

Implícita nesta visão está a noção de que existe alguma natureza original no homem e que a natureza original foi "corrompida", "perdida" e "alienada". Esta visão, naturalmente, é familiar à tradição religiosa como o conceito da queda do homem. Isto é, os seres humanos são dotados por Deus com uma natureza original, entretanto, perderam sua natureza, ou falharam em manifestar esta natureza devido à sua separação de Deus pela queda do homem.

A queda do homem, ou perda da essência humana, é bem compreensível na estrutura religiosa. Seu surgimento em uma ideologia rigorosamente materialista, entretanto, é difícil de reconciliar. Marx afirma que "toda a organização de nossa sociedade" "corrompeu" o homem, causando-lhe a própria perda e o desumanizou.

A espécie-essência refere-se às qualidades essenciais de um ser humano. São estas qualidades que colocam o ser humano distante de qualquer outra espécie. Na Cosmovisão da CAUSA, o termo "natureza humana original" é usado para referir-se à natureza com a qual o homem foi dotado por Deus. De acordo com Marx, esta natureza original ou

"essência" foi perdida.

A essência-espécie do homem

1. Qualidades essenciais de um ser humano
2. Qualidades que diferenciam os seres humanos das outras espécies
3. Natureza humana natural

Marxismo: materialismo rigoroso

Feuerbach: O homem perdeu sua essência-espécie para um "Deus" imaginário

Solução: Remover Deus da religião
Criar uma religião humanista

Marx: A religião por si só é o resultado da alienação econômica humana

Solução: Resolver a alienação econômica

Como pode a espécie-essência original ser recuperada? O método dependeria de como a espécie-essência foi perdida. Feuerbach disse que o homem tem qualidades de razão, emoção, amor e vontade. Entretanto, objetivando esta essência e tornando-a um "Deus", o homem tem-se

tornado fraco. Crença em Deus, na visão de Feuerbach, destrói a essência do homem. Dessa forma, a recuperação da natureza humana perdida somente poderá acontecer quando o homem negar a Deus e solicitar-Lhe a essência humana.

A visão de Marx, contudo, é diferente:

... A existência da religião é a existência de um defeito, e a fonte deste defeito somente poderá ser buscada na natureza do próprio estado. Não mais julgamos a religião como a causa, mas como a manifestação [...] (18)

... A religião por si é sem conteúdo; ela não deve sua existência ao céu, mas à Terra, e sem a abolição da realidade distorcida, da qual ela é a teoria, entraria em colapso. (19)

Assim, a eliminação do defeito que é a religião é impossível sem a eliminação da causa do defeito. A emancipação do homem e a recuperação de sua essência da espécie serão impossíveis, diz Marx, quando o conflito entre o indivíduo (que é relacionado consigo mesmo) e o cidadão (que é relacionado com a sociedade) é resolvido.

Somente quando o verdadeiro homem individual reabsorve em si o cidadão abstrato, e como um ser humano individual tenha se tornado ser autônomo em seu dia-a-dia [...] somente então a emancipação humana terá sido realizada. (20)

Este conflito será finalmente resolvido quando a "mascateagem" for eliminada:

Uma vez que a sociedade tenha abolido [...] a mascateagem e suas pré-condições [...] o conflito entre a existência sensível-individual do homem e sua essência da espécie terá desaparecido. (21)

Em *Contribuição à Crítica da Lei da Filosofia de Hegel, Introdução*, dezembro de 1843, Marx chegou à conclusão de que o

caminho fundamental para resolver o problema da alienação humana é a "negação da propriedade privada".

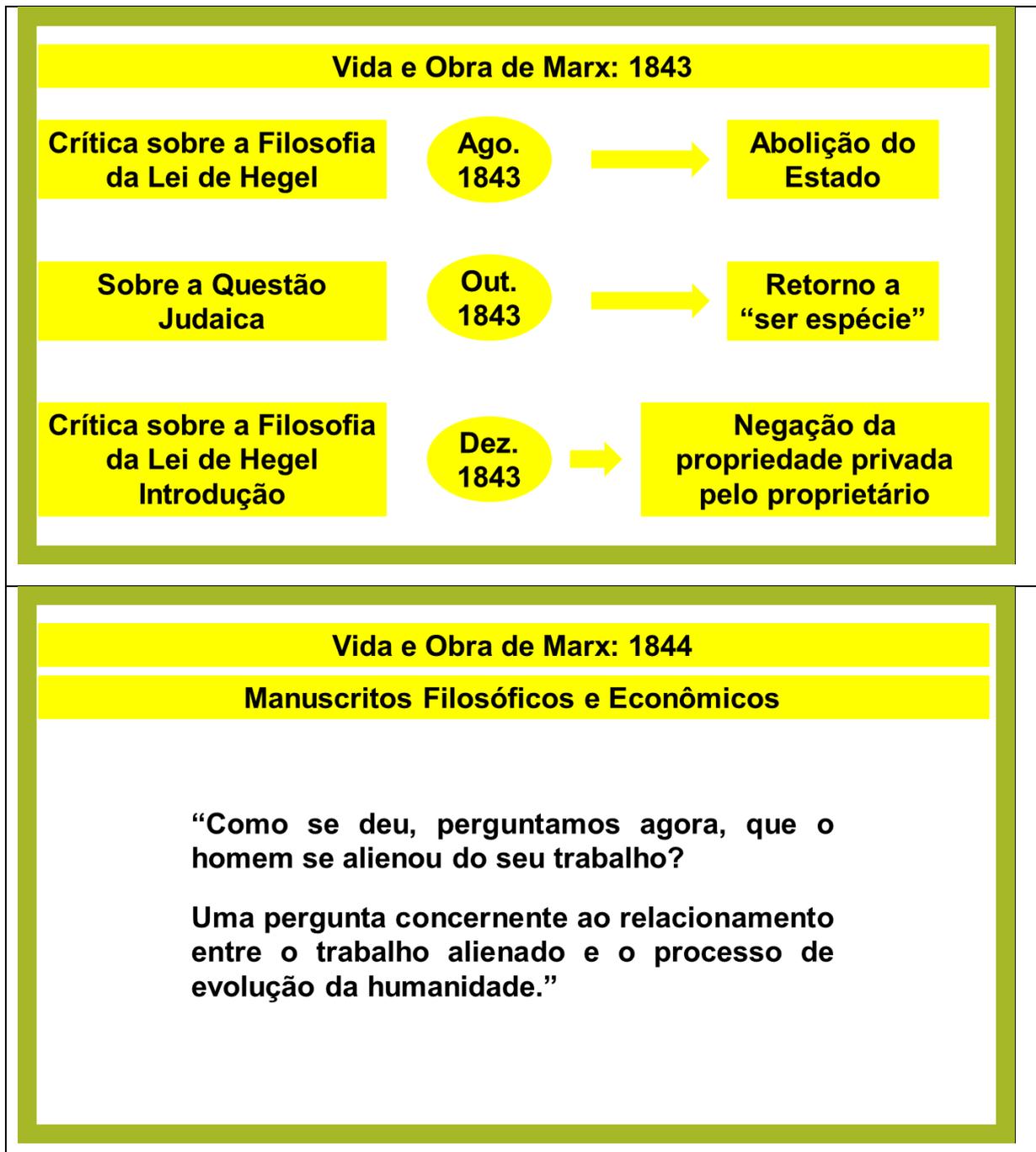
Deve ser lembrado que apesar de Marx primeiramente aceitar o materialismo e humanismo de Feuerbach (no sentido da ênfase sobre auto realização pela razão) com entusiasmo, mais tarde ele abandonou o humanismo e utilizou somente o materialismo ao prescrever a solução para a alienação. Posteriormente, ele declarou que giraria da "crítica do céu" para a "crítica da terra", querendo dizer que ele trataria de lei e política (e mais tarde, economia) em vez de religião e teologia.

Além do mais, nos últimos meses de 1843, Marx havia alterado sua visão de que "a libertação do homem deve ser efetuada pelas mãos do homem efetivo na sociedade civil". Começou a insistir, então, que a essência perdida da humanidade poderia ser recapturada pela "negação da propriedade privada pelo proletariado". Ele não somente decidiu pela destruição do sistema capitalista como sua meta, como também retratou o proletariado como a única força tendo o poder de efetuar a revolução.

O sociólogo e teórico Lorenz von Stein havia mostrado o capitalismo e comunismo francês na Prússia em 1842 com seu texto O Socialismo e Comunismo da França de Hoje. Von Stein, um hegeliano conservador, investigara os movimentos socialistas sob as instruções do governo prussiano, que estava interessado na atividade subversiva entre os trabalhadores alemães em Paris. Ele era antissocialista e considerava a hierarquia de classe como uma pré-condição da sociedade organizada. Seu livro, entretanto, que continha grande quantidade de informação, foi amplamente conhecido nos círculos radicais na Alemanha. Ele descrevia o proletariado como a maior força política da sociedade moderna — um

corpo unido, despertado sob o propósito da negação da propriedade privada.

E. VIDA E OBRA DE MARX: 1844



Marx estudou economia em Paris de novembro de 1843 a fevereiro de 1845. Usando *Esboço de uma Crítica de Economia Política de Engels*, ele investigou os trabalhos de Smith, Ricardo, Say, Sismondi e outros. Os três manuscritos que compilou durante este período foram mais tarde publicados como *Manuscritos Filosóficos e Econômicos de 1844*. Nestes manuscritos, Marx começa a transformação de sua visão filosófica da alienação sob um ponto de vista dialético e materialista.

Os pontos principais que Marx adotou após estudar economia em Paris foram: primeiro, que na sociedade capitalista o trabalhador se tornou uma mercadoria e, segundo, a sociedade capitalista prospera apenas pela exploração do trabalhador. Assim, sem nenhuma consideração pelo quanto o trabalhador venha a trabalhar, todo o produto de seu trabalho lhe será roubado, e assim o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais produz.

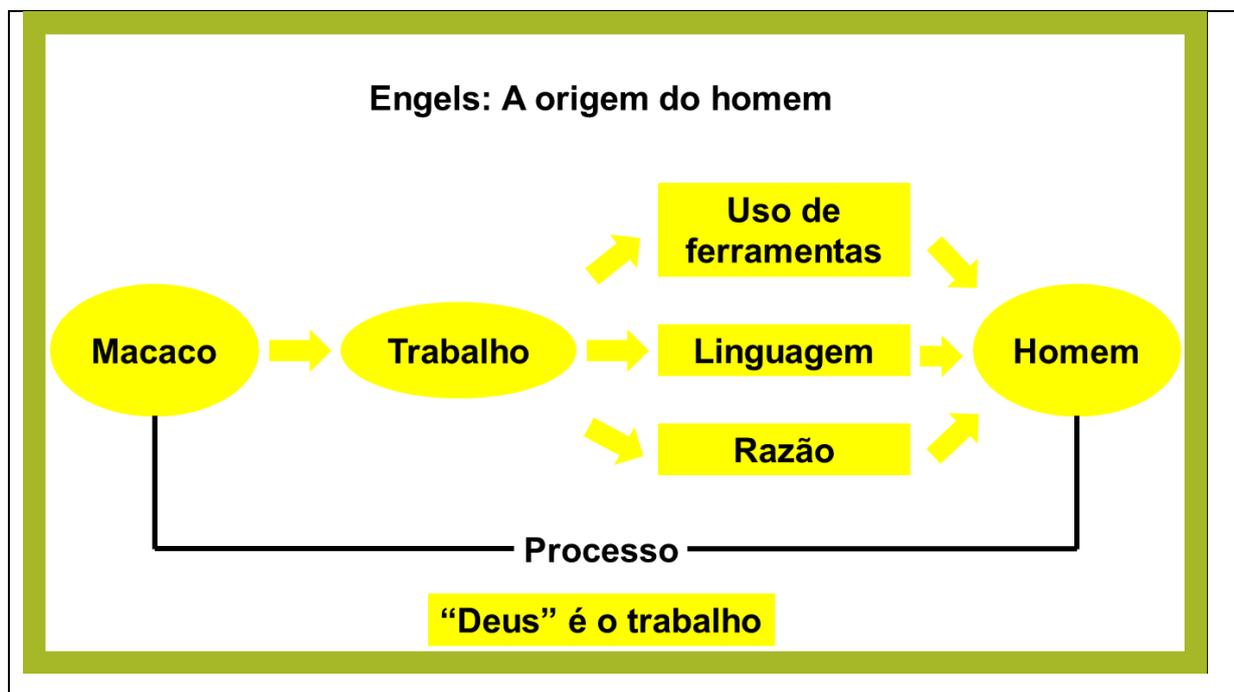
Marx afirmou que como resultado do sistema desumanizador do capitalismo e em particular a perda do produto do esforço do trabalhador, tanto o capitalista como o trabalhador tornam-se alheios à sua natureza humana:

A classe proprietária e a classe proletária sofrem o mesmo autodistanciamento, porém, a primeira sente conforto e força nesta auto-alienação, pois reconhece o distanciamento como sua própria força e a semelhança de uma existência humana. (22)

Nenhuma das duas orienta a vida para a realização, mas o capitalista mantém a semelhança de uma existência humana. A natureza humana de ambas deve ser recuperada. Como recuperar esta natureza perdida

depende de como ela foi perdida. Como ocorreu a alienação, segundo Marx?

Marx escreve: "Como acontece, perguntamos agora, o alienar-se do homem de seu trabalho?" Ele diz então que esta questão deve ser transformada em "uma questão referente ao relacionamento entre o trabalho alienado e o processo de desenvolvimento da humanidade". Isto é, a visão de Marx da alienação é baseada na visão de Marx do desenvolvimento do homem.



1. A VISÃO MARXISTA DO HOMEM

A visão marxista da alienação gira ao redor do conceito de "trabalho". Para entender a importância central do trabalho para Marx, temos que considerar a teoria do biólogo francês Jean Lamarck sobre a origem das espécies, bem como a discussão de Engels sobre o papel do trabalho no

desenvolvimento do homem.



a. Lamarckismo

O lamarckismo é a teoria da evolução asseverando que as mudanças ambientais causam mudanças estruturais nos animais e plantas e que são transmitidas a seus descendentes. Isto é conhecido como hereditariedade das características adquiridas. De acordo com Lamarck, uma nova espécie surge através da (1) interação com um ambiente mutante que produz (2) mudanças fisiológicas no organismo. Estas podem ser então (3) transmitidas à descendência através de uma sucessão de gerações, e uma nova espécie é produzida.

Por exemplo, um macaco trepa em árvores e obtém comida. Ao fazer isto (interação com o seu ambiente), a fisiologia do animal é modificada. Neste caso, o sistema nervoso central e os músculos dos membros

tornam-se mais desenvolvidos. Quando a próxima geração de macacos nasce, estas variações fisiológicas estarão presentes. Após muitas gerações, uma nova espécie de macaco pode ser observada.



b. A discussão de Engels sobre o desenvolvimento do homem

Engels aplicou as ideias do lamarckismo à teoria do desenvolvimento humano. Na "parte concernente ao trabalho na transição do macaco ao homem", Engels caracteriza o homem como um animal altamente desenvolvido que evoluiu como consequência da interação com seu ambiente material. Esta interação tomou a forma específica do trabalho. Através do trabalho o homem desenvolveu a habilidade de comunicar-se e a capacidade de raciocinar. O macaco tornou-se homem através do trabalho, e é o trabalho que distingue o homem do macaco. (Para

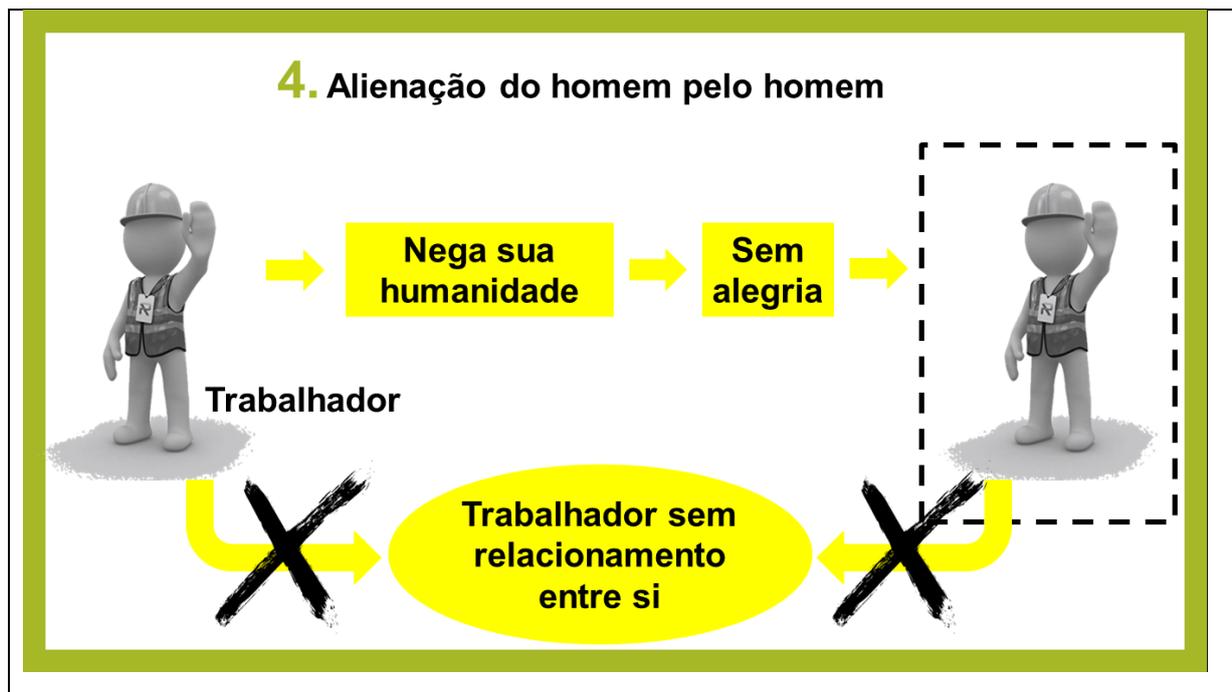
Feuerbach, razão, amor e vontade é a essência do homem, mas para Marx, o fator essencial é a habilidade para o trabalho).

Na teoria marxista, o trabalho substitui até mesmo Deus como o criador da humanidade. Engels escreveu que: "O trabalho é a primeira condição básica para toda a existência humana, e esta existência é tal que, em um sentido, temos que dizer que o trabalho criou o próprio homem". (23)



2. TRABALHO E ALIENAÇÃO

Por ver o homem como um ser fundamentalmente trabalhador, Marx concluiu que a alienação deve ser um problema nas relações humanas de trabalho centralizadas. Em Manuscritos Filosóficos e *Econômicos de 1844*, ele descreveu quatro tipos de alienação.



a. Tipos de Alienação

(1) Alienação do trabalhador do produto de seu trabalho

Sob o sistema capitalista, qualquer coisa que o trabalhador produzir lhe é imediatamente tomado e torna-se propriedade do capitalista que nada contribuiu para sua produção. Quando os produtos do trabalho são tomados, tornam-se "um objeto estranho" do qual o trabalhador é afastado.

(2) Alienação do trabalhador de seu trabalho

O capitalista separa os produtos do trabalho do trabalhador. Ao trabalhador é deixado apenas seu próprio trabalho, o qual tem que vender para sobreviver. Tem que trabalhar dia após dia em uma fábrica,

sem qualquer dignidade. O trabalhador não conhece sua verdadeira identidade ou seu verdadeiro valor. Tudo o que é importante sobre ele está perdido.

Nesta situação o trabalhador descobre que quanto mais ele trabalha, mais rico o capitalista se torna. Já que os produtos de seu trabalho são expropriados pelo capitalista, quanto mais ele derrama seu suor e sangue, mais o capitalista se beneficia, enriquecendo-se em uma posição de domínio e fortalecendo todo o sistema capitalista.

Trabalho para o trabalhador [...] não o seu próprio mas de alguém [...] (24)

(3) Alienação da espécie humana

De acordo com Engels, a espécie humana é caracterizada pelo domínio de seu ambiente: "O animal meramente usa seu ambiente e faz ocorrer mudanças simplesmente por sua presença; o homem por suas mudanças o faz servir a seus propósitos e o domina". **(25)**

Sob o sistema capitalista, entretanto, o trabalho torna-se "uma força material acima de nós, crescendo fora de nosso controle, frustrando nossas expectativas e trazendo a zero nossos cálculos". **(26)**

A essência da espécie do homem refere-se à atividade de produção livre e conscienciosa, que distingue o homem de um animal dirigido apenas por seus instintos e produzindo somente o que sua prole requer diretamente.

"Homem" é um homem de ação e liberdade sobre qualquer mundo objetivo, especificamente engajado na livre atividade da criação. Por estar o trabalhador alienado de seu trabalho, esta atividade tem-se

reduzido meramente aos meios de satisfazer o desejo de manter-se a existência física, e o trabalho não mais existe como uma atividade livre e consciente.

Para o trabalhador, o trabalho está reduzido meramente a meios de sustentar sua existência física. Para o capitalista, o trabalho é uma mercadoria que deve comprar a fim de produzir lucro. Ambos perderam a base de sua humanidade.

(4) Alienação do homem pelo homem

No mundo desumanizado do capitalismo, os trabalhadores não são livres em seus relacionamentos. Como podem ser eles? Eles não são humanos. Não sentem alegria entre si, nem descobrem o amor e o entendimento.

b. A raiz da alienação: a posse privada da propriedade

Marx já havia defendido a "divisão do trabalho" como a principal causa da "perda de si próprio" do homem, em **Debatte uber die Pressefreiheit no Rheinische Zeitung** de maio de 1842, entretanto, para ele, a divisão do trabalho e a posse da propriedade privada são uma e mesma coisa.

Divisão do trabalho e propriedade privada são, além do mais, expressões idênticas: em uma a mesma coisa é afirmada com referência à atividade como é afirmada, na outra com

referência ao produto da atividade. (27)

Assim, Marx afirma que a propriedade privada é a consequência do trabalho alienado, mas é também o modo pelo qual o trabalho se aliena. A isto ele denominou "realização de sua alienação".

c. A solução para a alienação: o comunismo

Por volta de 1844, Marx começou a defender o comunismo — "a abolição positiva da propriedade privada e, portanto a apropriação real da essência humana por e para o homem" — como solução para a alienação.

Apesar de que nos escritos de Marx a causa e o efeito exatos do relacionamento entre alienação e propriedade privada pareçam de certo modo confusos, Marx assegura-nos que quando a posse privada for abolida, a condição humana mudará:

A abolição da propriedade privada é, portanto a completa emancipação de todos os sentidos e qualidades humanas. (28)

Marx afirmava que a eliminação da propriedade privada era a base para recuperar a essência da espécie do homem e o fim de sua alienação.

Vida e Obra de Marx: 1844

A solução para a alienação

Comunismo

“A abolição positiva da propriedade privada e portanto a verdadeira apropriação da essência humana pelo e para o homem.”

III. O DESENVOLVIMENTO DO MARXISMO

A. O PRIMEIRO MARXISMO

Apesar de as teorias das sociedades comunitárias datarem da antiguidade, o comunismo como um movimento revolucionário consciente de classe originou-se na França na segunda metade do ano de 1830. Em seguida, a supressão de uma revolta de trabalhadores em Lyon em 1834, um pequeno número de líderes foram proscritos e começaram a desenvolver incessantemente programas radicais. Assim surgiu a secreta "Sociedade dos Seguidores" em 1836/38, conhecida como a primeira sociedade comunista.

Tentativas logo foram feitas para deixar claro o ponto de vista comunista. O socialista radical Etienne Cabet apresentou seu secular *Credo Comunista* em 1841. Theodore Dezamy desafiou o credo

moralista de Cabet com uma versão baseada no modelo radical do Iluminismo de um "código" racional no *Code de la Communauté* em 1842, o qual retratava uma discussão aumentada da racionalidade e inevitabilidade da revolução social como o oposto aos compromissos de políticos reformistas. Dezamy insistia que a revolução comunista devia confiscar imediatamente toda propriedade e dinheiro. Além do mais, ele argumentava que uma cosmovisão ateísta e materialista devia suplantiar o catolicismo pelo "bem-estar universal". Karl Marx era um admirador de Dezamy, e como outros intelectuais estrangeiros radicados em Paris em 1844, foi atraído e inspirado por sua prisão e julgamento.

O termo comunismo foi popularizado na Inglaterra por John Goodwin Barmby. Barmby fundou uma sociedade de propaganda comunista e publicou o **The Communist Chronicle**. Em março de 1842, ele lançou a primeira teoria comunista da história: um esquema baseado nas quatro eras da humanidade (uma primeira era pastoril, "paraisação", que orienta através da feudalização e civilização para a "comunização").

B. VIDA E OBRA DE MARX: 1845

Marx havia sido apresentado a seu colaborador vitalício, Friedrich Engels, em 1843. Em 1844-1845 Marx e Engels produziram juntos o *The Holy Family*. Eles criticaram os hegelianos e tomaram como modelo o recentemente suprimido movimento alemão do trabalhador liderado por Wilhelm Weitling na Suíça. Marx escreveu: "Ideias nada podem efetuar. Para tornarem-se reais, as ideias requerem homens que

apliquem uma força prática". (29) (Dois anos mais tarde, Marx denunciou o comunismo cristianizado de Weitling.)

Marx foi expulso da França pelo governo de Guizot e partiu para Bruxelas em 5 de fevereiro de 1845. Neste ano, na Bélgica, ele renunciou à sua nacionalidade prussiana.

Logo após chegar a Bruxelas em 1845, Marx escreveu Teses Baseadas em Feuerbach, separando-se completamente do humanismo de Feuerbach. Foi por este tempo que enfatizou ser a revolução apenas um meio de mudar as circunstâncias e os seres humanos. "A consciência da mudança das circunstâncias e da atividade humana ou automudanças pode ser concebida e racionalmente compreendida somente como prática revolucionária." (30)

Vida e Obra de Marx: 1845

A Sagrada Família

“As ideias nada podem realizar. Para se tornarem reais, as ideias requerem homens que apliquem uma força prática.”

Teses sobre Feuerbach

“A prática revolucionária resulta da coincidência de circunstâncias variáveis com a atividade humana.”

C. VIDA E OBRA DE MARX: 1846

Marx então começou a escrever *A Ideologia Alemã*, juntamente com Engels, que havia imigrado para Bruxelas, e terminam seu trabalho em maio do ano seguinte. Este texto continha a mais completa exposição de sua concepção materialista da história, concluindo que uma violenta revolução comunista era necessária. Por este tempo, contudo, o tema da recuperação da natureza humana alienada foi escassamente mencionado. A concepção materialista da história afirma que as condições materiais determinam o desenvolvimento histórico: “a natureza dos indivíduos então depende das condições materiais que determinam sua produção”. Além do mais, a história procede de forma determinista, já que estas condições são ‘condições independentes de sua vontade.’ (31)

Enquanto outros socialistas ofereciam ideias revolucionárias, Marx ofereceu uma ideologia revolucionária, enfatizando o destino do proletariado e a necessidade da ditadura e expondo suas crenças em uma terminologia que pareceria científica. Mais adiante ele empenhou-se em uma série de ataques polêmicos contra seus supostos aliados, tentando conseguir uma posição proeminente para si no movimento socialista revolucionário, não diferente do domínio que Hegel havia exercido no mundo acadêmico germânico.

Marx empregou o termo "utópico" para descrever todos os socialistas que não compartilhavam de suas opiniões. Utopia significa socialismo não científico, e o marxismo, através de constante repetição, veio a significar "socialismo científico".

D. VIDA E OBRA DE MARX: 1847

Em Bruxelas, Marx trabalhou com seu Comitê de Correspondência Comunista, uma organização de cerca de quinze escritores e compositores alemães. Os primeiros aliados estrangeiros foram dois cartistas internacionalistas que formaram uma filial, o Comitê de Correspondência de Londres, em março de 1846. No verão de 1846, Marx e Engels buscaram aliados na Liga dos Justos, um grupo de imigrantes alemães em Londres. Em outubro de 1846, Engels definiu a meta dos comunistas como apoio do proletariado contra a burguesia através de uma revolução democrática violenta que poria fim à propriedade privada e estabeleceria a comunidade de bens.

Vida e Obra de Marx: 1846

A Ideologia Alemã

“A natureza dos indivíduos depende das condições materiais que determinam sua produção... Essas condições independem de sua vontade.”

Materialismo Histórico

Marx usou os primeiros meses de 1847 para escrever seu polêmico *A Pobreza da Filosofia*, dirigido contra Pierre Proudhon, um bem-conhecido rival de Marx. Marx escreveu: "Será somente em uma ordem de coisas na qual não existam mais classes e antagonismos de classes, que as evoluções sociais deixarão de ser revoluções políticas." (32)

Vida e Obra de Marx: 1847

A Miséria da Filosofia

“E só quando não houver mais classes, nem lutas de classes que a evolução social deixará de ser revolução política.”

E. O MANIFESTO COMUNISTA

Sobre este ponto, Marx havia produzido uma quantidade de escritos demandando violência contra a ordem existente, mas sem um plano de ação específico. No verão de 1847, entretanto, a Liga (agora a Liga dos Comunistas) requereu a Marx e Engels que elaborassem um resumo da posição comunista sobre questões políticas e sociais. Eles responderam escrevendo o *Manifesto Comunista* em fevereiro de 1848.

Vida e Obra de Marx: 1848

O Manifesto Comunista

“Os comunistas declaram abertamente que seus fins somente podem ser alcançados pela destruição violenta de todas as condições sociais existentes.”

No *Manifesto Comunista*, Marx e Engels exaltam o papel da luta de classes na história humana. Eles insistem na abolição da propriedade privada pela revolução violenta e criticam todas as formas anteriores de socialismo. O *Manifesto Comunista* conclui declarando que o papel dos comunistas é a revolução: "Os comunistas declaram abertamente que seus fins somente podem ser alcançados pela destruição de todas as condições sociais existentes". O *Manifesto Comunista* também resumiu a tarefa comunista como segue:

Neste sentido, a teoria do comunismo pode ser resumida na simples frase: Abolição da propriedade privada. (33)

De acordo com Marx

A PROPRIEDADE PRIVADA

É a causa de toda alienação

Marx:

“Nesse sentido, os Comunistas podem condensar sua teoria na simples frase ‘Abolição da propriedade privada.’ ”

F. O PROGRAMA MARXISTA PARA RESOLVER A ALIENAÇÃO

Ao tempo da publicação do *Manifesto Comunista*, o marxismo tinha tomado a forma de um programa de ação com a promessa: a solução da alienação humana. (A solução da alienação é expressa de várias formas nos escritos de Marx. Em *A Ideologia Alemã*, por exemplo, ele descreve a humanidade "livrando-se do lixo das eras" e "fundando uma nova sociedade").

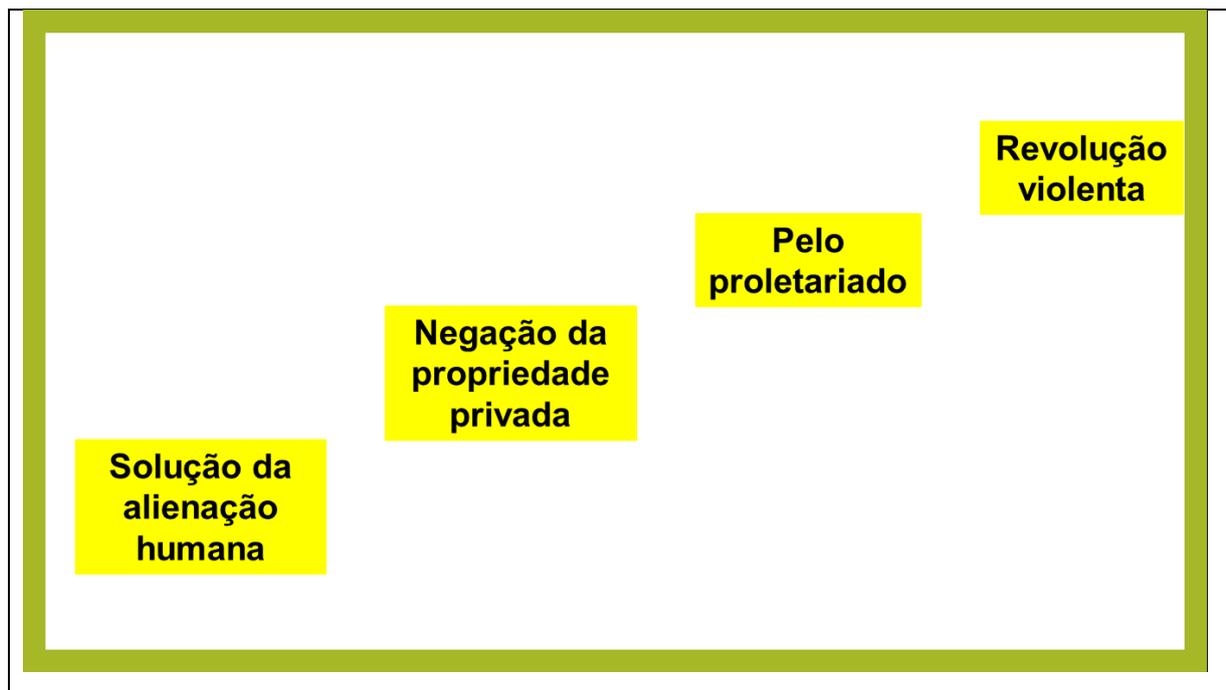
A solução deve acontecer pela abolição da "propriedade privada burguesa". A propriedade burguesa é descrita no *Manifesto Comunista* como "a mais completa expressão do sistema de produção e apropriação de produtos que é baseada no antagonismo de classes e sobre a exploração de muitos por uns poucos". (34) Marx também diz que isto

requerirá a eliminação da própria burguesia. "Este tipo de pessoas deve ser varrido do caminho e esquecido." (35)

A classe designada para desempenhar este processo é o proletariado, "a classe de modernos trabalhadores remunerados que, não tendo meios próprios de produção, são reduzidos a vender sua força de trabalho para viver." (36) O proletariado deve "arrancar" todos os instrumentos de produção da burguesia e concentrar todo o poder em suas próprias mãos, organizando-se como classe governante até que todas as classes sejam eliminadas.

O método de apoderar-se do poder é a revolução violenta. O comunismo desdenha a conciliação de suas opiniões e metas. Declara abertamente que seus fins apenas podem ser alcançados pela destruição violenta de todas as condições sociais existentes. (37)

Marx se opôs a um processo pacífico para alcançar a eliminação da propriedade privada. Ele também se opôs a qualquer apelo de compaixão humana ou moralidade. Ele viu que as tentativas anteriores para realizar as comunidades socialistas ideais sempre falharam e ele encontrou como culpada a falta de filosofia e a desconsideração pelo papel vital da violência de massa.



G.MARXISMO COMO ARMA FILOSÓFICA

Para que a revolução comunista seja bem sucedida, necessário mobilizar e motivar os trabalhadores a fazer a revolução. Para fazê-la, Marx, Lenin e outros marxistas moldaram uma formidável “arma filosófica”.

O próprio Marx referiu-se a seus escritos desta forma quando escreveu: "Como a filosofia encontra suas armas materiais no proletariado, também o proletariado encontra suas armas espirituais na filosofia." (38)

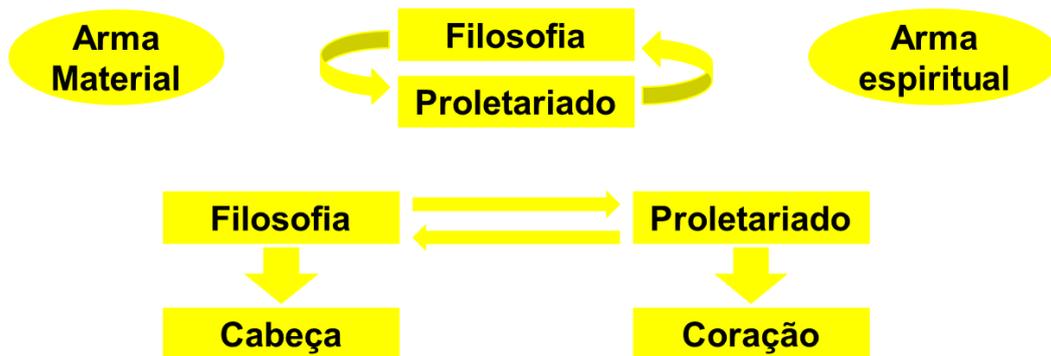


O marxismo tem sido altamente bem sucedido como ideologia revolucionária. Lançou um sistema de crenças que provê:

1. Uma filosofia básica
2. Esperança e uma visão
3. Um plano de ação

Marx:

“Como a filosofia encontra suas armas materiais no proletariado, assim o proletariado encontra suas armas espirituais na filosofia. A cabeça da emancipação é a filosofia. Seu coração é o proletariado.”



Há muitas formas de abordar Marx. Algumas pessoas o abordam como economista, outras como filósofo, outras como um cientista social. Marx, porém, considerou-se claramente como o engenheiro, o arquiteto de uma arma espiritual, o arquiteto de uma ideologia designada a desencadear a revolução. Desde a morte de Marx, outros tomaram para si a tarefa do refinamento e desenvolvimento desta arma. Entretanto, o marxismo-leninismo pode hoje ser adequadamente entendido como uma ferramenta ideológica para desencadear a revolução. Há três componentes principais desta ferramenta, cada um com sua própria função e finalidade.

O primeiro são as teorias econômicas, que estão contidas em ***O Capital*** e outros textos menores. Estas teorias pretendem provar que o capitalismo requer exploração, que você não pode obter o capitalismo ou a posse privada dos meios de produção sem exploração. Marx foi longe neste argumento em toda a sua teoria de mais-valia. Esta teoria

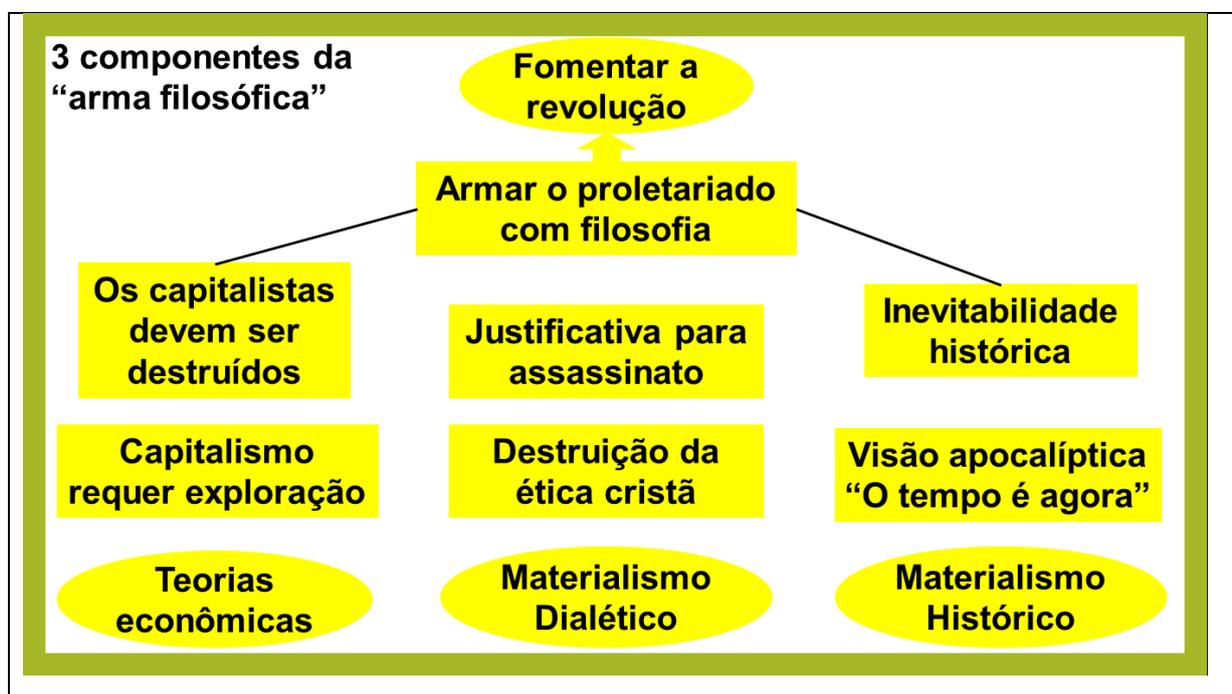
argumenta que o problema não são alguns capitalistas gananciosos ou algum tipo de egoísmo no mundo capitalista ou alguns valores mal colocados. O problema é o capital. O capital, o capitalismo e os capitalistas devem ser destruídos.

O segundo elemento desta arma é o materialismo dialético. O materialismo dialético foi desenvolvido após Marx, no assim chamado período escolástico do marxismo. Ele tenta de uma forma sistemática e organizada, destruir a ética fundamental da religião, particularmente o Cristianismo. Isto é feito, primeiramente, solapando a fé em Deus. Este é o aspecto do materialismo. Se não há Deus por trás dos Dez Mandamentos e de outras linhas de orientação da igreja, então devemos observar o universo ao nosso redor para aprender nossa ética e moralidade. O materialismo dialético ainda argumenta que a moralidade do universo é a moralidade da luta, conflito e destruição. Assim, ocorre o progresso. Portanto, o materialismo dialético se torna uma tremenda justificação para matar, usada hoje nos países comunistas.

O componente final é o materialismo histórico, a aplicação da dialética na história. O materialismo histórico tem um papel muito importante. Nos primeiros anos do Cristianismo, os cristãos viviam com o sentimento de que a qualquer momento Cristo devia retornar e o mundo devia terminar. Este sentimento apocalíptico dava fervor aos cristãos. O comunismo também compartilha este tipo de visão apocalíptica. O materialismo histórico ensina que estamos agora nos últimos dias da história; estamos em um grande estágio de mudança. Toda a história até este ponto é pré-história e começaremos a história quando começarmos o comunismo. Além do mais, ele argumenta que o

comunismo é uma inevitabilidade histórica. Você pode tentar detê-lo, você pode destruir-se tentando detê-lo, mas você não pode deter o comunismo. Esta ideia é largamente aceita nos Estados Unidos de hoje. Existem muitas pessoas que de alguma forma sentem que o comunismo é inevitável para a América Latina ou outras partes do mundo, e nada podem fazer para detê-lo. Neste sentido, o materialismo histórico tem propagado vitoriosamente a ideia de ser o comunismo o futuro inevitável.

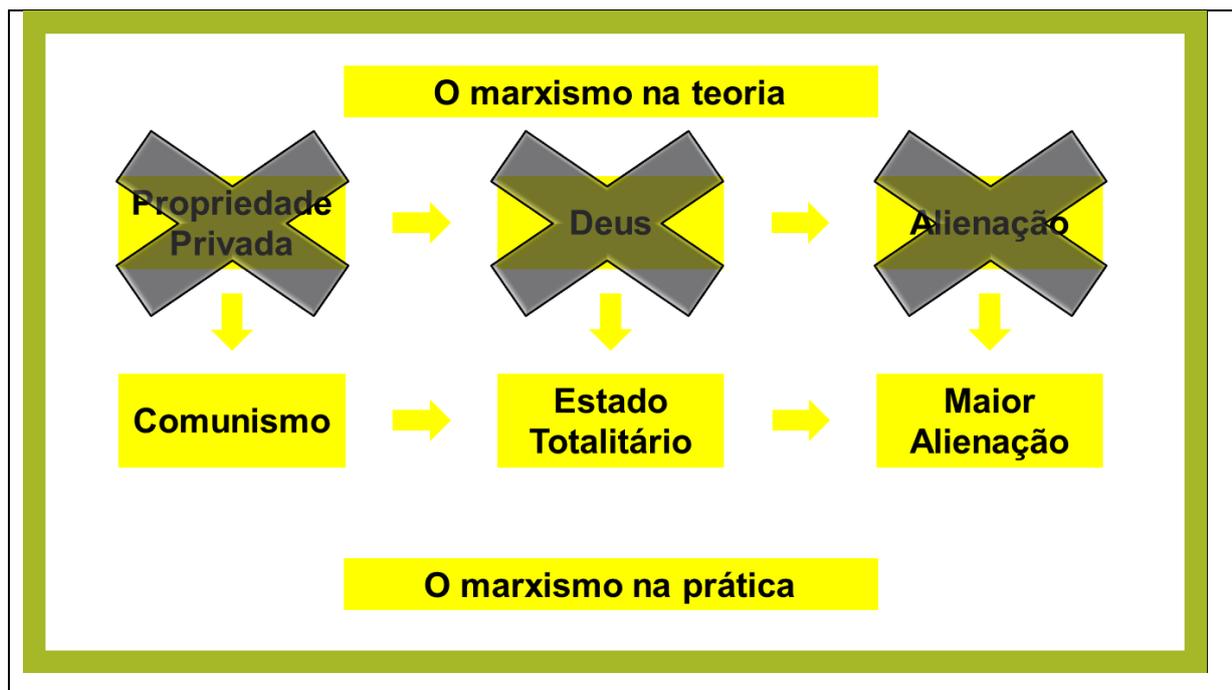
Juntos, estes elementos formam uma arma filosófica muito poderosa.



H. TEORIA MARXISTA E PRÁTICA

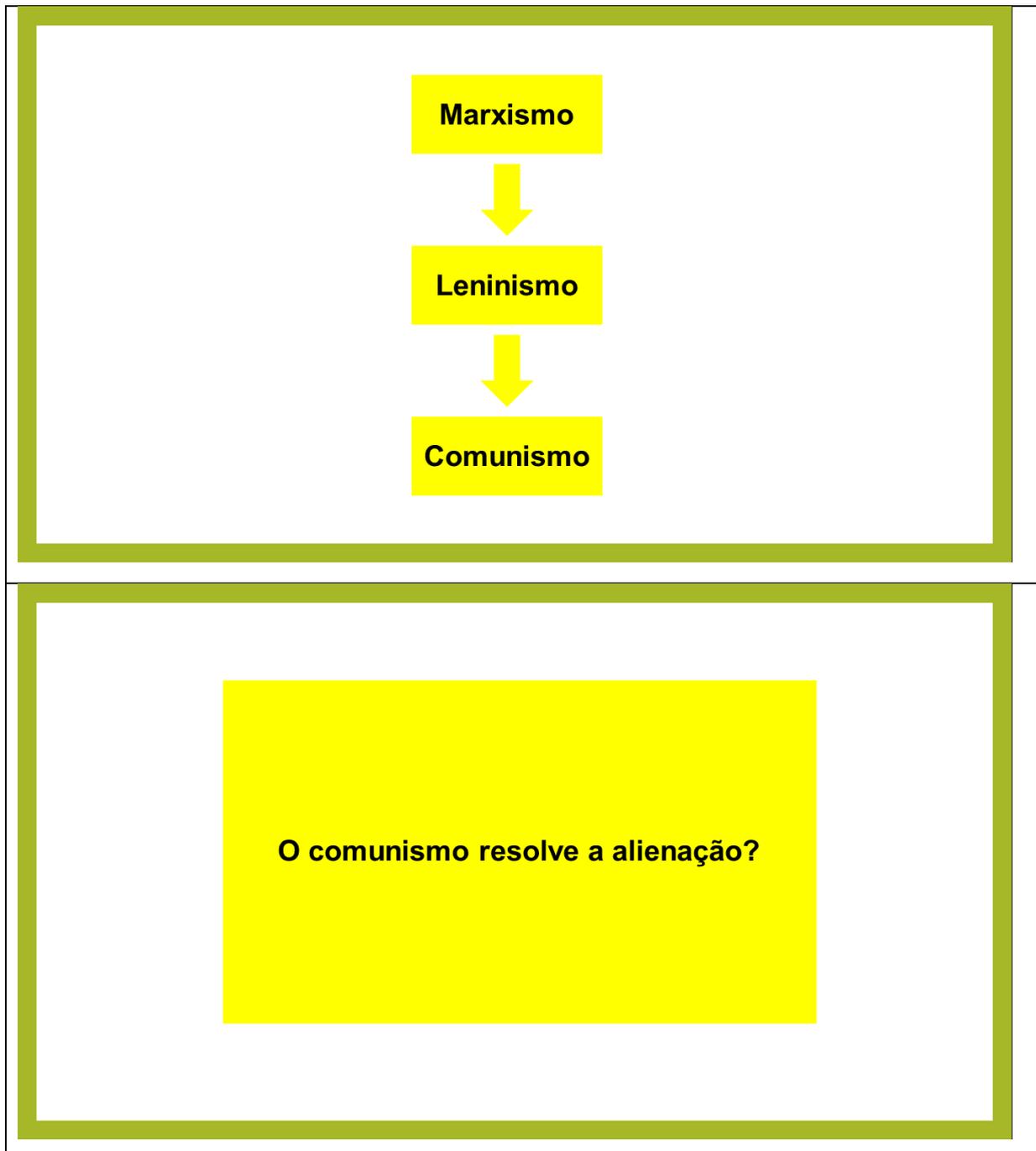
Em teoria o marxismo diz que a propriedade privada e os relacionamentos adequados encorajam a crença em Deus e na religião. Eles não são a fonte da fé em Deus; entretanto a encorajam e

institucionalizam, e, portanto aumentam a alienação humana. Assim, se os relacionamentos de propriedade privada forem destruídos, a crença em Deus logo desaparecerá. Esta tem sido a doutrina oficial da União Soviética. Uma vez que os meios de produção foram tomados, é apenas uma questão de tempo antes que a situação humana seja completamente resolvida.

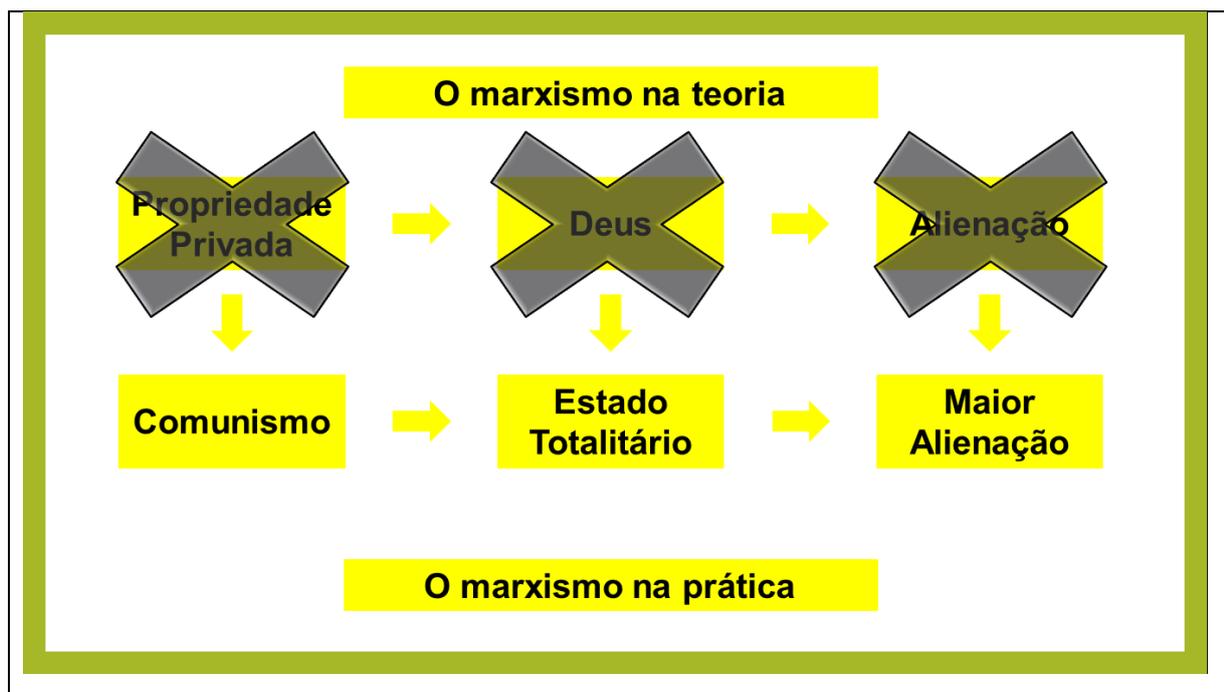


Deve ser ressaltado, naturalmente, que não pensamos que na prática o marxismo seja assim. O marxismo é utópico demais para praticar, irreal demais para aplicar. Somente após as modificações de Lenin é que o marxismo tornou-se praticável. O marxismo na prática é sempre o marxismo-leninismo, o comunismo de hoje. O marxismo-leninismo provocou com sucesso uma série de revoluções, começando em 1917 e continuando até nossos dias. Façamos então uma pergunta: O comunismo resolve a alienação? Separando os meios de produção da

posse privada, estará resolvido o problema humano?



Na prática, a propriedade privada não pode ser abolida, mas a liberdade humana pode ser destruída. Isto é o comunismo na União Soviética hoje. Deus foi substituído pelo estado totalitário, e o resultado é uma maior alienação.



Um indivíduo induzido e inspirado pela retórica marxista-leninista foi o escritor francês André Gide. Antes de sua visita à URSS em 1938, Gide escreveu:

Minha conversão é como uma fé; todo meu ser vai em direção a uma única meta. No deplorável estado de ansiedade do mundo moderno, o plano da União Soviética parece-me constituir a salvação da humanidade. (39)

Após visitar a URSS, entretanto, Gide escreveu desiludido:

O desaparecimento do capitalismo na Rússia não trouxe a liberdade ao trabalhador soviético. É essencial que o proletariado estrangeiro compreenda isto plenamente [...] Foi precisamente para não encontrar pobreza que fui à União Soviética, mas a miséria lá é ameaçadora [...] pode-se imaginar que fosse rude e criminoso [...] não desperta dó ou

caridade [...] apenas desdém.

Os que desfilam orgulhosamente são aqueles que a prosperidade comprou ao preço desta infinita pobreza [...] (40)

IV. COMUNISMO COMO UMA FALHA SOCIAL



O Manifesto Comunista tem sido invocado para justificar vários esforços revolucionários desde que foi escrito, e o surgimento do estado comunista foi em 1917. Desde então, inúmeros países caíram sob o controle comunista. Deve ser dito que à teoria marxista foi dado tempo suficiente para provar sua eficiência. Observando-se os fatos, o marxismo definitivamente não conseguiu os meios para solucionar o problema de alienação.

Em 1960, Nikita Khrushchev prometeu a seu povo que por volta de

1980, o estado comunista ideal existiria na União Soviética. Evidentemente, este não é o caso. Apologistas soviéticos argumentam que a União Soviética está ainda no estágio de transição, movendo-se em direção ao verdadeiro comunismo. Neste caso, algum progresso em direção à meta devia ser evidente. Quando observamos as quatro áreas da alienação humana mencionadas por Marx em seu *Manuscritos de Paris*, entretanto, vemos que não foi feito progresso para sua solução.

a) Marx falou sobre a alienação do trabalhador com relação ao produto de seu trabalho. E sob o marxismo, terá o trabalhador se tornado dono do que produz?

NÃO.

Os trabalhadores soviéticos estão supostamente trabalhando para o estado, e o estado está supostamente cuidando dos trabalhadores de forma ideal. Mesmo que os trabalhadores soviéticos não estejam avançando para a vida ideal, eles estão lutando para sobreviver.

O salário médio de um trabalhador de Moscou é 171 rublos por mês, mesmo que o salário necessário para a subsistência de uma família média seja 210 rublos. (41)

Fora de Moscou a situação é muito mais severa. Um ex-oficial soviético, Ilja Zemtsov em seu texto *La Corruption en Union Soviétique*, descreve a miséria abjeta em certas regiões da URSS, tais como Azerbeidjã.

A despeito disto, de acordo com Michael Voslensky em *La Nomenklatura*, um determinado grupo vive muito bem na União Soviética. Usam os mais recentes produtos da Europa, Japão e Estados Unidos. Seus filhos frequentam escolas particulares. Eles são a nova

superelite soviética.

Marshall I. Goldman, diretor associado do Russian Research Center da Universidade de Harvard, em seu texto *URSS em Crise*, salienta que a Rússia era antigamente o maior exportador de cereais do mundo. Sob o comunismo ela é obrigada a suplementar sua falha na produção de grãos com importação. Ele também nota que vários indicadores de prosperidade, tais como a taxa anual de crescimento do PNB, mostram que a economia soviética está cada ano menos próspera. (42)

Infiel a suas promessas, uma economia marxista não é capaz de colocar riqueza nas mãos de seus trabalhadores. Ironicamente, isto tem gerado um vasto (e ilegal) sistema de livre-empresas na URSS. Os cidadãos soviéticos envolvem-se em atividades, tais como fabricação, compra, venda, transporte, etc., clandestinamente. Este mercado negro, ou "segunda economia" pode perfazer um total de 25% do PNB. (43) Sem esta atividade "capitalista" clandestina, a sociedade soviética seria incapaz de manter-se nos níveis atuais.

O desinteresse do trabalhador soviético pelo seu trabalho é evidenciado pela baixa qualidade dos bens que produz. Os cidadãos soviéticos tentarão sempre evitar comprar bens fabricados na URSS. (44)

As ordens rígidas e frequentemente insensatas do sistema de planejamento econômico central soviético é outro fator que aliena o trabalhador soviético do produto de seu trabalho. Michael Binyon escreve: "Para quase toda fábrica, cumprir o Plano é quase o único critério, e o controle de qualidade é perdido na luta para alcançar a quantidade de produtos [...] Os russos tentam evitar comprar coisas

feitas no fim do mês pelo risco de estarem defeituosas". (45)

Esta situação confusa e contraditória cria o que pode ser chamado de “condições de trabalho mais alienantes da história”.

1. Alienação do trabalhador do produto do seu trabalho

Será o trabalhador soviético dono do que produz?

- **Uma nova elite**
- **Miséria centralizada**
- **Sistema de mercado negro livre**

b) Marx falou sobre a alienação do trabalhador com relação a seu trabalho. Encontrará o trabalhador soviético realização e satisfação em seu trabalho?

Não. De 20 a 30% dos trabalhadores soviéticos deixam seu trabalho todos os anos, frequentemente demorando um mês para registrar-se em um novo local de trabalho, e vários outros meses para adaptar-se às normas de trabalho de seu novo serviço. (46) Nos Estados Unidos, 12% dos trabalhadores deixam seus empregos cada ano. (47)

Ausência e alcoolismo são dois problemas crônicos a serem resolvidos no sistema soviético. Há frequentes campanhas na União Soviética para livrar a economia do grave problema do alcoolismo.

Quando Yuri Andropov, e mais tarde Konstantin Chernenko, tomou posse na URSS, uma de suas maiores preocupações foi instituir novos meios de combater a falta e o desinteresse pelo trabalho, chamado oficialmente de "falta de disciplina no trabalho".

“Eu me pergunto: O que acontecerá? Qual é o futuro do país? E dou minha própria resposta com amargura: O governo Soviético, a sociedade soviética, não podem se ver livres da corrupção enquanto permanecerem soviéticos. Isto é tudo. ”

Konstantin Simis

A despeito disto, o regime resiste obstinadamente em oferecer incentivos materiais aos trabalhadores. A falha do sistema comunista em gerar riqueza e oferecer a seu povo incentivos para o trabalho gerou a expressão: "Eles fingem que nos pagam e nós fingimos que trabalhamos." (48)

Manifestações do trabalhador descontentes são suprimidas. Líderes de movimentos organizados são frequentemente aprisionados e mandados para "tratamento psiquiátrico".

Kevin Kloze descreve em *Russia and the Russians* (A Rússia e os Russos) o caso de Vasilyevich, um trabalhador que criticou as baixas

condições em sua mina e foi enviado para o hospital psiquiátrico em Dnepropetrovsk em 1972.

De todas as muitas drogas administradas em Dnepropetrovsk para impor disciplina, a sulfazina era o pináculo da dor. Originalmente usada há mais de cinquenta anos para tratar malária por induzir a febre alta (o ato de ministrar sulfazina é curiosamente classificado de "pirogênico"), a mistura havia sido usada intermitentemente em hospitais de tratamento mental na Europa e Estados Unidos nos anos 20 e 30 para tratar alguns casos de esquizofrenia crônica. A despeito de sua força bizarra em subjugar uma pessoa mesmo violenta por provocar febre alta, náusea, desorientação mental e graves espasmos musculares, a maioria dos psiquiatras ocidentais acharam que a sulfazina não possuía valor terapêutico e deixaram de usá-la.

Estas eram as qualidades que a tornavam tão atraente aos doutores em Dnepropetrovsk. "As pessoas que recebiam sulfazina gemiam e suspiravam de dor, amaldiçoando o poder soviético e os psiquiatras, praguejando por tudo em seus corações", disse-nos Alexis. "As pessoas entram em horríveis convulsões e ficam completamente desorientadas. A temperatura do corpo eleva-se quase imediatamente para 40° e a dor é tão intensa que não pode mover-se de suas camas por três dias. A sulfazina é simplesmente uma forma de destruir um homem completamente. Se eles o torturam e quebram os seus braços, há uma dor específica e você pode de certo modo suportá-la, mas a sulfazina é como uma verruma perfurando o interior de seu corpo, torturando-o além do que você possa suportar. É impossível suportar. É pior do que tortura, porque, às vezes a tortura pode terminar, mas esse tipo de tortura pode continuar por anos."

A sulfazina era normalmente "prescrita" em uma "terapia" de injeções de força crescente por um período que podia durar mais de dois meses. A mistura causava uma reação violenta e longa nos músculos no local da injeção, normalmente nas nádegas. Dentro de algumas horas após a inoculação, a dor era tão cruciante que a vítima não podia

sentar-se e era forçada a deitar sobre o estômago para dormir. Não podiam erguer as pernas, o que significava que os homens eram enredados pela confusão de camas na prisão de Nikitin, incapazes de ir ao banheiro ou ao refeitório. Eles definhavam na miséria, dependentes dos caprichos dos assistentes ou da compaixão de outros companheiros para o alimento e companhia. O mau-cheiro desta dolorosa condição pairava no ar. (45)

Mais uma vez somos forçados a concluir que o comunismo aumenta a alienação.



2. Alienação do trabalhador do seu trabalho

O trabalhador soviético usufrui de alegria e satisfação do seu trabalho?

- Trabalho forçado
- Cotas abusivas
- Sabotagem generalizada
- Supressão da satisfação no trabalho

c) O que pode ser dito sobre a alienação da espécie humana? Está a natureza original do homem sendo definida na URSS? Referências numerosas mostram que este não é o caso.

Konstantin Simis, anteriormente advogado de defesa na União Soviética, escreve sobre a proscrita economia de livre-empresa que é florescente na União Soviética. Esta economia, sem a qual o país não poderia sobreviver, tem o efeito secundário ao tornar criminosos todos os que se envolvem em atividades que são normalmente negócios no mundo livre, tais como fabricação, compra e venda.

Simis descreve a corrupção generalizada que ocorre como resultado:

A corrupção que corrói o aparato governamental do país tem tido o efeito terrível de devorar a moral não apenas das pessoas que dão e recebem suborno, mas também dos inocentes, daqueles que não têm sido parte da corrupção, mas que meramente têm vivido em uma atmosfera de corrupção e sido forçados a respirar este ar corrompido. (50) E agora, terminando este livro, eu me pergunto: O que virá?

Qual é o futuro do país? E respondo minha própria pergunta com amargura: o governo soviético, a sociedade soviética não pode ver-se livre da corrupção enquanto permanecer soviética. É simplesmente assim. (51)

A mulher soviética tem uma média de oito abortos durante sua vida, e algumas chegam a ter quinze. (52)

Talvez o fator inibidor mais significativo no desenvolvimento da natureza humana original entre as populações do mundo comunista seja a doutrinação sistemática, conhecida como "ateísmo científico". Esta doutrina, baseada no materialismo dialético de Marx e Engels e ensinada diariamente na escola, busca convencer a população de que Deus não existe ou vida eterna e que os humanos não têm leis morais mais elevadas do que as ditadas pelo Partido Comunista. Publicações domésticas, ou entrada no país de qualquer literatura ou materiais cujo tema proclame a fé em Deus ou a espiritualidade mais elevada são meticulosamente procuradas e destruídas. (53)

Esta busca individual da verdadeira natureza humana não poderia encontrar maior interferência e repressão governamental do que no sistema comunista soviético.

2. Alienação do trabalhador do seu trabalho



3. Alienação da espécie humana

Encontrará o homem sua verdadeira natureza humana no sistema soviético?

- **Corrupção generalizada**

d) Finalmente, terá o marxismo resolvido a alienação do homem pelo homem? Estão os cidadãos trabalhadores soviéticos aptos a estabelecer relacionamentos humanos satisfatórios?

Lamentavelmente, não. É sabido que relacionamentos humanos satisfatórios requerem um ambiente de confiança e honestidade. E mais, os regimes comunistas encorajam seus cidadãos a se controlarem em

nome da total lealdade ideológica, e informar sobre os que mantêm ideias diferentes daquelas do partido. Isto apenas alimenta ainda mais os níveis de desconfiança entre as pessoas.

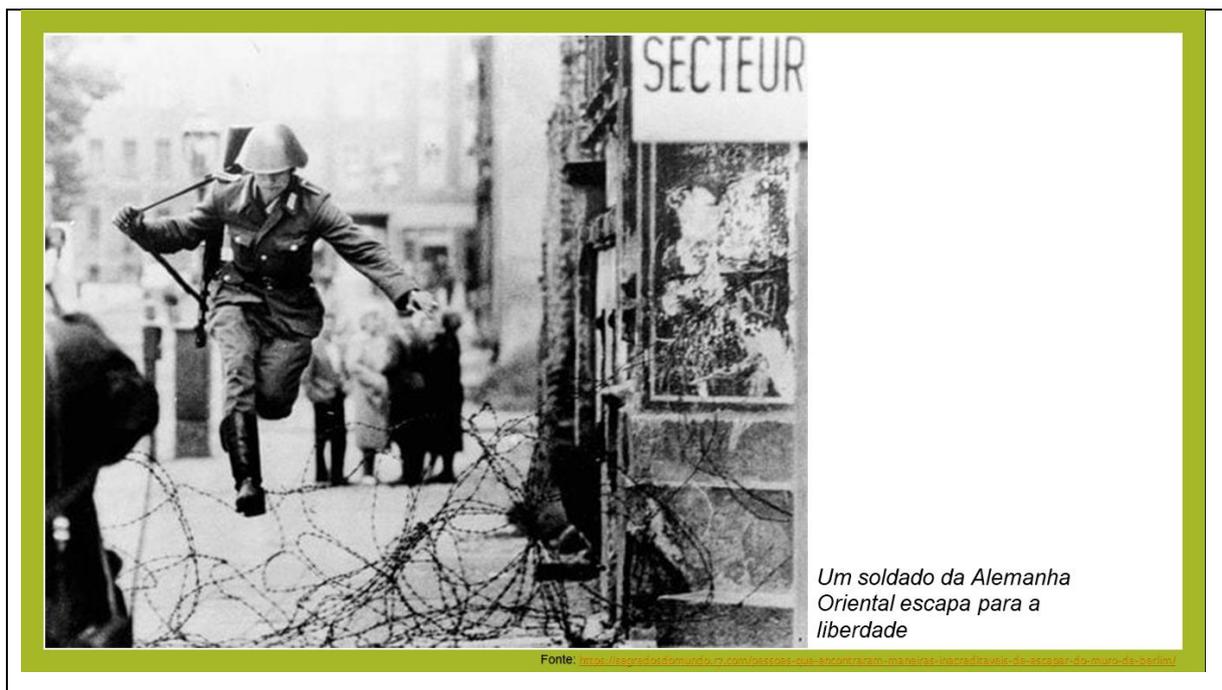
Preservando a distinção de casta da classe governante e seus incontáveis privilégios, os sistemas comunistas realmente fomentam ódio- em direção àqueles em posição de autoridade.

Além do mais, o comunismo não pode resolver o problema do racismo. O ex-Pantera Negra Eldridge Cleaver fala das atitudes racista em Cuba, assim como o faz Anthony Bryant, autor de *Hijack*. Bryant diz: "O racismo em Cuba é mais intenso do que nos Estados Unidos. Disseram-me que eu não era negro; eu era mulato. Entendi então que havia um rígido sistema de classes. O racismo se tornou parte da estrutura comunista." (54)

A intensa animosidade entre a União Soviética e a China comunista é a afirmação do fato de que o comunismo não foi capaz de resolver o problema da discriminação racial.

O comunismo afirma que constrói uma sociedade de irmandade unificada removendo as barreiras do nacionalismo. No entanto, a União Soviética fornece um exemplo claro de supremacia nacional na política de russificação de 100 ou mais nacionalidades não russas.

A deportação em massa de refugiados de qualquer nação que teve a infelicidade de cair sob o controle comunista, parece testemunhar que em nenhuma parte o homem está menos capaz de expressar sua natureza original do que sob a pesada carga do comunismo. Conta-se que quando o muro de Berlim foi construído na noite de 12 de agosto de 1961, atrás de cada trabalhador havia um soldado com uma arma e atrás



O caso do barco de pessoas vietnamitas é mais comovente. Os vietnamitas têm sofrido séculos de domínio e exploração, mesmo assim eles se recusavam a abandonar sua terra natal — até a chegada do comunismo. Agora, eles aceitam o risco da morte e a tragédia do mar, sem a garantia do mundo livre, para escapar dos opressores comunistas.

3. Alienação da espécie humana



4. Alienação entre o homem e seu semelhante

São os cidadãos-trabalhadores da União Soviética capazes de estabelecer relacionamentos humanos satisfatórios e felizes?

- Vigilância constante
- Elitismo
- Racismo
- Nacionalismo
- Êxodos em Massa

4. Alienação entre o homem e seu semelhante



O MARXISMO NÃO RESOLVE A ALIENAÇÃO

Quando nos voltamos para a União Soviética e outros países comunistas, somos levados a concluir que o marxismo não resolve os problemas da alienação. Ele os agrava. Ironicamente, as condições mais condenadas por Marx e Engels no Manifesto Comunista atingiram sua maior expressão na União Soviética.

Porque o comunismo não resolve a alienação

- 1. Não é científico**
- 2. Não é verdadeiro**

Quatro erros fundamentais

V. POR QUE O COMUNISMO NAO RESOLVE A ALIENAÇÃO: OS ERROS DO MARXISMO

O comunismo como é praticado hoje não resolve a alienação. Ao contrário, ele leva a ditadura totalitária antidemocrática. Promove o ateísmo e reprime a espiritualidade de seus cidadãos. Cria sistemas econômicos que não são autossuficientes e dependem de uma tecnologia roubada, bem como daquela comprada com crédito do mundo ocidental. Desumaniza os trabalhadores e camponeses frustrados num mundo que tinha sido mudado com a intenção de libertá-los ou que lhes tinha sido impostos por facções políticas militantes que ganharam forças em seus países.

Por que é o comunismo uma falha social e tão real e uma contínua ameaça à liberdade do mundo?

Há os que afirmam ser, o comunismo hoje uma "traição" ou

"distorção" do marxismo. Parecem querer absolver Marx da responsabilidade pelas ações daqueles que afirmam segui-lo. Frequentemente, eles também nos teriam tentado novamente a desempenhar o programa marxista esperando resultados diferentes.

Somos de opinião de que não tem sentido falar se o comunismo de hoje é uma "traição" a Marx. Nosso propósito não é estabelecer a culpa de Karl Marx. Mais do que apontar culpa, a questão para nós será ver quais são os elementos no marxismo que possibilitaram a existência do comunismo hoje. É o pensamento de Marx que tem servido de base para o marxismo-leninismo atual. Nesta parte discutiremos as falhas de Marx que possibilitaram o surgimento do comunismo de hoje.



A. A FORMULAÇÃO NÃO CIENTIFICA DO MARXISMO

Pensa-se frequentemente que Marx chegou às suas conclusões após questionar-se cientificamente o funcionamento do sistema capitalista, no entanto, podemos ver claramente que este não é o caso.

Mais do que uma mente científica inquiridora, um marxista deve ter uma grande dose de fé cega. Isto é, há um número de afirmações-chaves no marxismo que não chegaram apenas pela ciência e razão. Como chegou Marx à conclusão de que a humanidade poderia ser libertada pela abolição da propriedade privada? Como ele sabia que o proletariado efetuará esta libertação? Como poderia ele provar, através da ciência ou história, que a essência da espécie humana emergiria após a propriedade privada ter sido abolida? Desnecessário dizer, ele apenas "acreditava" nestas coisas, e seus seguidores são impelidos a acreditar nisto também.

Isto é contrário ao método científico. De maneira geral, um cientista pode formular uma hipótese e procurar observá-la através de experiências e pesquisas. No entanto, ele deve estar preparado para admitir qualquer lição que possa advir destas experiências e pesquisas. Marx não queria fazer isto. Preparando revisões de *O Capital*, por exemplo, como salientou Bertram Wolfe, Marx desdenhou de estatísticas atualizadas que desmentiam suas previsões do empobrecimento do trabalhador. (56)

Marx não se fixou em Paris e nem mais tarde em Londres para efetuar uma investigação científica. Ele foi estudar economia para instruir-se como esta área poderia ser usada para apoiar a revolução, a solução marxista para a alienação humana.

Na introdução de *A Contribution of Political Economy* (Uma Contribuição para a Economia Política), Marx recorda que logo após

chegar a Paris em 1844, já havia chegado à conclusão de que as relações materialistas de produção são as bases das formas legais e políticas. Esta é a premissa básica da visão materialista da história, o materialismo histórico. Marx declarou:

A conclusão geral a que cheguei e a qual, uma vez alcançada, continuaram a servir de orientação em meus estudos, pode ser resumida brevemente como segue: na produção social desempenhada pelos homens, eles entram em relações definidas que são indispensáveis e independentes de sua vontade; estas relações de produção correspondem a um estágio definido de desenvolvimento de suas forças materiais de produção. A soma total destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade — a base real, sobre a qual se erguem superestruturas legais e políticas, e às quais correspondem formas definidas de consciência social.

(57)

Marx escreveu *A Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Law, Introduction*, quando estava sendo introduzido ao socialismo revolucionário e econômico por Moses Hess. Não obstante, ele estipulou como meta a destruição do sistema capitalista pelo proletariado. Fatores subjetivos e emocionais parecem ter sido maior influência em suas conclusões.

Marx renunciou ao *Rheinische Zeitung* pressionado pela severa censura e pressão do governo prussiano. Ele trabalhou hostilmente contra o governo e expressou-o em seus escritos. Em *A Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Law*, ele escreve:

Guerra sob as condições germânicas! De qualquer modo! Eles estão abaixo do nível da história, abaixo de qualquer crítica, mas são ainda objetos de crítica, como o criminoso que está abaixo do nível humano, mas ainda é um objeto para o executor [... (O objeto da crítica) é para não refutar mas para exterminar [...]. Seu sentimento essencial é a indignação, sua atividade essencial é a denúncia. (58)

Nesta situação, Karl Marx formou um programa para rechaçar o que ele percebia ser seus inimigos e inimigos do progresso humano. Ele agia assim a partir dos elementos filosóficos disponíveis naquele tempo. Marx tomou emprestado de Hegel a dialética da "tese-antítese-síntese" e aplicou-a materialisticamente à sociedade civil. Desta forma, ele concluiu que a propriedade privada (a tese) deve ser "negada". Em *The Holy Family* (fev. 1845), Marx colocou a propriedade privada e o proletariado um contra o outro como tese e antítese:

A propriedade privada como propriedade privada, como riqueza, é compelida a manter-se, e desse modo seu oposto, o proletariado, em existência [...]. O proletariado, ao contrário, é compelido como proletariado a abolir-se e desse modo seu oposto, a propriedade privada, a qual determina sua existência e o faz proletariado. (59)

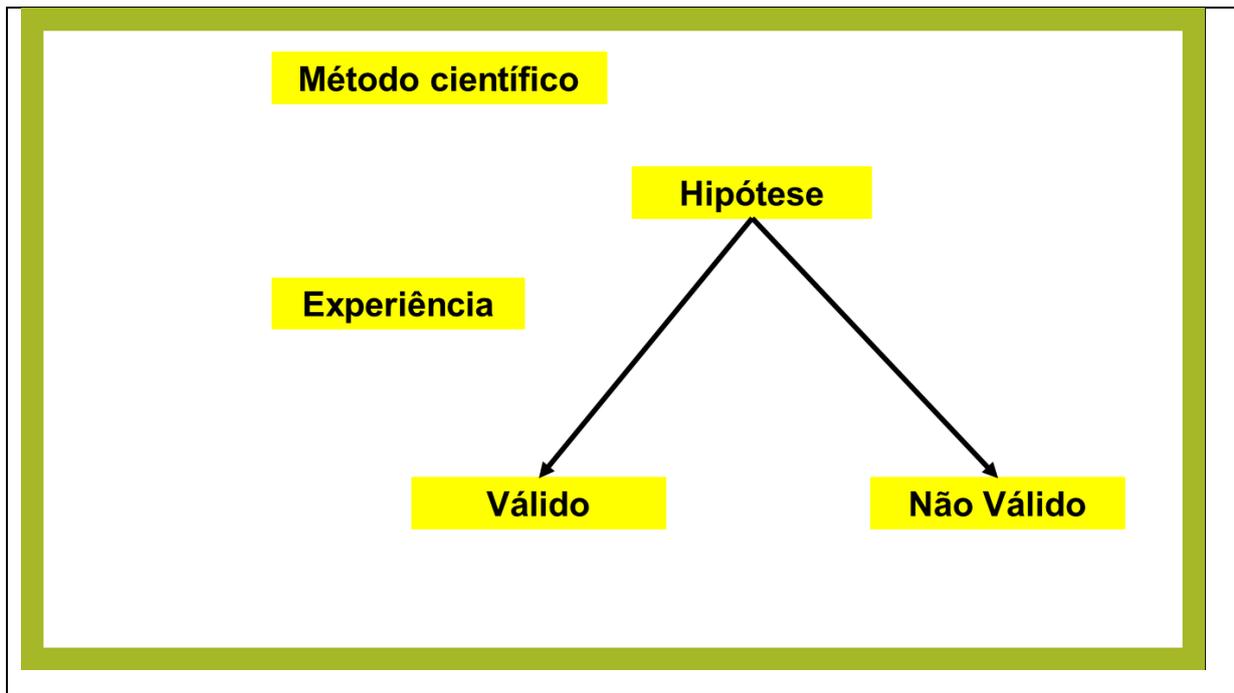
Quando Marx usava as ideias de outros pensadores, ele as revisava para enquadrá-las às suas necessidades. Invocando a dialética, por exemplo, ele alterou completamente o significado hegeliano dos termos "opostos", "contradição" e "negação". Marx também tomou elementos do materialismo de Feuerbach, mas o criticou por apelar para a

consciência humana.

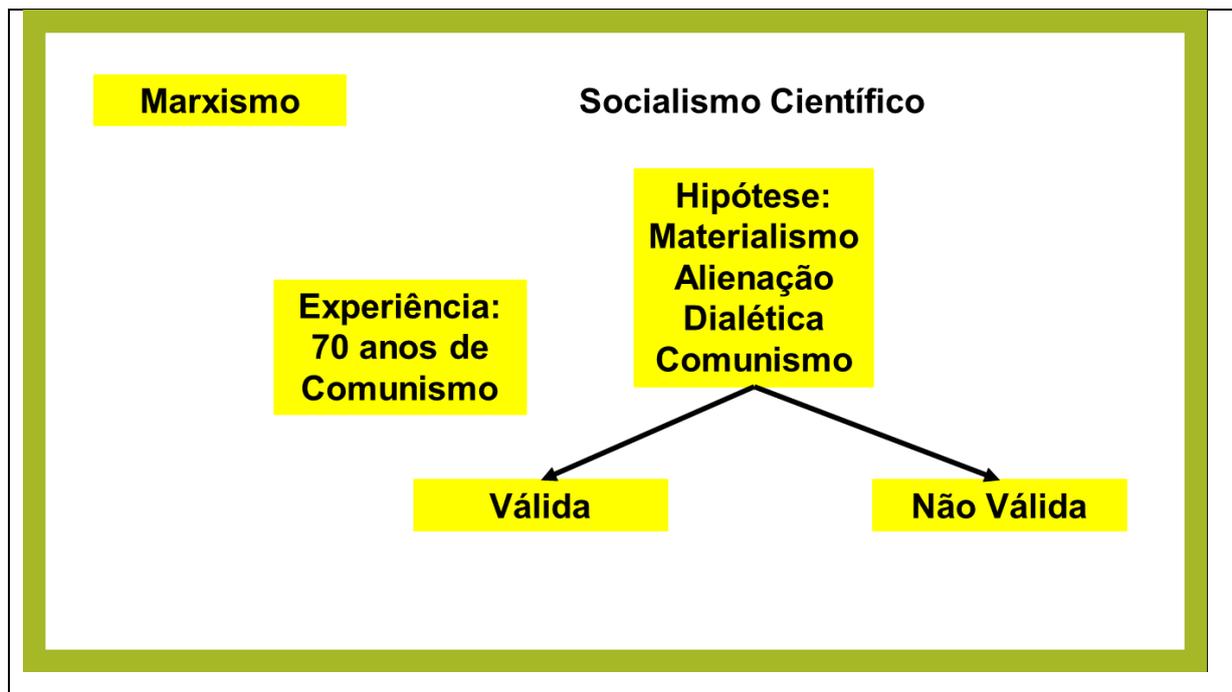
Evidentemente, nem todas as verdades chegaram a humanidade através da ciência. Entretanto, Marx e Engels ridicularizam enfaticamente os métodos não científicos de conhecimento, tais como a revelação religiosa. Então eles não agiram meramente para sair do método científico ao formar suas teorias, mas também para trazer grandes dores para conciliar o que estavam fazendo. Eles falam incessantemente sobre "socialismo científico", que era tudo, menos científico. Da mesma forma, o comunismo desde Marx e Engels tem se mascarado como científico, mesmo quando se agarra a um cientifismo ultrapassado.

B. A APLICAÇÃO ANTICIENTÍFICA DO MARXISMO

O método científico requer que primeiro se desenvolva uma hipótese e então se sujeite esta hipótese à experiência. Mesmo que possa ser dito que experiências não possam provar conclusivamente que a hipótese é verdadeira, normalmente é possível, após experiências, determinar se é benéfico manter-se trabalhando com a hipótese ou não.



Se o marxismo fosse aplicado cientificamente, verse-ia que as teorias marxistas de (a) materialismo, (b) alienação, (c) dialética e (d) comunismo são muitas hipóteses. Setenta anos de aplicação constituem a experiência comunista, e o veredicto científico claro é que o marxismo não é válido.



C. A NATUREZA DA IDEOLOGIA

O marxismo é uma ideologia. Com isso queremos dizer que ele é uma perspectiva do universo e história baseada em certas crenças ou dogmas básicos de fé. Sobre isto é construída uma filosofia.

Neste ponto desejaríamos discutir estes dogmas básicos da fé marxista. Então nós os confrontaremos com crenças básicas da visão de fé em Deus, que é o Deusismo. A seguir elaboraremos as implicações filosóficas do Deusismo e veremos na prática o contraste entre o marxismo e o Deusismo.

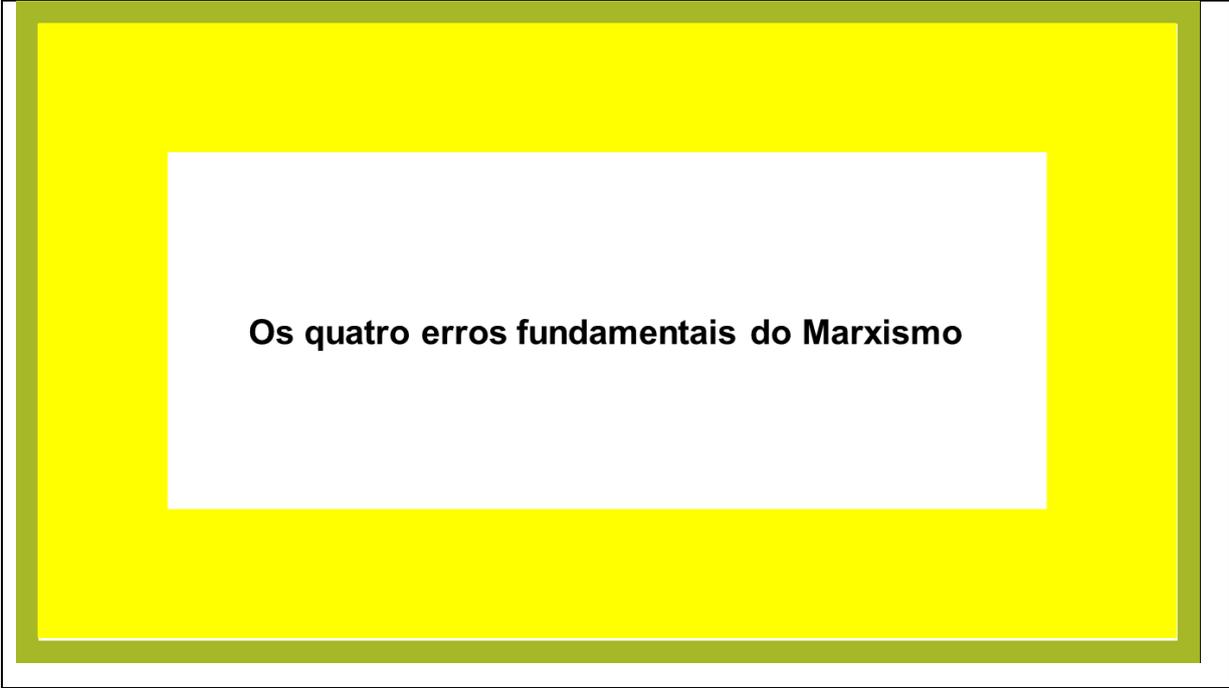
Marxismo

Ideologia

- 1. Crenças**
- 2. Filosofia**

D. OS QUATRO ERROS FUNDAMENTAIS DO MARXISMO

O problema último do marxismo não é que ele não seja científico, mas que ele não é verdadeiro. Podemos resumir as premissas enganosas do marxismo como quatro erros fundamentais.

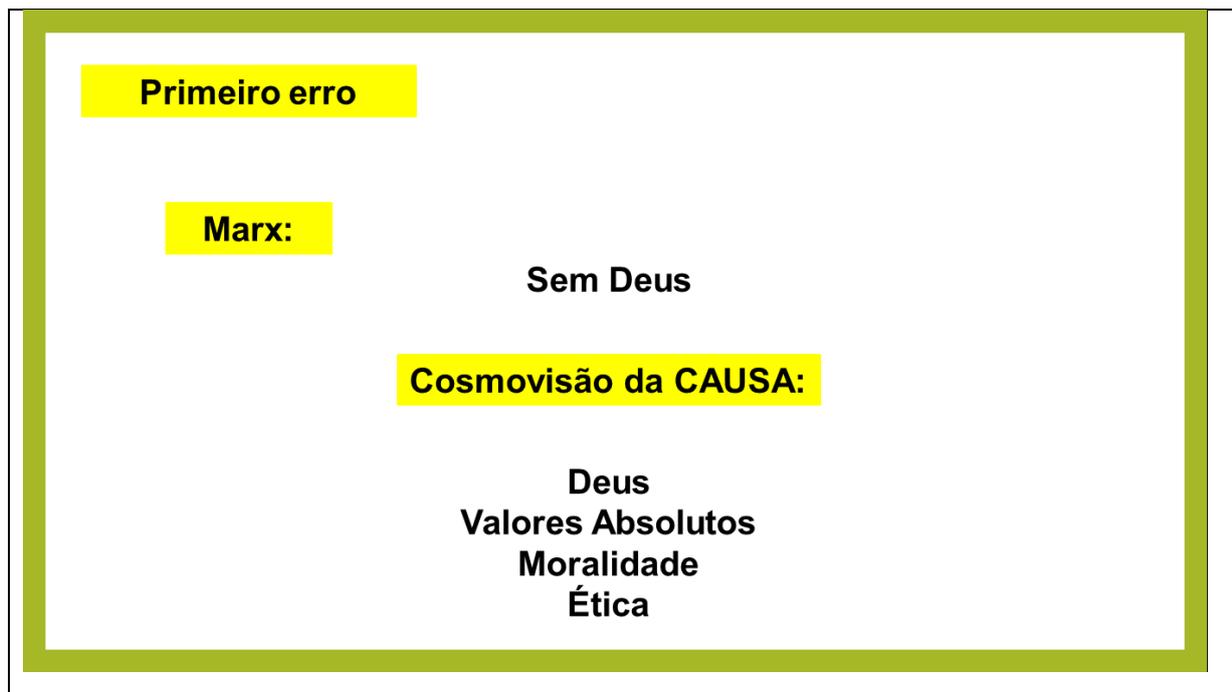


Os quatro erros fundamentais do Marxismo

1- PRIMEIRO ERRO: DE ACORDO COM MARX, DEUS NÃO EXISTE

O materialismo marxista assevera que o universo é matéria em movimento e esta matéria sempre existiu. Marx nega a possibilidade de Deus ter criado o universo.

O universo é visto como um fenômeno não causado. Não há uma primeira causa definitiva, mas simplesmente a sucessão do "contingente" de causas e efeitos. Não há fonte de valores, moralidade, certo e errado, bem e mal absolutos.

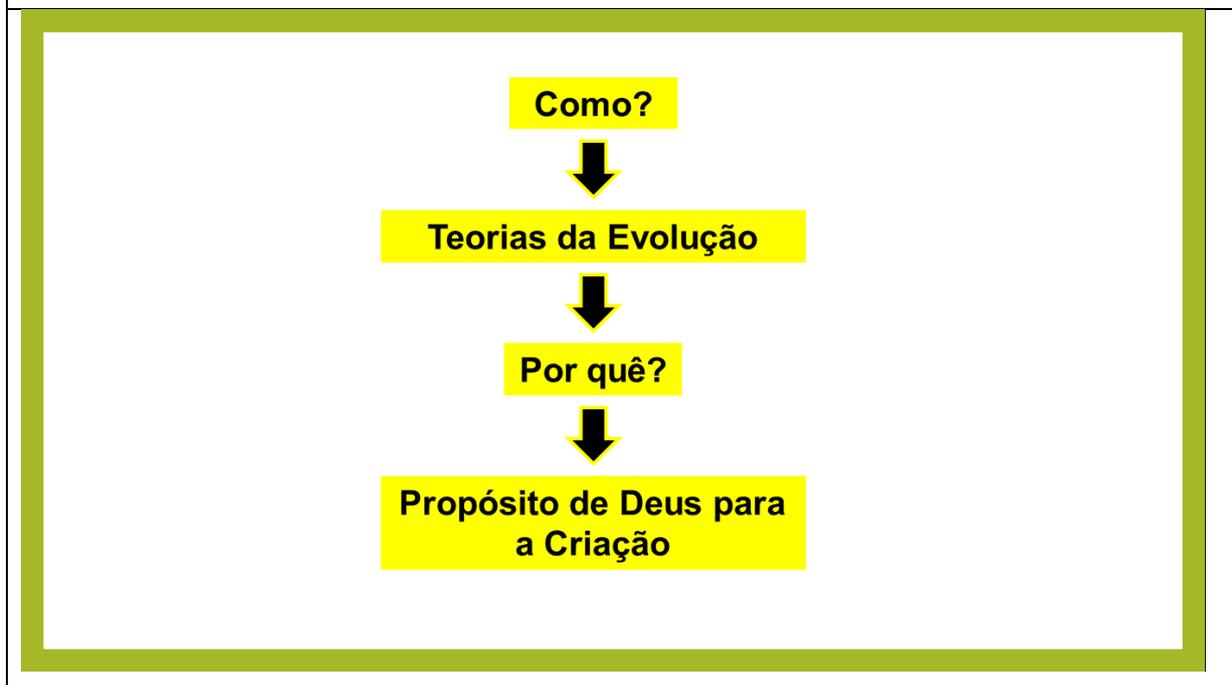
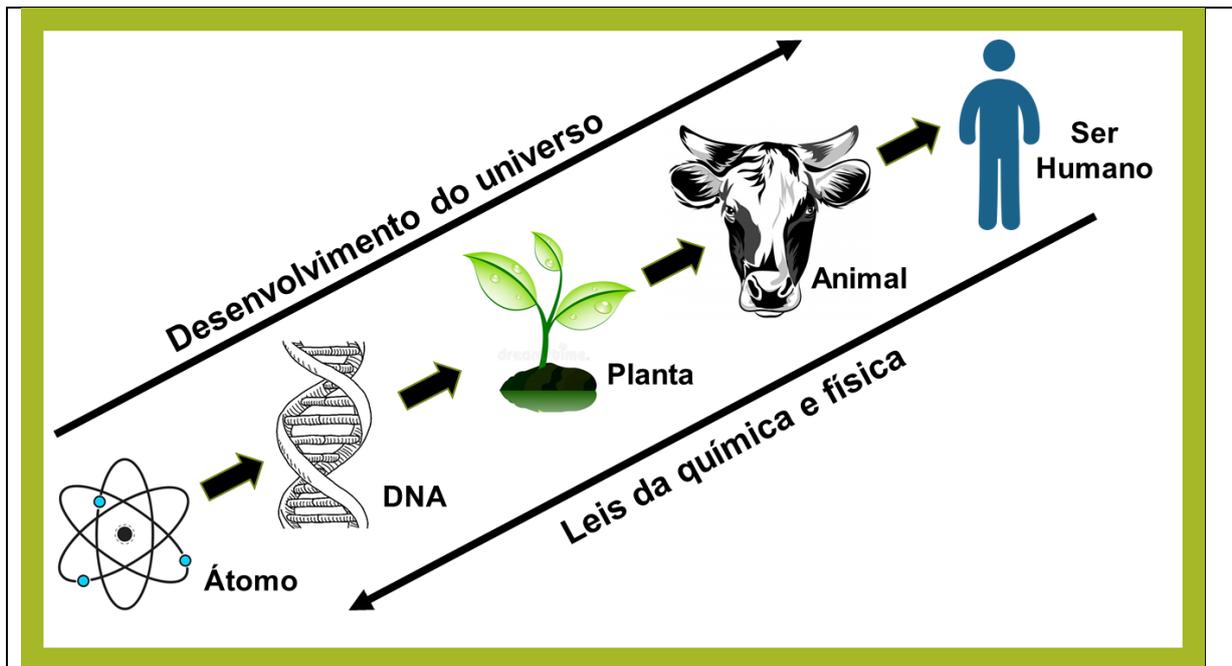


Crítica:

O marxismo afirma que observa o mundo "real" sem fazer falsas premissas. Não obstante, a negação de Deus é a primeira premissa do materialismo dialético. O materialismo dialético nega a Deus e então atribui à matéria as qualidades de Deus, necessárias para oferecer uma cópia de explicação para a origem do universo.

Cosmvisão da CAUSA: Deus existe

Observamos no universo um progresso de seres de crescente complexidade, diferenciação e ordem. Estes passam de partículas para átomos, moléculas, plantas, animais e seres humanos. Como poderá ser explicada esta crescente ordem e complexidade?



A quem está familiarizado apenas com as leis de química e física, isto pareceria impossível sem alguma intervenção miraculosa.

Para explicar este fenômeno, as teorias da evolução foram desenvolvidas. Como muitas outras teorias científicas, as teorias da evolução tentam mostrar que os fenômenos observáveis do mundo não são "miraculosos", mas "naturais". Estas teorias são interessantes,

estimulantes e capazes de explicar convincentemente os mecanismos do desenvolvimento de formas de vida de um ponto de vista externo. Elas são limitadas pela verdadeira natureza do questionamento científico, no entanto, não se pode lidar com a questão mais fundamental para a qual a mente humana busca uma resposta: Por que ocorre este processo?

Se houver uma resposta para esta questão, esta resposta vem apenas de Deus. O marxismo na aparência de uma ciência nega que haja uma resposta para a questão. O marxismo como uma pseudo-religião, entretanto, tem sua própria escatologia e faz seu próprio apelo para a natureza religiosa do homem, encorajando-o a dar sua vida para desempenhar o grande propósito de estabelecer um mundo ideal. A verdadeira direção dos comunistas para construir seu ideal testemunha a necessidade de uma finalidade para o homem.

Somente examinando-se abertamente a questão da finalidade da criação de Deus é que poderemos alcançar um entendimento dos valores absolutos, moralidade e ética.

Complemento: Existe evidência lógica, científica e experimental de que Deus existe.

1. Lógica: provas de Deus

No bestseller de 800 páginas intitulado *Does God Exist?* (Deus Existe?), o teólogo alemão Hans Kung escreve:

Provas de Deus hoje perderam muito de sua força, mas pouco de seu encanto no pensamento das pessoas. Deus existe? Deve ser possível provar isto. Deve haver uma prova

que seja irrefutável, racional, óbvia para todos. (60)

Tradicionalmente, as provas mais comuns da existência de Deus são as provas cosmológicas e teológicas. O argumento cosmológico diz que a criação e manutenção do universo requer um Deus inteligente e poderoso. Esta era a prova da existência do divino usada por Platão e Aristóteles, e posteriormente elaborada por Aquino. William Paley declarou-a mais simplesmente, como segue: "se um relógio necessita de um fabricante, então o nosso mundo complexo necessita de um criador divino".

Em um debate radiofônico em 1948 com Bertrand Russel o teólogo jesuíta F.C. Copleston usou o argumento teológico para provar a existência de Deus. De acordo com Copleston, Deus existe e sua existência pode ser provada filosoficamente. Sabemos que nenhum objeto material do mundo é autocriado. Portanto, ele deve ter um motivo externo para existir. Já que não podemos imaginar um infinito independente de seres, deve existir um movimento primordial e uma primeira causa, Deus.

Numerosos cientistas têm aceitado esta prova cosmológica: astrônomos como Sir James Jeans, físicos como Sir Arthur Eddington, biólogos como Alister Hardy e paleontólogos como Teilhard de Chardin. De acordo com eles, nosso universo é tão complicado, tão intrincado, que deve ter sido feito por uma inteligência sobre-humana, a qual chamamos Deus. Mera mudança não pode explicar nosso tipo de mundo. Como o filósofo Michael Ploanyi o colocou, nenhum macaco pode produzir uma peça como "Hamlet" batendo ao acaso em uma máquina de escrever. Tampouco pode mera mudança ter causado nosso

mundo.

A prova teológica de Deus é construída sobre a noção de que a criação exhibe finalidade. Objetos feitos pelo homem não vêm à existência sem um propósito de fabricação. Além do mais, as coisas na natureza têm finalidades em pequena escala, e estas apontam para um desenho cósmico geral. (Quando encontramos parte de nossa anatomia que parece não ter finalidade — o apêndice, por exemplo — ficamos surpresos).

Stanley Jaki, sacerdote e cientista, afirmava que a própria ciência tem sido bem sucedida porque tomou como sua suposição operante básica a crença cristã de que existe um plano racional para todas as coisas da natureza.

Uma recente aproximação de provas da existência de Deus as tem visto de modo indutivo, mais do que com argumentos dedutivos, e as avalia de acordo com a lógica da Teoria da Confirmação. Richard Swinburne, em seu livro sobre este assunto, explica que enquanto a validade de argumentos indutivos não pode ser julgada da mesma forma que a dos argumentos dedutivos, não obstante, existem padrões claros para julgar argumentos indutivos como corretos ou incorretos.

Um argumento indutivo correto é aquele cuja premissa apóia sua conclusão, isto é, torna-o mais possível do que não (ou mais provável do que alguma outra hipótese). De acordo com um teorema da Teoria de Confirmação, uma hipótese é válida quando uma evidência particular é mais provável sob aquela hipótese do que seria sob outra.

A postulação de um Deus onipotente, onisciente e todo benevolente como o criador do universo é uma hipótese extremamente simples, a

qual pelos padrões normais de julgamento da hipótese científica lhe dá uma vantagem sobre as hipóteses competidoras, tais como: 1) o universo é criado por um ser sem as propriedades infinitas de Deus; ou 2) o universo não tem causa ou explicação. Por exemplo, com referência ao argumento cosmológico, Swinburne diz que há uma boa probabilidade de que se Deus existe Ele faça algo como nosso universo finito e complexo. É muito pouco provável que o universo existisse sem ser causado, mas é um pouco mais provável que Deus existisse sem ser causado. A existência do universo é estranha e desconcertante, mas pode ser compreensível se supormos que ele é divinamente criado. Esta suposição defende uma explicação mais simples do que o faz a suposição da existência não causada do universo, e há base para se acreditar que a hipótese anterior seja verdadeira. (61)

Deve ser compreendido que até agora, provas da existência de Deus podem ser contraditas por vários contra-argumentos. Mesmo quando toda a discussão está sendo ponderada, podemos concluir como Kung:

A questão 'Deus existe?' pode agora ser respondida por um claro e convicto Sim, justificável ao nível da razão crítica. (62)

“A questão ‘Deus existe?’ pode agora ser respondida por um claro e convicto sim, justificável à luz da razão crítica.”

Hans Küng

2. Ciência: o limiar da prova

Argumentos da existência de Deus são grandemente beneficiados pelos resultados da moderna pesquisa científica. Áreas significativas incluem partículas físicas, sistemas termodinâmicos, genéticos, teoria evolucionária, cosmologia e biologia molecular.

Na teoria evolucionária, por exemplo, uma revolução similar àquela da física do século XX pode estar sendo preparada. O físico britânico Rutherford, quando ainda era estudante, foi aconselhado a escolher outro campo porque havia pouco a ser feito em física. Hoje a teoria evolucionária, baseada no darwinismo, parece ter respondido à maioria das questões. Contudo, ainda restam problemas em certas áreas, tais como o mecanismo de novas espécies em formação. Trabalho adicional nesta área pode causar uma dramática abertura no campo.

Com referência ao marxismo, a discussão de Engels da origem do homem é baseada no lamarckismo, uma teoria que foi desacreditada pela moderna pesquisa científica. Nenhum caso é conhecido de herança de qualquer caráter modificado pelo ambiente, uso ou desuso dos órgãos. Como mostrou Gregor Mendel, os caracteres são controlados pelos genes. Modificações da descendência são geralmente o resultado de modificação no código genético.

Desde Engels os marxistas têm tentado negar a dependência da visão marxista do homem sobre o lamarckismo. Não obstante, é difícil explicar a importância central do trabalho na evolução humana por meios que não sejam o lamarckismo.

Pode-se dizer que Marx admirou Darwin grandemente por enfatizar o papel do conflito na natureza. Entretanto, a visão marxista do homem não pode ser facilmente reconciliada como Darwin.



A teoria da evolução atualmente aceita envolve a genética de Mendel e o princípio darwinista da seleção natural. Esta teoria está ainda sendo avaliada pelos cientistas. Não obstante, a questão do por que as próprias modificações genéticas ocorrem está além do escopo da biologia. A visão da CAUSA não especifica o mecanismo do desenvolvimento da forma humana, mas lida com a questão do por que. Os seres humanos são criados como filhos de um criador amoroso e paternal. É razoável acreditar que o Criador agiu com propósito através de mecanismos naturais. Deus pode ter usado a seleção natural no processo da criação.

Muitos dos pioneiros na área da biologia moderna e teoria evolucionária hoje questionam algumas das pressuposições básicas que são popularmente aceitas pela comunidade científica e frequentemente ensinadas nas escolas como fatos reais. Albert Szent-Gyorgyi, duas vezes vencedor do prêmio Nobel, tendo devotado sua vida a ler "no livro da criação", escreve:

Isto me conduz ao problema no qual planejei gastar os próximos cinquenta anos de minha pesquisa. O problema é este: a maioria das reações biológicas são reações em cadeia. Para interagir na corrente, estas moléculas precisamente construídas devem combinar-se o mais precisamente, como as engrenagens de um relógio suíço. Mas se isto é assim, como então pode todo um sistema desenvolver-se? Porque, se qualquer uma das engrenagens nestas correntes for mudada, então todo o sistema simplesmente deve se tornar inoperante. Dizer que um dos elos pode ser mudado por mutação ao acaso, soa-me como dizer que um relógio suíço

pode ser melhorado deixando-o cair e assim entortando uma de suas engrenagens ou eixos. Para se ter um relógio melhor, toda a engrenagem deve ser mudada simultaneamente para se fazer um bom conjunto novamente.
(63)

No campo da cosmologia, o trabalho científico adicional parece apontar na direção de uma causa primeira voluntária e inteligente.

Como materialista, Marx somente poderia afirmar que o universo existe. Ele não poderia explicar a origem do universo e sua finalidade de existência. Apesar disso, como salienta Kolakowski, em seu texto sobre dialética, Engels rejeitou a possibilidade do fenômeno não causado e:

Afirmou que a matéria por sua verdadeira natureza tende a envolver as formas mais altas do Ser de maneira observável na terra. Ele não explica, entretanto, de que maneira as formas mais altas são potencialidades contidas nos atributos elementares da matéria. (64)

Por que ele não considera mais cuidadosamente o relacionamento real que existe entre causa e efeito? A ciência, na verdade, afirma que nada ocorre por acidente. Sem entender Deus, o Criador do Universo, não poderemos entender plenamente a realidade.

3. Experiência: a determinante pessoal final

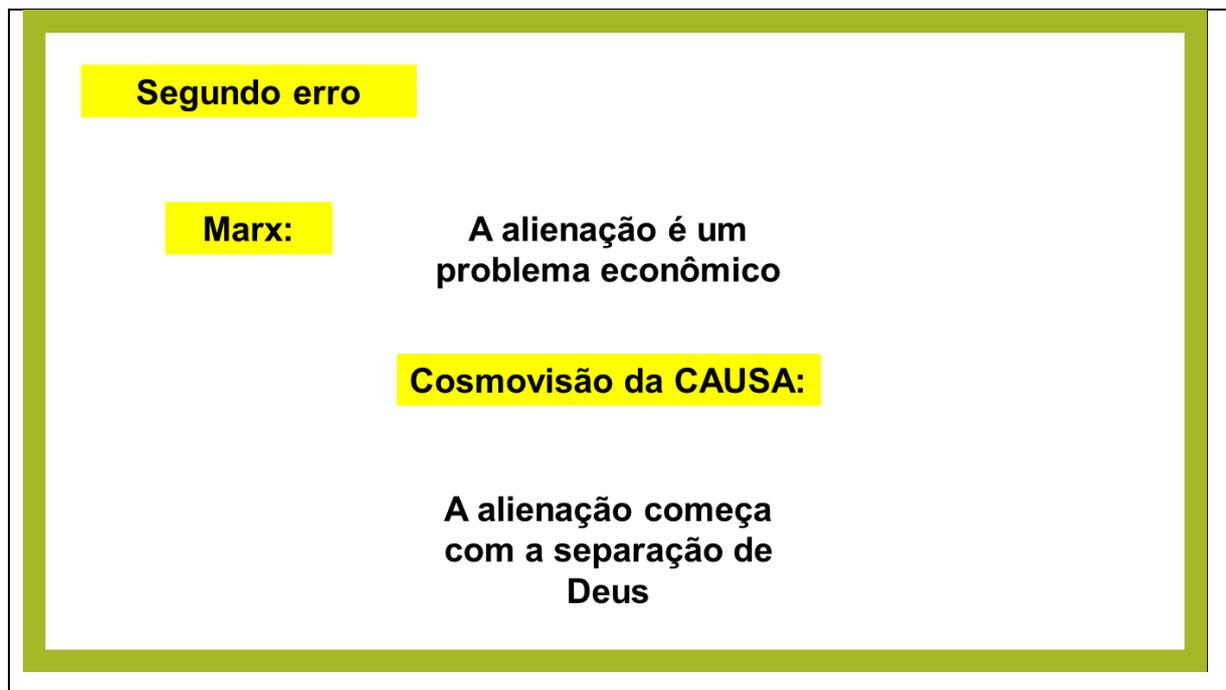
As pessoas são crentes, provavelmente mais do que qualquer outra coisa devido a suas experiências pessoais, que desafiam a simples

descrição e caracterização. Experiências de amor, esperança e critério penetrante moldaram a fé de grandes santos e os iluminados, e têm sido compartilhadas por milhões de pessoas de todos os lugares.

Experiências de desilusão, frustração, ódio, tragédia e injustiça podem intensificar a fé de uma pessoa ou podem destruí-la. Quando termina a fé em Deus, e particularmente quando é substituída pela crença em não-Deus, então a construção da visão geral do marxismo pode começar.

2. SEGUNDO ERRO: DE ACORDO COM MARX, A ALIENAÇÃO É UM PROBLEMA ECONÔMICO

Temos visto que Marx diagnosticou a causa da alienação humana como divisão do trabalho ou sua contrapartida, a propriedade privada. A solução, disse Marx, é a compulsória eliminação da propriedade privada pelo comunismo.



Crítica:

O comunismo, a eliminação forçada da propriedade privada, nada faz para resolver a alienação. A teoria de Marx é falsa, como mostra o comunismo por 70 anos na União Soviética. Ao contrário do que Marx predisse, o comunismo aumenta a alienação.

CAUSA pode concordar com Karl Marx em uma coisa, ou seja, que os seres humanos estão de fato alienados. O grande erro de Marx não foi entender a verdadeira causa da alienação humana.

A opinião de Marx sobre a alienação humana

Causa: Propriedade privada

Solução: Comunismo

O comunismo aumenta a alienação

Cosmovisão da CAUSA: A alienação começa com a separação de DEUS

Homens e mulheres são criados por Deus e são dotados por Deus com sua natureza original. A tradição judaico-cristã está correta, portanto, em sua crença de que o homem se separou de Deus. Este é o ponto inicial da alienação humana. Pela queda do homem, ele separou-se de Deus e de seus semelhantes e do mundo ao seu redor.

A natureza humana é física e espiritual

Na Cosmovisão da CAUSA, o comportamento econômico dos homens é visto como uma dimensão da vida humana. Na verdade, apesar de importante, ele é secundário à dimensão espiritual, o homem interior. O comportamento econômico do homem é governado e controlado pelo homem interior ou a dimensão espiritual.

Os cientistas frequentemente tratam os fenômenos espirituais com desdém. Não obstante, os fenômenos existem. Através da história encontramos coisas como adivinhações, inspirações, possessões diabólicas, aparições, transe, êxtases, milagres de cura e poderes ocultos. Estas ocorrências não podem ser explicadas por uma ideologia materialista, mas devem ser consideradas por uma satisfatória visão geral a emergir.

A despeito da tremenda diversidade de ensinamentos religiosos sobre a vida após a morte, o ponto comum é que o homem tem um aspecto espiritual eterno. Desde Platão e os primeiros gregos até Jesus e Paulo, passando pelas culturas africanas e orientais, também os espiritualistas do século XX, uma crença em um tipo de sobrevivência à morte corporal tem sido afirmada inequivocamente.

Certamente testemunhos da existência de um espírito permeiam a Bíblia. Profetas como Ezequiel e Isaias testemunharam poderosas visões espirituais, conforme o escritor do Livro das Revelações. Nos Evangelhos os anjos falam (Luc. 1:28) e no Monte da Transfiguração, Jesus fala com os profetas há muito tempo mortos, Moisés e Elias.

Talvez hoje o mais dramático testemunho da existência da dimensão espiritual vem daqueles que conheceram o que é comumente chamado de experiências “próximas da morte”. Estes indivíduos que foram tidos clinicamente como mortos e mais tarde reviveram, contam experiências vívidas e espantosas do tempo que estiveram "mortos". Livros como os do Dr. Raymond Moody *Vida Após a Vida*, falam destas experiências.

A Cosmovisão da CAUSA é de opinião que mesmo durante a vida física, vivemos em dois reinos, o material e o espiritual. Nesta visão,

"morte" significa a separação do ser espiritual eterno do ser temporal físico que serviu como um veículo para o desenvolvimento da maturação do espírito.

Será tal visão razoável e acreditável? O proeminente pragmatista americano William James em seu ensaio, *The Will to Believe (A Vontade de Crer)*, examina alguns dos fatores que determinam se algo é "acreditável", e conclui que muitas afirmações são consideradas inacreditáveis exatamente porque são extraordinárias e novas. **(65)**

Uma afirmação inusitada que aparece no reino da ciência frequentemente é alvo de ridículo até que a sociedade científica possa reconciliar-se com o fato de que esta nova opinião é superior àquelas em voga. Isto ocorreu quando Copérnico apresentou sua visão do sistema solar, quando Darwin escreveu sobre evolução e quando Einstein propôs a teoria da relatividade.

Tanta evidência adicional é reunida referente ao aspecto espiritual do ser humano, que é provável que nos encontremos mais e mais com a certeza da vida eterna.

As descobertas da ciência moderna dão ensejo para se acreditar nisto. Enquanto cientistas anteriores pensavam que o mundo fosse construído de minúsculos blocos sólidos de matéria, eles agora acreditam que não é este o caso. O que pensamos como mundo material parece consistir de formas invisíveis de energia. Como ressalta o professor Raynor C. Johnson, da Universidade de Melbourne:

O mundo de colinas e rochas, mesas e cadeiras é para o homem comum e irrefletido o único mundo real. Deve ter havido alguma desculpa para a filosofia materialista do

século XIX que apoiou isto, mas as descobertas da física moderna [...] têm negado esta perspectiva. A solidez do mundo material se provou ilusória [...] (66)

Parece que uma compreensão similar surgiu para Einstein ao notar que este trabalho envolve a descoberta de onde a matéria terminou e onde o espírito começou.

O tempo de vida físico e a oportunidade de desenvolvimento espiritual

Parece que o desenvolvimento espiritual de alguém depende de vários aspectos. Entre eles estão a qualidade de amor e orientação que se recebem dos pais e parentes, e as qualidades de suas ações físicas. Se uma pessoa, por exemplo, usa seu tempo de vida física para efetuar ações mesquinhas e egoístas, tais como roubo e exploração, será necessário retificar tais assuntos para a maturidade espiritual.

Uma diferença entre céu e inferno foi sugerida no século XVII pelo cientista sueco Emmanuel Swedenborg que em seus últimos anos teve uma vasta série de experiências com o mundo espiritual. Swedenborg descreve a diferença:

A atitude que causa uma tendência em direção ao céu é um sentimento de que existe uma força maior [...] (e no esforço) para relacionar-se com ela. Este mesmo espírito de humildade e respeito pela grandeza da criação combina com um esforço de estar com outros e ser d algum uso. Por isso uma pessoa olha em direção ao céu [...] A atitude oposta é

rebaixar a criação e elevar o ser. Aquele com destino para o inferno serve para si mesmo primeiro, por último e sempre. Por isso é cortado das possibilidades de entrar no céu e concentra-se em si mesmo acima dos outros. (67)

Se na verdade nosso ser espiritual cresce em conjunto com nosso corpo físico, então nossas experiências de amor, beleza e alegria na terra condicionam nossa habilidade para sentir estas qualidades no mundo eterno. A qualidade da vida eterna seria então determinada pelo nível de amor que sentimos na terra. As mais profundas experiências de amor devem acontecer na família, assim a unidade familiar é o elemento básico na formação de uma sociedade moral.

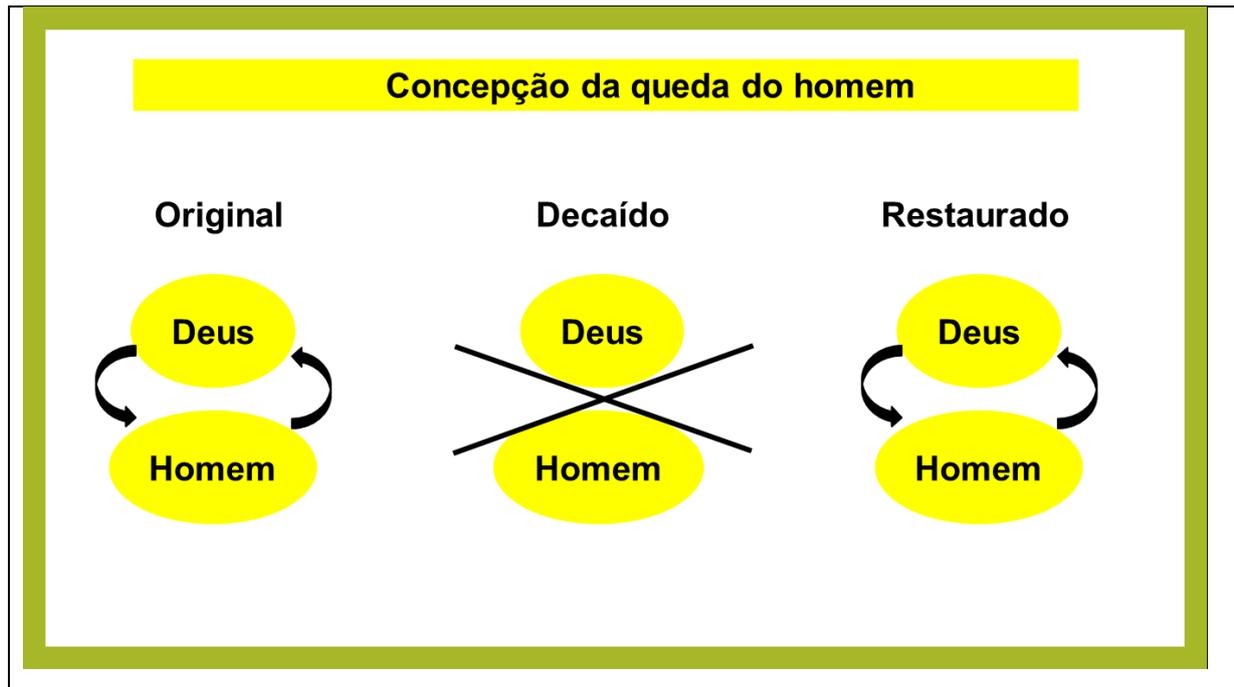


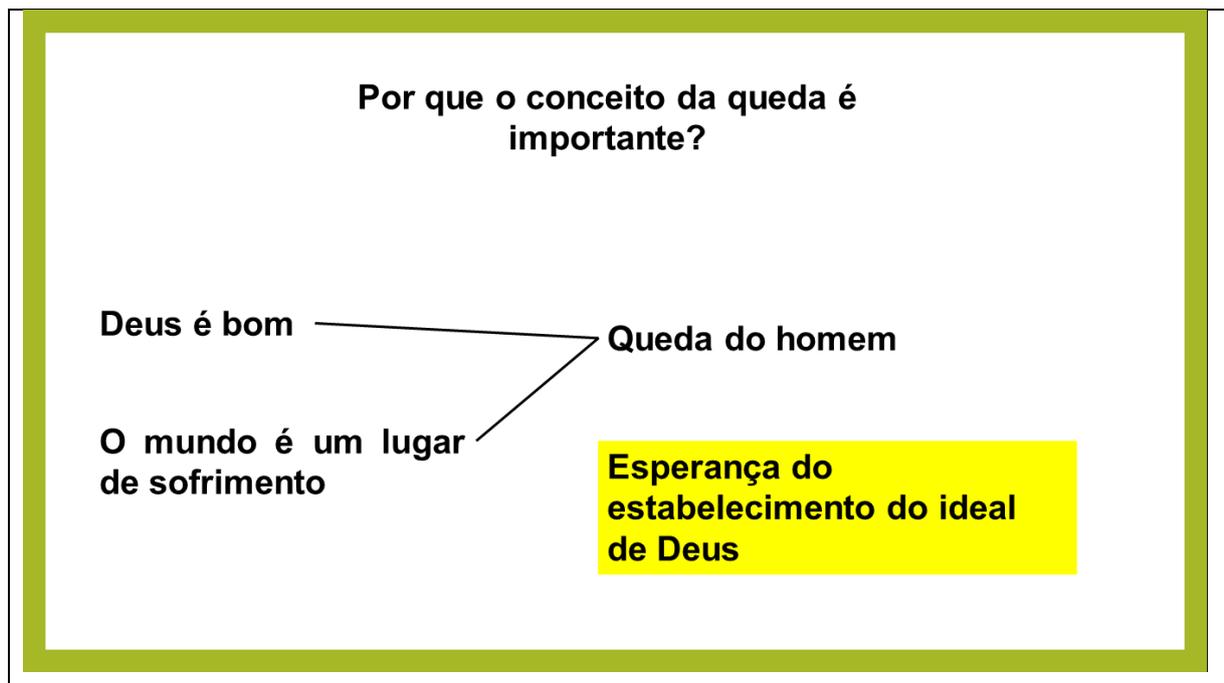
A realidade presente é a "realidade decaída"

Apesar de criado com capacidades extraordinárias, o homem separou-se de Deus e sofreu a perda de sua própria natureza divina. Esta é a

doutrina da queda do homem, aceita pela maioria das religiões. Por que isto ocorreu, implica que Deus assegurou liberdade e responsabilidade aos seres humanos, determinando-se a não intervir, destruindo assim a responsabilidade humana ou violando sua liberdade.

A crença na queda do homem também tem implicações profundas e abrangentes. Se Deus é um ser de amor e emoção, como ensinam as escrituras cristãs, então Deus deve ter ficado profundamente magoado com a perda do relacionamento íntimo de amor com Seus filhos. Além do mais, os seres humanos nunca serão capazes de satisfazer-se até que sejam capazes de restaurar seu relacionamento fundamental com seu Criador e Pai, Deus.





Como pode ser restaurado este relacionamento? Responder esta pergunta nos levaria ao campo da teologia altamente específico. Evidentemente a religião cristã acredita que a salvação ocorre através de Cristo. A religião judaica acredita o mesmo, apesar de detalhes diferentes. Na verdade, a maioria das religiões do mundo falam de alguma figura messiânica. Para os cristãos, Cristo é o Messias que veio para o mundo. Todas as pessoas religiosas do mundo são então potencialmente capazes de unir-se sobre a base de nosso entendimento comum da necessidade da salvação em Cristo.

A crença na queda do homem também oferece uma tremenda esperança: se Deus criou um ideal original, e o sofrimento e o mal no mundo de hoje são resultados da separação do ideal, então há uma possibilidade de terminar o sofrimento e o mal, se o ideal original de Deus puder ser restaurado. Isto é, há a promessa da salvação do homem.

No século XX, a ideia de uma queda do homem tem encontrado não

pouco ceticismo. Desafios à visão escritural têm vindo daqueles que afirmam que se devemos ser científicos, temos que desistir da noção do pecado original, e da historicidade de Adão e Eva e do conceito da queda. A biologia, afirmam, sugere que o homem não caiu de um estado de felicidade sobrenatural. Exatamente o oposto; originalmente éramos animais sem consciência. Muito lentamente, o homem evoluiu para o estágio primitivo de sociedade. Moralidade neste nível significava obediência a normas externas sancionadas pelo costume e reforçadas pela tribo. Mais recentemente o homem reconheceu a dignidade do indivíduo, dotado com direitos pessoais e responsabilidades.

Outro enfoque, dado pelo conhecido psicólogo Rollo May, afirma que a história de Adão e Eva descreve a vinda da era de cada indivíduo, envolvendo uma inevitável perda de inocência e o doloroso surgimento da autoconsciência, simbolizada pelo ato de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Com referência a estas opiniões, notamos que mesmo o evolucionismo não pode excluir a possibilidade da criação divina e um distinto ponto inicial da vida humana. Então ficamos com a questão chave se Deus criou ou não. Se Deus criou, e Ele é um Deus de bondade e amor que não desejaria que seus filhos sofressem então uma queda real e histórica do homem deve ter ocorrido.

Qualquer que seja a opinião da queda que aceitemos, devemos lidar honestamente com o fato de que o mal é real e a imortalidade é altamente destrutiva. Interpretações abstratas e simbólicas da queda falham em explicar como os homens e mulheres se distanciaram de Deus e como o mal veio ao mundo.

A queda do homem:

- 1. A realidade do mal**
- 2. Os efeitos destrutivos da imoralidade na vida humana**

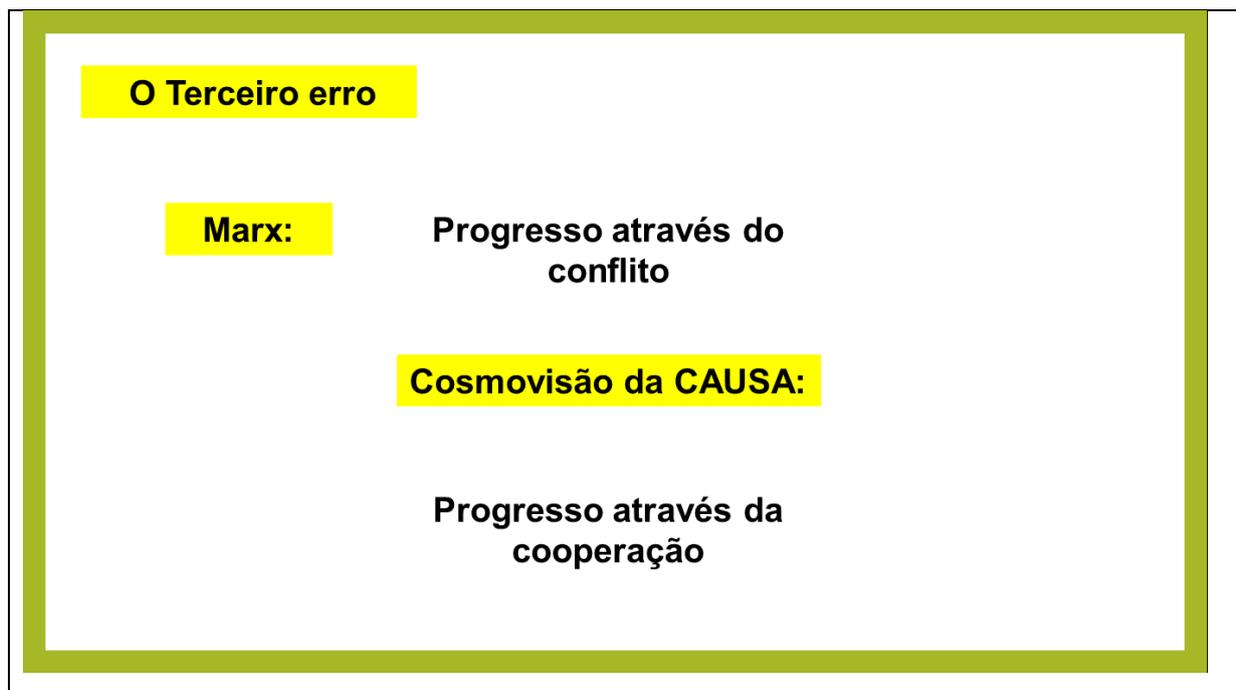
3- TERCEIRO ERRO: DE ACORDO COM MARX O CONFLITO GERA PROGRESSO

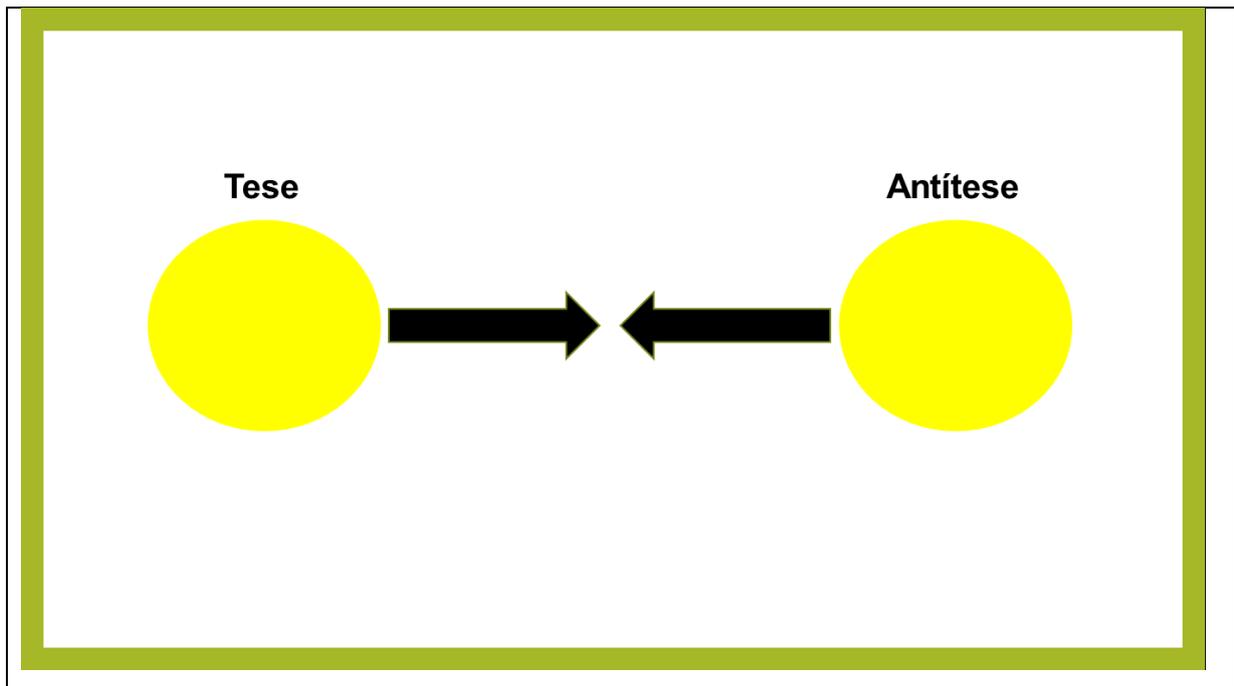
O marxismo se baseia no modelo dialético de tese em contradição e conflito com antítese.

A crença de que a contradição é o meio para o progresso é, na verdade, uma parte doutrinal da política soviética hoje. Por exemplo, o general Leksei A. Vepishev, chefe da principal administração política das Forças Armadas, escreve relatando a operação da dialética a nível global: "A dialética da época atual é tal que o confronto histórico entre os dois sistemas sociais, entre as forças do progresso e relação está acontecendo nas condições de crescente superioridade da comunidade socialista e as forças revolucionárias sobre o imperialismo, sobre as forças de reação e guerra". (68)

Quando a dialética é transformada em uma lei da natureza e

sociedade, então o progresso apenas pode vir através de oposição e conflito. Quando Marx falou da luta entre elementos contraditórios, ele deixou claro que isto significava destruição ou extermínio. A lei da dialética tornou-se inevitavelmente uma justificativa para o barbarismo, porque matar deixou de ser um crime. Por este motivo, o comunismo é uma história de assassinio. O assassinio sendo a inexorável lei do progresso continua muito tempo após a revolução haver terminado.



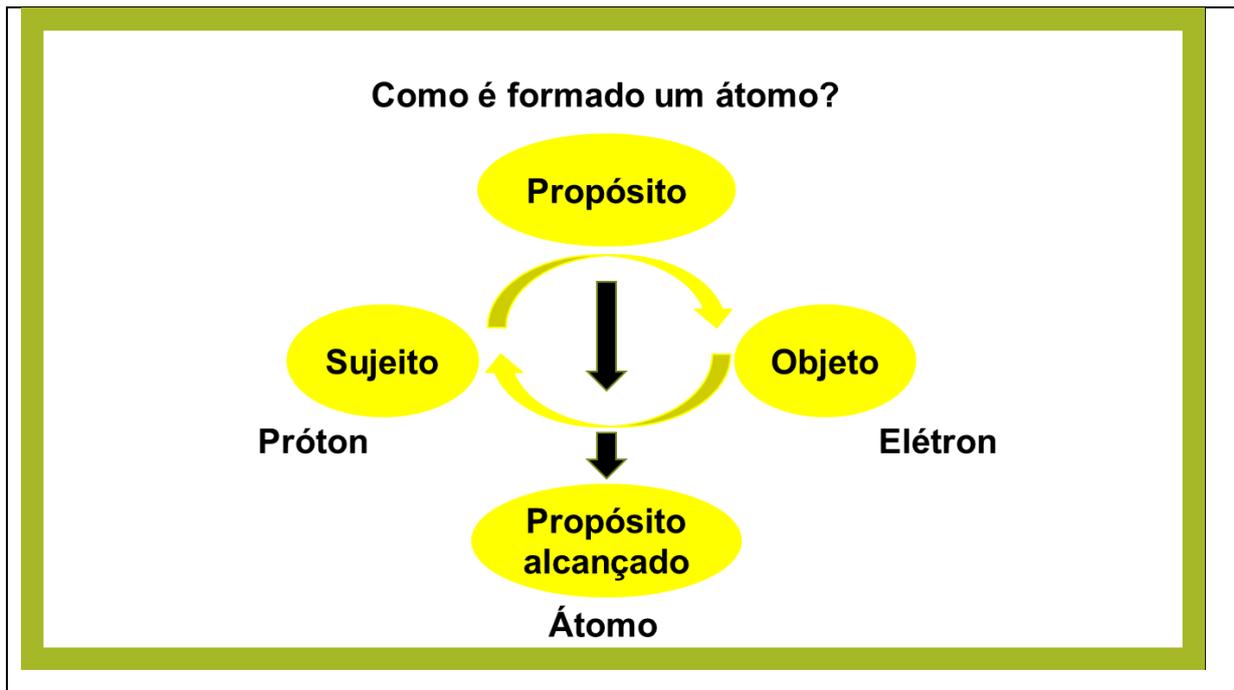


Crítica:

O materialismo dialético será compreensivelmente criticado no Capítulo 3. Neste ponto notemos simplesmente que o conflito não gera progresso. O conflito pode ser necessário, mas o progresso somente pode ser alcançado através de cooperação. Cosmovisão da CAUSA: o progresso ocorre através de cooperação.

Em contraste com a dialética marxista, a Cosmovisão da CAUSA afirma que a lei do progresso na natureza e sociedade é aquela do dar e receberem relacionamento de cooperação mútua.

Como é formado um átomo? Primeiramente deve haver alguma finalidade que junte as partes em relacionamento. Claramente, esta seria a finalidade de formar um átomo. Centrando-se nesta finalidade, próton e elétron se interrelacionam nas posições de sujeito e objeto. Através de sua mútua interação, o átomo é formado e a finalidade alcançada.



Toda criação do universo é formada da união de elementos pares, sujeito e objeto, que compartilham uma finalidade comum e buscam mútuo benefício. O relacionamento complementar entre os dois provê a energia para a existência, ação, multiplicação e progresso.

A lei de cooperação está em operação desde os menores níveis das partículas, tais como prótons e elétrons, até o mais alto nível da criação, a vida humana. Na sociedade humana, marido e esposa formam um relacionamento onde o dar e receber amor preenche sua felicidade e multiplica-se em filhos. Finalmente, mesmo o relacionamento entre Deus e o homem obedece a esta lei. Neste caso, Deus é sujeito e todos os homens e mulheres são os objetos formando relacionamentos recíprocos com Ele. Isto alcança a alegria e satisfação de Deus que é o propósito da criação, e também alcança alegria, satisfação e vida eterna do homem.

Complemento: O processo de crescimento e suas implicações sociais

Os seres humanos e as sociedades que eles compõem não são estáticos, ao contrário, parecem estar sempre mudando e se desenvolvendo. Como ocorrem estas coisas? Qual é a dinâmica de mudança e crescimento no indivíduo e na sociedade?

De acordo com a doutrina marxista do materialismo histórico, forças produtivas estão continuamente sendo desenvolvidas. Em um certo ponto, o progresso das forças produtivas é confrontado pelas relações de produção e da revolução que ocorre. Através de altos revolucionários, ocorrem mudanças nas organizações e nos indivíduos.

Pode-se dizer que o marxismo não aumenta o conceito de crescimento. Não está claro, por exemplo, o que é a dinâmica do progresso das forças de produção. Nem é explicado como uma pessoa atinge a maturidade. Também não está claro como amadurece um estágio social, exceto que é presumido que alguma dialética interna está em operação.

Esta é uma falha grave. A ideologia marxista não oferece qualquer orientação quanto à maturidade das sociedades até o ponto em que possam alcançar a democracia funcional. Meramente clama por revolução. A tradição religiosa, por outro lado, é uma fonte de pensamento rico referente ao processo de crescimento e finalidade da criação, personalidade, caráter e espírito nos vários modos em que estes

termos são entendidos.

As escrituras hebraicas falam da ordem de Deus para que o homem frutificasse (Gên. 1:28), uma bênção que pode ser interpretada como os seres humanos sendo dotados por Deus com liberdade e responsabilidade para buscar seu crescimento individual. Mesmo a própria história da criação é uma clara indicação de que nada vem à existência instantaneamente, mas sim, que todos devem passar por períodos de crescimento. O universo, neste caso, é retratado como passando por um período de criação de seis "dias".

Para os cristãos, o crescimento espiritual está intimamente ligado aos dois grandes mandamentos de amor a Deus e amor ao próximo. Ao amar a Deus, o pilar vertical da vida espiritual é estabelecido e deste fundamento vertical o cristão estende o amor de Deus aos outros.

Neste século, a visão religiosa tem sido enriquecida grandemente pelas observações de cientistas sociais e psicólogos, particularmente aqueles que se apóiam no fundamento religioso.

Victor Frankl, por exemplo, desenvolvendo seu método de logoterapia, fala das três teorias básicas que sublinham seu trabalho. (1) Liberdade de Vontade, (2) Resolução de Propósito, e (3) Significado da Vida. Frankl acredita que o homem é antes de qualquer coisa, livre, e como um ser livre está inclinado por sua natureza a buscar significado. Engajado na busca ele descobre que a vida está, na verdade, repleta de significado potencial. Frankl escreve:

A vida pode ser significativa (1) pelo que nós damos ao mundo em termos de nossa criação; (2) pelo que tomamos do mundo em termos de experiência; e (3) pela posição que

tomamos em direção ao mundo, isto é, pela atitude que escolhemos referente ao sofrimento. (Ênfase acrescentada.)

(69)

M. Scott Peck, em seu trabalho *The Road Less Travelled*, discute sua visão da vida como o processo de crescimento espiritual. Após anos de aconselhamento bem sucedido, Peck começou a acreditar que este crescimento vem pela graça de Deus juntamente com os esforços máximos e contínuos do indivíduo.

É hoje largamente aceito que as primeiras experiências dentro da família são profundamente influentes em determinar sua futura saúde psicológica e integridade. As diversas relações da família também provêm terreno natural para o progresso do crescimento na dinâmica do amor. Especificamente, podemos identificar três expressões básicas de amor que se desenvolvem progressivamente na família: passivo, mútuo e incondicional. Por exemplo, quando uma pessoa é criança, ela experimenta o amor passivamente conforme recebe amor e cuidado dos pais.

Nos relacionamentos com os irmãos e irmãs o indivíduo é conduzido a conhecer o amor de modo diferente, através de troca mútua. A troca mútua de amor encontra sua expressão mais alta no relacionamento entre marido e esposa. Finalmente, tornando-se um pai, ele é solicitado a expressar amor incondicional para seus filhos.

Em um sentido, a família é a única instituição criada por Deus. A família é criada para ser a escola de amor, onde cada pessoa pode crescer para a plena maturidade em sua capacidade de amor. Desde que o amor de Deus é expresso primeiramente através dos seres humanos, a família

parece ser a base para o mais pleno conhecimento de Deus, reafirmando assim a santidade do casamento.

Implicações sociais profundas

Enquanto o marxismo intensifica as mágoas e apressa a expressão violenta imediata de acusações, o entendimento do processo de crescimento tempera e influencia nossas respostas às injustiças sociais.

Por exemplo, viemos a entender que o comportamento anormal humano é frequentemente sintoma de imaturidade de caráter, e não pode ser corrigido simplesmente pela força ou reprogramação, porém, criando ambientes e providenciando o enriquecimento espiritual que permite que a maturação espiritual aconteça. Por exemplo, foi descoberto nos Estados que o racismo não poderia ser legislado. Em famílias e comunidades, entretanto, onde as pessoas têm sido capazes de sentir profundamente em seus próprios corações que todos os homens e mulheres são filhos de Deus, qualquer preconceito racial pode diminuir e desaparecer.

No nível sócio-político, gostaríamos de ver uma democracia genuína e saudável florescer em todas as partes do mundo. Vemos em certas áreas, entretanto, que há uma tendência para a corrupção, ineficiência e autoritarismo. Tais situações não apenas são infelizes em si, mas são também terrenos férteis para o totalitarismo estabelecer-se através da revolução comunista. Aqui novamente, legislação, ajuda, construção, etc., por parte dos Estados Unidos ou qualquer outra nação não é a solução completa.

Temos de admitir que um processo de crescimento natural deva

ocorrer e as condições têm que ser criadas para ocorrer o crescimento. Parte da estratégia comunista para a tomada de certas áreas parece ter criado situações onde o processo de crescimento espiritual é dificultado ou impedido.

4- QUARTO ERRO: DE ACORDO COM MARX, A HISTÓRIA É UMA SÉRIE DE LUTAS, LEVANDO AO COMUNISMO

Marx interpretou erradamente a história humana. Ele a via como uma sucessão de lutas de classes. Aplicando a dialética à história ao seu início imaginado, ele desenvolveu o materialismo histórico.

Marx afirmava que no início da história existia uma sociedade comunitária primitiva onde cada um vivia em harmonia, sem a posse privada. Com o aparecimento de escravos e senhores escravocratas a sociedade comunitária tornou-se uma sociedade escravocrata, iniciando a luta de classes. A transição de um estágio de organização social para outro pode apenas ser feito através da violência.

A luta final ocorrerá entre o proletariado e a burguesia e isso fará surgir o socialismo. O socialismo, disse Marx, aumentará tremendamente a produtividade humana e assim a distribuição de bens será baseada somente na necessidade e isto será comunismo.

Quarto erro

Marx:

**Luta de classes
Comunismo**

Cosmovisão da CAUSA:

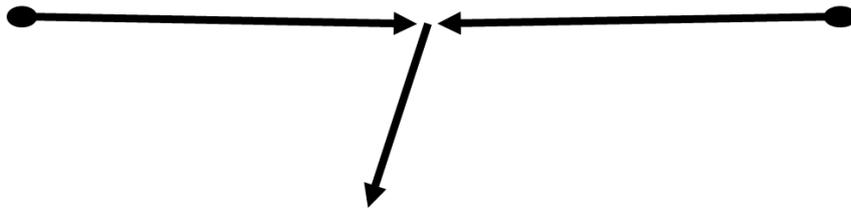
**Luta do bem e do mal
Mundo bom e moral**

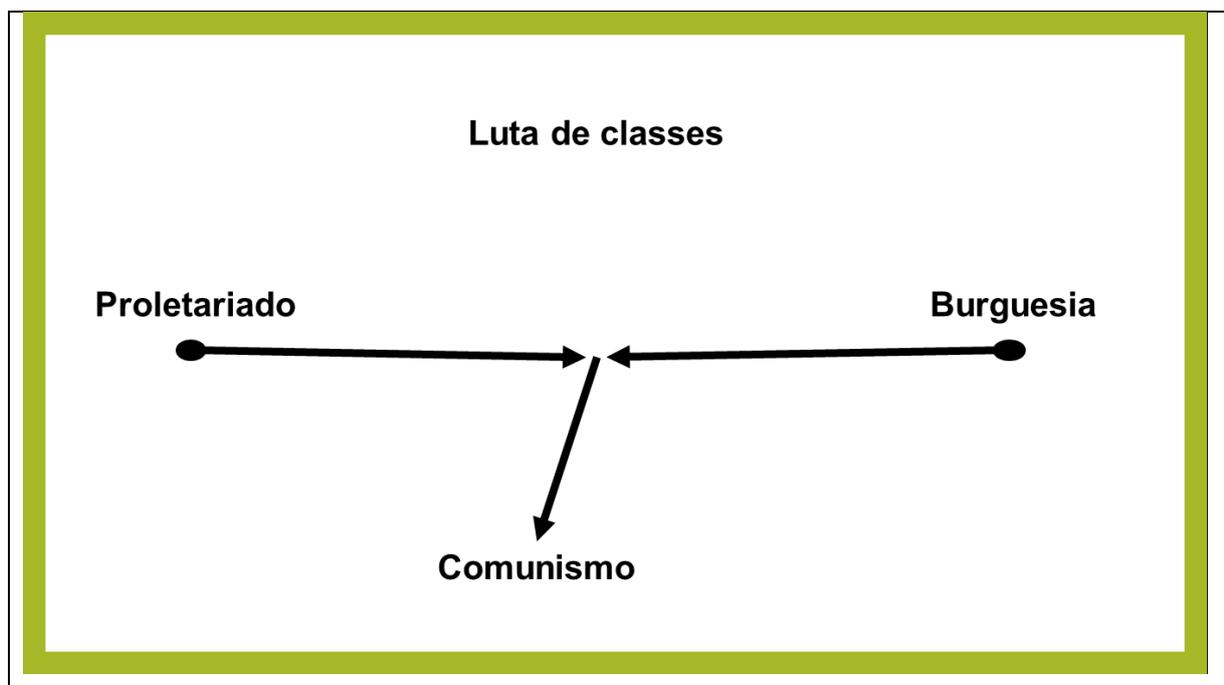
Luta de classes

Proletariado

Burguesia

Socialismo





Crítica:

Contrárias a estas observações, transições pacíficas de um estágio são possíveis. No caso do império Meiji no Japão, por exemplo, a transição foi feita do feudalismo para a sociedade industrial moderna através da cooperação entre os chefes de estado e o povo. Não houve revolução violenta.

Além do mais, houve muitas guerras na história que nada tinham a ver com a luta de classes. A luta que ocorre hoje tem suas raízes nas diferenças religiosas. O Canadá vive a experiência da divisão, devido a diferenças nos idiomas e cultura.

Tomando todas as lutas como lutas de classes, os pensadores marxistas têm consistentemente mal-interpretado a natureza dos conflitos. Durante a 1ª Guerra Mundial, Lenin exortou os trabalhadores da Rússia, Alemanha, França e Inglaterra a não lutar. Ele acreditava que

a base mais importante para a unidade e solidariedade era a classe. Lenin falhou em compreender que há muitas coisas mais importantes do que a classe. Amor ao país é uma delas. Apesar de todos os rogos de Lenin, os trabalhadores escolheram ir à luta por suas nações.

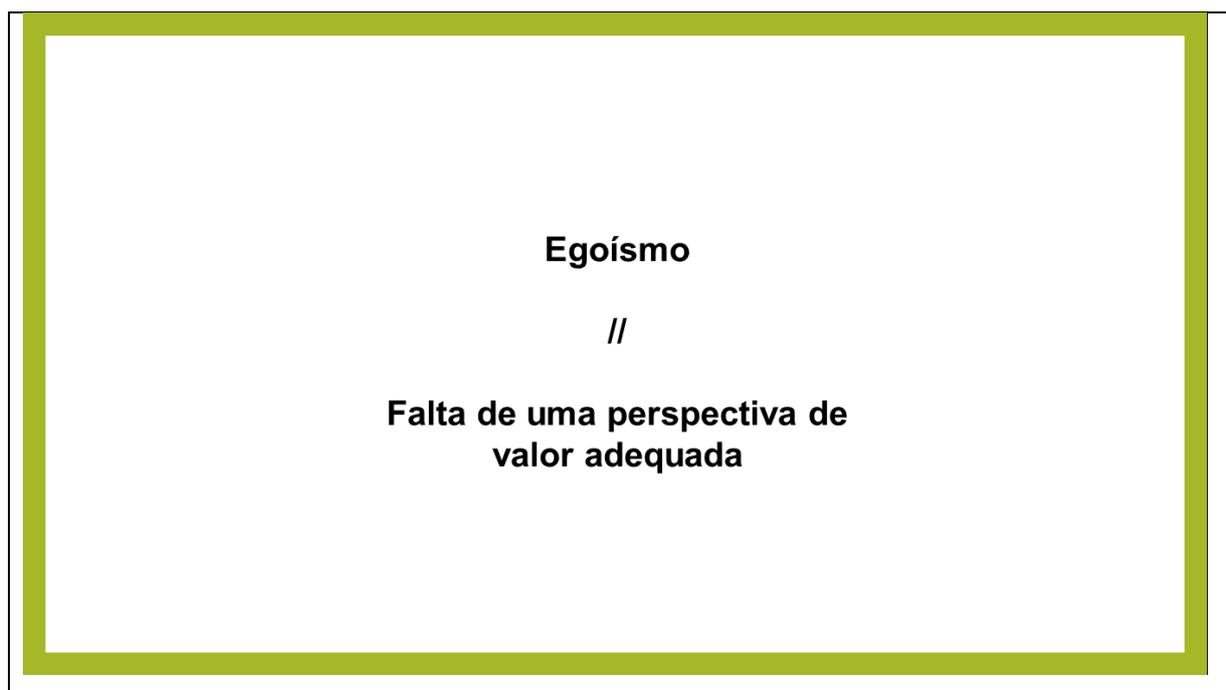
Além disso, descobrimos que Lenin apenas aplicou sua lei dialética seletivamente. Se a dialética é a base de todo comportamento, não deveria haver exceções. Se a história é uma manifestação de seu funcionamento, como pode então a sociedade comunista ser o estágio final? Por que a evolução da sociedade deveria parar neste ponto?

Finalmente, o que é o comunismo? Se o comunismo significa marxismo-leninismo como é aplicado hoje, então é uma falha social funesta. Se o comunismo refere-se ao mundo que surgirá no fim da história como Marx o imaginou, então ele é um mito.



Cosmovisão da CAUSA: A luta do bem e do mal

A causa final da luta neste mundo brota da luta interna que existe no homem. Grandes filósofos éticos e políticos desde Platão até hoje têm notado esta luta entre virtude e vício, egoísmo e altruísmo. A luta é manifestada externamente nos níveis de sociedade, nação e mundo como uma luta entre o bem e o mal.

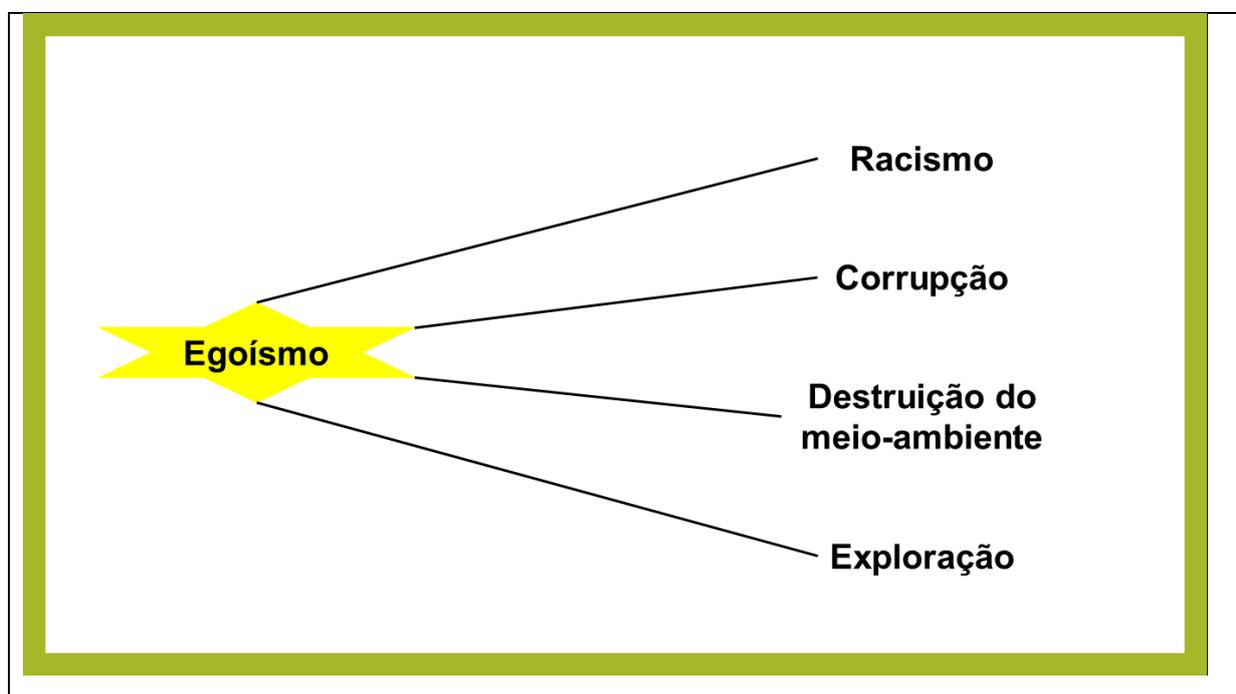


Não há dúvida de que têm ocorrido tremendas lutas através da história. Estas lutas acontecem devido ao egoísmo e ao mal que se tornaram parte da natureza do homem, e continuarão até que a boa natureza original dos seres humanos seja completamente restaurada.

O egoísmo não é o desejo natural de homens e mulheres em busca de seu autobenefício. É mais que a perversão deste desejo que resulta de uma visão limitada do que é benéfico. A vida envolve uma sucessão de decisões e escolhas. Egoísmo significa fazer uma má escolha. A pessoa

egoísta perde o maior benefício procurando os valores menores. Egoísmo é a falta de uma perspectiva própria de valor.

O egoísmo manifesta-se em tais males sociais como racismo, corrupção, abuso do ambiente e exploração. Evidentemente estas são as coisas contra as quais os marxistas bradam, mas o marxismo não tem força para conter os males sociais porque não tem o poder de alcançar o coração humano e resolver o problema do egoísmo. O egoísmo poderá apenas ser resolvido elevando-se a perspectiva humana em direção da perspectiva absoluta do valor centralizado em Deus.



Isto não pode ser feito através da luta de classes. Cada pessoa deve vencer o egoísmo e o mal em sua vida diária. Isto apenas será possível se o homem puder encontrar a Deus e encontrar o valor eterno no relacionamento com Ele. Homens e mulheres devem estabelecer relacionamentos adequados com Deus e com seus semelhantes.

É visão da CAUSA que a humanidade tem esperança porque a natureza humana original é boa. Quando se muda a prioridade de valores, estabelecendo o relacionamento adequado com Deus, isto resolverá permanentemente o problema da alienação. A partir de então não mais haverá guerra e conflito. Os seres humanos e o universo progredirão de acordo com o modelo original de dar e receber em cooperação mútua.

A história move-se para o estabelecimento de um mundo moral e bom

As religiões que tentam lidar com a história tornam-se envolvidas no conceito da providência de Deus. A providência pode ser geralmente considerada como o relacionamento contínuo de Deus com nosso mundo. É o meio que Deus usa para orientar os humanos a desenvolver suas potencialidades, bem como entender o plano de Deus para a criação.

Finalmente, Deus permanece soberano. Apesar de nossas liberdades reais, mas limitadas, Ele ainda é o senhor derradeiro de nosso destino. Além disso, a finalidade de Deus para a criação permanece sem mudança. Se Deus criou homens e mulheres e todo o universo com um bom propósito, então certamente este bom propósito deve ressurgir.

Como Toynbee escreveu, o destino da humanidade deve ser a santidade, não para alguns seletos, mas para todos. Em tal mundo, famílias, sociedades e nações viveriam em conformidade com a vontade

divina e entendimento da finalidade que Deus tinha para a criação. Este propósito permaneceria então como a meta final da história humana.

VI. A IDEOLOGIA NA PRÁTICA: O MARXISMO E A COSMOVISÃO DA CAUSA

O marxismo serviu como base para o desenvolvimento do comunismo de hoje. O comunismo de hoje é o marxismo na prática. Examinemos uma vez mais os dogmas do marxismo para ver como esta prática bárbara são encorajadas e justificadas.

A. A APLICAÇÃO PRÁTICA DA FILOSOFIA MARXISTA

1- O MARXISMO NEGA DEUS

O que isto significa na prática? Necessariamente não significa nada, mas pode significar uma série de coisas. Remove a base para a ética e a moralidade; remove a base do valor absoluto; e abre caminho para o barbarismo.

2- O MARXISMO DIZ QUE OS HOMENS SÃO ALIENADOS POR SEU AMBIENTE ECONÔMICO, QUE O PROBLEMA É A PROPRIEDADE

PRIVADA E QUE A SOLUÇÃO É O COMUNISMO

Esta ideia está avançando com grande vigor através do mundo. Que efeito tem sobre as pessoas? Que efeito tem isto sobre a emoção humana? As pessoas tendem a ser mais emocionais do que racionais, e a visão de que estão sendo oprimidas e alienadas aguça os ressentimentos e prepara as pessoas para participarem mais efetivamente na revolução.

3- O MARXISMO DIZ QUE A CONTRADIÇÃO TRAZ PROGRESSO

O marxismo na prática significa confronto e conflito.

4- O MARXISMO DIZ QUE O COMUNISMO É A META

Porém, quando esta meta é alcançada na prática, é o estado totalitário. Deus é negado. O ateísmo torna-se a religião do estado. Propriedade é contrabando. Todo mundo é criminoso. Todos têm crimes para ocultar e temem a vigilância que está em toda parte. Isto é o comunismo.

Em resumo, a essência do marxismo é uma apologética para o assassinio. O "novo filósofo" francês André Glucksmann disse uma vez:

Eu não acredito em Deus, mas após ler sobre o Gulag eu cheguei à conclusão de que o diabo existe. (70)

De fato, o marxismo lembra o mal encarnado. Ele representa uma

dimensão da história humana que jamais foi vista.

B. AS APLICAÇÕES PRÁTICAS DA COSMOVISÃO DA CAUSA

Fecharemos este capítulo apresentando o Deusismo, uma cosmovisão na afirmação de Deus formulada como resposta ao marxismo e a confusão no Ocidente que permitiu ao marxismo emergir e continuar. O Deusismo começa com a afirmação de Deus e continua a examinar algumas das implicações disto. A motivação oculta desenvolvendo e formulando o Deusismo é que serve como fator unificador entre as pessoas conscienciosas e crentes em Deus. Tende a evitar posições teológicas particulares e enfatiza os valores compartilhados. As noções básicas desta cosmovisão e suas implicações podem ser resumidas como segue.

1 - DEUS EXISTE

A crença em Deus requer certa resposta humana. A resposta é encontrar situações e encontrar-se um ao outro com amor. A noção, por exemplo, de que todo ser humano é um filho de Deus, implica que todos são irmãos e irmãs uns dos outros, e isto requer inter-relação de amor entre as pessoas.

2- HOMEM AFASTOU-SE DE DEUS

Os seres humanos deveriam desfrutar um relacionamento íntimo e próximo com seu Criador, contudo, algo aconteceu e este relacionamento não se realizou. Há muitas interpretações diferentes da queda, mas não temos que nos limitar a uma visão particular para ver quão vital é o conceito.

A solução para a situação humana é a salvação e restauração em Deus. Portanto, cada ser humano é encorajado a assumir responsabilidade em seu processo de restauração. Não importa em que situação alguém possa encontrar-se, ódio e ressentimento não são escapatórias. Destruição não é a solução. A saída é o caminho da responsabilidade e da restauração do relacionamento danificado entre Deus e o homem.

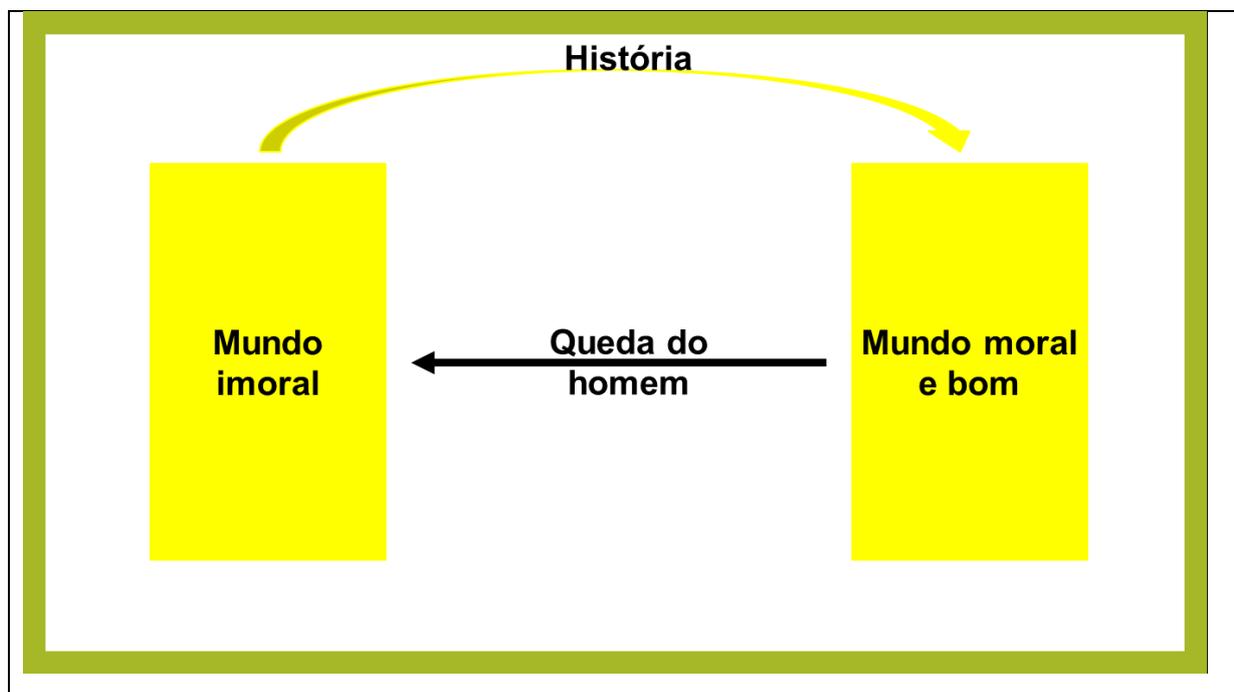
Esta visão solicita aos indivíduos tomarem a responsabilidade de restabelecer seu relacionamento com o Criador e viver de maneira adequada.

3 - A FELICIDADE E O PROGRESSO HUMANO ACONTECEM ATRAVÉS DE INTERAÇÃO MÚTUA DE DAR E RECEBER

O progresso somente pode vir pela cooperação. Homens e mulheres devem construir bases comuns. Crenças compartilhadas devem ser identificadas e edificadas. A troca de amor abnegado traz o bem mais elevado e o benefício para o bem-estar eterno.

4 - A HISTÓRIA MOVE-SE PARA O CUMPRIMENTO DO IDEAL DE DEUS

Portanto, devemos assumir nossas posições em um mundo bom e moral. A importância da vida física no processo de desenvolvimento espiritual significa que devemos praticar a moralidade e a justiça durante nossas vidas.



CONCLUSÃO: DOIS CAMINHOS

Todas as pessoas conscienciosas estão buscando justiça e bem-estar. Temos falado sobre a importância da ideologia ao escolher um caminho para este fim. A ideologia faz surgir a *práxis* e a práxis por sua vez traz

um certo *processo*. No caso do comunismo, a ideologia comunista faz surgir a revolução violenta com a meta de mudar a estrutura da sociedade.

Sob esta ideologia, entretanto, está o reino crucial da fé. O comunismo demanda a fé de que Deus não existe.

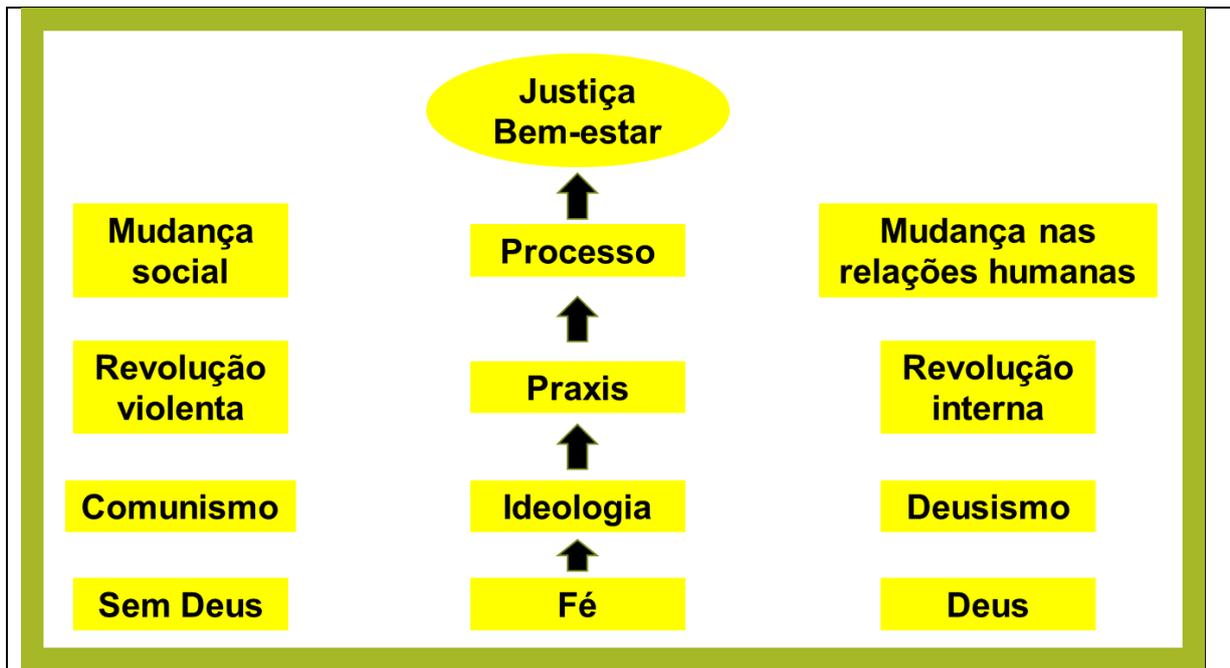
O comunismo não traz justiça e bem-estar. O problema verdadeiro está na raiz — a negação de Deus. Devemos começar nossa busca por justiça e bem-estar afirmando a existência de Deus. Isto servirá como fundamento para a cosmovisão da crença em Deus — Deusismo — que faz surgir a revolução interna no coração. A meta desta revolução é a mudança das relações humanas dentro das estruturas sociais existentes.





Na verdade, existe somente um caminho para cumprir o propósito da criação dado por Deus. E este caminho é o caminho do Deusismo.





MATERIALISMO DIALÉTICO E HISTÓRICO

“Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras; a questão é, como mudá-lo.”

Marx

Teses de Feuerbach

NOTAS DO CAPÍTULO DOIS

1. Harol Perkin, *The Origins of Modern English Society (As Origens da Moderna Sociedade Inglesa) 1780-1880*, Londres, Routledge and Kegan Paul, p. 164.
2. Perkin, p. 163.
3. Wataru Hiromatsu, *On Young Marx (A Respeito do Jovem Marx)*, Tokyo, Heibonsha, p. 15.
4. James H. Billington, *Fire in the Minds of Men (Fogo nas Mentes dos Homens)*, New York, Basic Books, 1980, p. 232.
5. Karl Marx e Frederick Engels, *Collected Works (Obras Seleccionadas)*, Moscou, Progress Publishers, 1975, (A partir daqui referido como MECW) Vol. I pp., 637-8.
6. *Ibid.*, p. 613.
7. *Ibid.*, pp. 563.
8. Ludwig Feuerbach, *The Essence of Christianity (A Essência do Cristianismo)*, New York, Harper Torchbooks, 1957, p. 14, citado por Sang Hun Lee em *The End of Communism (O Fim do Comunismo)*, manuscrito não publicado.
9. Ludwig Feuerbach, *Works (Trabalhos)* por Friedrich Jodi, Stuttgart, 1959-1960, Vol. VI, p. 41, como citado por Frederick Copleston, *A History of Philosophy ((Uma História da Filosofia)*, Garden City, New York, Image Books, Vol. 7, Parte II, p. 64.
10. Frederick Engels, "Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy (Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Germânica Clássica), *Selected Books*, Moscou, Progress Publishers, 1970, Vol. 3, p. 354.
11. Billington, p. 267.
12. Billington, p. 268.
13. Como citado em Peter Singer, *Marx*, Oxford, Oxford University Press, 1980, pp. 14-15.

14. MECW vol. 1, p. 220.
15. Karl Marx, A Contribution to the Critique of Political Economy (Uma Contribuição para a Crítica da Economia Política), Marx e Engels, Selected Works, 3 vols.. Moscou, Progress Publishers, 1969, Vol. 1, p. 502.
16. Marx, A Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Law, Introduction, Oxford, Oxford University Press, p. 50.
17. Marx, On the Jewish Question, MECW, Vol. 3, p. 159.
18. Ibid., p. 151.
19. Marx, Letter to Ruge, 30-11-1842, MECW, Vol. 1, p. 395.
20. Marx, On the Jewish Question, MECW, Vol. 3, p. 168.
21. Ibid., p. 174.
22. Marx e Engels, The Holy Family, MECW, Vol. 4, p. 36.
23. Engels, "The Part Played by Labor in the Transition Ape to Man", em The Origin of the Family, Private Property, and the State, International Publishers, New York, 1972, p. 251.
24. Marx, Economy and Philosophie Manuscripts of 1844, MECW, Vol. 3, p. 274.
25. Engels, "The Part Played By Labor.. p. 260.
26. Marx e Engels, The German Ideology, MECW, Vol. 5, p. 47.
27. Ibid., p. 46.
28. Marx, Economy and Philosophie Manuscripts of 1844, MECW, Vol. 3, p. 300.
29. Marx e Engels, The Holy Family, citado em David McLellan, The Thought of Karl Marx, New York, Harper Torchbooks, 1974, p. 32.
30. Marx, "Theses on Feuerbach", MECW, Vol. 5, p. 4.
31. Marx e Engels, The German Ideology, citado em David McLellan, p. 35.
32. Marx, The Poverty of Philosophy, citado em David McLellan, p. 39.
33. Marx e Engels, Manifesto of the Communist Party, MECW, Vol. 6, p. 498.
34. Ibid.
35. Ibid., p. 500.
36. Ibid., p. 482. (Nota de Engels para a edição inglesa de 1888).
37. Ibid., p. 519
38. Marx, Contribution to a Critique of Hegel's Philosophy of Law, introduction, MECW, Vol. 3, p. 187.
39. André Gide, citado no The God that Failed, Richard Crossman, ed., New York, Harper and Brothers, 1949, p. 173.
40. ibid., p. 183
41. Lawrence Minard e James M. Michaels, "Why workers won't work in the Soviet Union", Forbes, dezembro de 1982, p. 141.
42. Marshall Goldman, USSR in Crisis, New York, Norton, 1983, pp. 2, 47.
43. Gregory Grossman, "The Second Economy of the USSR", Problems of Communism, set-out.. 1977, p. 25.
44. Hedrick Smith, The Russians, New York, Valentine Books, . 1976, pp. 81-82.
45. Michael Binyon, Life in Russia, New York, Pantheon Books, 1983, pp. 16-17.
46. Ibid., p. 24.
47. U.S. Dept, of Labor, Turnover Statistics, fev. 1982.
48. Minard e Michaels, Forbes, p. 138.
49. Kevin Klose, Russia and the Russians, New York, Norton,

- 1984, pp. 80-81.
50. Konstantin Simis, *USSR: The Corrupt Society*, New York, Simon and Schuster, 1982, p. 248.
 51. *ibid.*, p. 300.
 52. Binyon, p. 39.
 53. Para uma avaliação deste assunto, ver James Thrower, *Marxist-Leninist "Scientific Atheism" and the Study of Religion and Atheism in the USSR, Berlin e New York*, Mouton, 1983, 500 p.
 54. Do video-tape de uma entrevista distribuído por Freedom Press, Oklahoma City.
 55. Autoridades da Alemanha Oriental têm anunciado que campos de minas e armadilhas de rifles automáticos não mais serão mantidos ao redor da cidade de Berlim Ocidental, mas ainda serão usados ao longo da fronteira entre a Alemanha Oriental e a Ocidental.
 56. Leszek Kolakowski, *Main Currents of Marxism*, 3 Vols. transp. por P. S. Falla, New York, Oxford University Press, 1978, Vol. 1, p. 290.
 57. Marx, "A Contribution to the Critique of Political Economy", de *Marx and Engels, Basic Writings on Politics and Philosophy*, Lewis Feuer, ed. New York, Anchor Books, 1959, p. 43.
 58. Marx, A Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Law, Introduction, MECW, Vol. 3, p. 177.
 59. Marx e Engels, The Holy Family, MECW, Vol. 4, p. 36.
 60. Hans Küng, *Does God Exist?*, New York, Vintage Books, 1981, p. 529.
 61. A discussão acima extraída de Young Oon Kim, *An Introduction to Theology*, New York, Associação do Espírito Santo para a Unificação do Cristianismo Mundial, 1983, pp. 25-30. Em seu texto, a Dra. Kim cita Richard Swinburne, *The Existence of God*, Oxford, Clarendon Press, 1979.
 62. Küng, p. 702.
 63. Albert Szent-Györgyi, "Drive in Living Matter to Perfect Itself", *Síntese*, NP 1, 1976, p. 18.
 64. Kolakowski, p. 384.
 65. William James, "The Will to Believe", em *Pragmatismo e Outros Ensaios*, New York, Washington Square Press, 1963, pp. 193-213.
 66. Raynor C. Johnson, *The Imprisoned Splendor*, New York, Harper e Row, 1953, pp. 297-298.
 67. Resumido em W. Van Dusen, *The Presence of Other Worlds* New York, Harper and Row, 1974, p. 76.
 68. A. A. Yepishev, *Some Aspects of Party-Political Work in the Soviet Armed Forces*, Moscou, Progress Publishers, 1975, pp. 5-6, citado em R. Judson Mitchell, *Ideology of a Superpower* Stanford, Hoover Institution Press, 1982, p. 9.
 69. Victor Frankl, *Psychotherapy and Existentialism*, New York, Simon and Schuster, p. 24.
 70. Maurice Clavel, *Deux Siecles chez Lucifer*, Paris, Seuil, 1978, p. 18